

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**  
**MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**YARA FERNANDA DE OLIVEIRA ADAMI**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE LÍNGUA  
PORTUGUESA NA CIDADE DE CÁCERES-MT**

**CÁCERES-MT**

**2023**

**YARA FERNANDA DE OLIVEIRA ADAMI**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE LÍNGUA  
PORTUGUESA NA CIDADE DE CÁCERES-MT**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Professora Dra. Cristiane Schmidt.

**CÁCERES-MT**

**2023**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

A198a ADAMI, Yara Fernanda de Oliveira.  
A Variação Linguística no Contexto Escolar de Língua Portuguesa na Cidade de Cáceres-MT / Yara Fernanda de Oliveira Adami - Cáceres, 2023.  
123 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Cristiane Schmidt

1. Sociolinguística. 2. Língua Portuguesa. 3. Gramática Normativa. 4. Falar Cacerense. I. Yara Fernanda de Oliveira Adami. II. A Variação Linguística no Contexto Escolar de Língua Portuguesa na Cidade de Cáceres-MT: .

CDU 81-116(817.2)

**YARA FERNANDA DE OLIVEIRA ADAMI**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE LÍNGUA  
PORTUGUESA NA CIDADE DE CÁCERES**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cristiane Schmidt  
Orientadora/Presidente  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza  
Convidado Interno/Avaliador  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Tânia Aparecida Martins  
Convidada Externa/Avaliadora  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL)  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha filha Maria Clara, que acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa desde que era somente um sonho. Minha eterna companheira de estudos.

A minha primogênita Júlia e ao meu esposo Leonardo, pela resiliência de ambos compreenderem a necessidade da minha ausência em alguns momentos deste percurso.

Ao meu pai, Sérgio, por todo o apoio emocional e financeiro, e a minha mãe Elizete, pelas palavras de motivação e fé.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças e sabedoria para alcançar a conclusão de mais uma trajetória na minha vida acadêmica.

A minha família pelo incentivo, amor e compreensão durante estes anos dedicados somente ao estudo, principalmente ao meu marido Leonardo, grande amigo e companheiro em todas as horas.

A minha orientadora Profa. Dra. Cristiane Schmidt, pelo conhecimento compartilhado, assistência e compreensão durante a minha gestação. Obrigada por ser tão humana e ter caminhado ao meu lado durante esta jornada acadêmica.

Ao Programa de pós-graduação *stricto sensu* em linguística (PPGL), pela oportunidade de poder estudar ao lado de profissionais tão qualificados.

À Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” – UNEMAT, pelo amparo e suporte necessário.

Por fim, A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo financiamento ao longo de todo o curso.

## RESUMO

Nosso trabalho se inscreve na área de concentração dos Estudos de Processos de Variação e Mudança, na linha de pesquisa 'Estudo de Processos de Variação e Mudança e de Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas', do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Neste trabalho propusemos analisar os usos sociolinguísticos de cinco professores de língua portuguesa, nascidos em Cáceres - Mato Grosso, atuantes em cinco instituições de ensino básico, contemplando as séries do ensino fundamental II. A análise do estudo foi amparada pela teoria Variacionista de caráter qualitativo, postulados discutidos por William Labov (1969, 1972) a partir da década de 1960. Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se também em José Lemos Monteiro (2000); Ana Maria Zilles e Carlos Alberto Faraco (2017). Tais autores discutem normas abordando os acontecimentos variáveis de forma pedagógica a pesquisa em campo, a fim de entendermos qual diferencial faz o extralinguístico exercer um papel autônomo na fala do docente de língua portuguesa nascido em Cáceres, considerando a busca das variáveis decorrentes na sala de aula, no caso, o vernáculo do professor em contrapartida à gramática normativa. A diversidade está presente quando pensamos na linguagem de um falante (no caso a pessoa nascida em Cáceres), e da sua profissão (o professor de língua portuguesa). Postos em análise direta, percebemos que os docentes colaboradores da pesquisa utilizam o falar cacerense em sala de aula, nos levando ao entendimento da recorrência das variações fonéticas e fonológicas encontradas nas transcrições das gravações.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Língua portuguesa; Gramática normativa; Falar Cacerense.

## ABSTRACT

Our work is inscribed in the area of concentration of Studies of Processes of Variation and Change, in the research line 'Study of Processes of Variation and Change and Description, Analysis and Documentation of Indigenous Languages', of the Postgraduate Program in Linguistics of the Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). In this work we proposed to analyze the sociolinguistic uses of five Portuguese language teachers, born in Cáceres - Mato Grosso, working in five basic education institutions, contemplating the grades of primary schools II. The analysis of the study was supported by the Variationist theory of qualitative-quantitative character, postulates discussed by William Labov (1969, 1972) from the 1960s. In this sense, the research is also based on José Lemos Monteiro (2000); Ana Maria Zilles and Carlos Alberto Faraco (2017). Such authors discuss norms addressing the variable events in a pedagogical way the research in the field, in order to understand what differential makes the extralinguistic exercise an autonomous role in the speech of the Portuguese language teacher born in Cáceres, considering the search for the variables arising in the classroom, in this case, the vernacular of the teacher in contrast to normative grammar. The diversity is present when we think about the language of a speaker (in this case, the person born in Cáceres) and of his/her profession (the Portuguese language teacher). In direct analysis, we noticed that the teachers who collaborated in the research use the Cacerense language in the classroom, leading us to understand the recurrence of the phonetic and phonological variations found in the transcriptions of the recordings.

**Keywords:** Sociolinguistics; Portuguese Language; Normative Grammar; Cacerense Speaking.



## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> - Localização de Cáceres .....	75
<b>Mapa 2</b> - Localização das Escolas .....	79

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Escolas participantes da pesquisa .....	77
<b>Quadro 2</b> - Turmas participantes da pesquisa .....	81
<b>Quadro 3</b> - Idade dos colaboradores.....	84

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Tipos de variações .....	92
<b>Tabela 2</b> - Detecção de traços fonéticos do falar cacerense .....	94

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Sistematização das variações das professoras.....	92
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
-------------------------	-----------

### CAPÍTULO I

<b>A PESQUISA VARIACIONISTA .....</b>	<b>21</b>
1.1 Fundamentos da Teoria Variacionista .....	21
1.2 Sociolinguística: Língua, conceitos e pressupostos.....	28
1.3 Contribuições de William Labov.....	35

### CAPÍTULO II

<b>PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A NORMA LINGUÍSTICA .....</b>	<b>38</b>
2.1 Preconceito Linguístico e a Norma Linguística .....	38
2.2 O falar cacerense <i>versus</i> a norma culta .....	45

### CAPÍTULO III

<b>A GRAMÁTICA NORMATIVA EM CONTRAMÃO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>56</b>
3.1 Diversidade linguística em sala de aula: um contexto geral sobre esse fenômeno ..	56
3.2 Quem defende a variação linguística do professor? .....	63

### CAPÍTULO IV

<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>74</b>
4.1 Mapeamento das escolas colaboradoras .....	74
4.2 Coleta de dados.....	77
4.2.1 Primeira Etapa– Levantamento do <i>locus</i> da pesquisa .....	77
4.2.2 Segunda Etapa – Contato com o <i>locus</i> da pesquisa.....	80
4.2.3 Terceira Etapa – Tratamento dos dados da pesquisa.....	82
4.3 Contato com os professores e sondagem.....	83
4.4 Perfil dos colaboradores .....	83

### CAPÍTULO V

<b>ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE.....</b>	<b>86</b>
5.1 Discussão dos Dados e Resultados .....	86

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
----------------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
--------------------------	------------

Anexo I - Comprovante a aprovação do projeto de pesquisa, pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) .....	111
Anexo II - Carta de apresentação da mestranda-pesquisadora.....	112
Anexo III - Termo de consentimento livre esclarecido - Docentes.....	114
Apêndice I - Resposta nº 10 da informante A1 .....	119
Apêndice II - Resposta nº 10 da informante A2.....	120
Apêndice III - Resposta nº 10 da informante A3.....	121
Apêndice IV - Resposta nº 10 da informante A4 .....	122
Apêndice V - Resposta nº 10 da informante A5.....	123

## INTRODUÇÃO

No estado, espaço no qual situamos nosso estudo, podemos afirmar que os estudos que relacionam a linguagem com a sociedade são amplos e diversos. Especialmente na cidade de Cáceres-MT, há uma grande variedade de idiomas devido à presença de grupos de diversas partes do país e a proximidade com a fronteira com a Bolívia.

A cidade de Cáceres ficou isolada do mundo de 1778 a 1938 por somente ser acessível por água, o que a tornava cara e demandava muito tempo de viagem. Podemos supor que esta seja uma das razões pelas quais os costumes e tradições das comunidades são preservadas, conservando sua própria forma de falar, embora não imune às mudanças trazidas pela dinâmica inerente a cada língua (DA SILVA *et al.*, 2021).

A partir de 1940, Cáceres tornou-se um importante centro político e econômico da região sudeste, atraindo imigrantes de todo o país. A cidade sofreu um enorme impacto migrante devido a uma campanha massiva de empresas coloniais no sul e sudeste do país. Essa migração trouxe a diversidade cultural e linguística de outros grupos, mesclada com a diversidade linguística dos Cáceres da época (MENDES; MACEDO-KARIM, 2015).

Além disso, nas áreas de fronteira ainda encontramos populações formadas por encontros entre povos indígenas das regiões da Bolívia (Chiquitano, Guato e Mojo) e do Pantanal do Alto Paraguai (Bororo). Após várias mudanças, os descendentes dos índios foram trazidos para a comunidade, conhecidos como ‘bugres’, e não mais existiam como um grupo indígena, mas com uma nova denominação nacional.

Diante da grande quantidade de material linguístico inexplorado, acreditamos que mais pesquisas sobre problemas envolvendo a linguagem falada se justificam, com o objetivo de ampliar nosso conhecimento e ampliar as possibilidades de encontrar soluções alternativas para esses problemas com mais facilidade. Espaços escolares, no caso, salas de aula, valorizam as variedades regionais e, portanto, os alunos que as utilizam.

Nesse espaço, buscamos compreender os fenômenos linguísticos específicos da região a fim de contribuir para a descrição de palavras específicas do português brasileiro, com foco nas mudanças na coerência nominal de gênero. Por isso, a pesquisa no campo da diversidade

linguística em nosso país é sempre interessante. Para o nosso trabalho como professores, pesquisas dessa natureza são ainda mais relevantes em cursos de formação de professores.

Dessa forma, mediante esta pesquisa, pretendemos criar oportunidades para novos trabalhos investigativos nessa área por meio de projetos interinstitucionais, envolvendo não apenas alunos de graduação, mas principalmente professores da rede pública de ensino. Esperamos ampliar o debate em torno do ensino de línguas, enfatizando a necessidade de ensinar línguas padrão, valorizando as variedades locais que são transmitidas entre os alunos (KARIM; KARIM, 2014).

Assim, podemos dizer que mudanças consistentes nos números nominais do português brasileiro são implementadas no sistema linguístico, desde variantes populares até variantes padrão. Nas variedades populares, muitas vezes predomina a indicação do plural apenas no determinante à esquerda do nome, principalmente no primeiro elemento. Portanto, a concordância nominal de números em sintagmas nominais na verdade não é usada na variante da língua brasileira. Como veremos na próxima seção, descobriremos que a congruência nominal de gênero (o assunto deste estudo) é bem diferente.

Língua e sociedade formam uma aliança indiscutível. Uma não existe sem a outra e desde Ferdinand de Saussure (1857-1913), vemos concretizar uma Ciência da Linguagem que somente frutifica. Desde a publicação póstuma do livro *Curso de Linguística Geral* (2012) por seus alunos, algumas vertentes chegaram para delimitar espaços organizacionais dentre a teoria.

A Língua Portuguesa (o Português Brasileiro), assim como todas as línguas naturais de cada país, é rica quando se fala em variação linguística. Um exemplo básico disso é o falar gaúcho e o falar nordestino, ambos existentes no Brasil, ricos de sinônimos culturais que predominam em boa parte de seus estados.

Vários autores trabalham sobre o falar justamente pelo enriquecimento cultural que isso ocasiona em uma comunidade. Um exemplo disso é o autor Marcos Bagno, no livro *Português Brasileiro? Um convite à pesquisa* (2001), no qual expõe a seguinte ideia “A principal característica das línguas humanas é sua heterogeneidade” (BAGNO, 2001, p. 41), sendo a heterogeneidade um fator singular pertencente a cada falante.

A essa singularidade se refere Mollica (2003), defendendo que cada espaço de convívio humano, predispõe a uma característica única de fala.



Não é preciso andar muitos quilômetros para podermos perceber que a variação linguística nos rodeia. Corremos o risco inclusive, de sermos propagadores de uma variação. Bagno nos aponta um novo meio de se pensar a variação, com o nome de *variedade*, em que lemos:

Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo -, vai notar que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças correspondentes às diferenças que existem entre as pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo, etc. (BAGNO, 2001, p. 42).

A variação linguística não ocorre somente de um estado pelo outro, mas de forma geral, tudo significa. Inclusive, a norma padrão de um falante que faz uso da norma culta, nascido e criado em Pernambuco, difere da norma padrão de outro falante nascido e criado no estado de Minas Gerais.

A grande questão é que a língua vive em mutação. A sociolinguística veio mostrar que toda língua muda e varia, isto é, muda com o tempo e varia o espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante (BAGNO, 2001, p. 43).

Com base nisso, entre os mais variados termos que serão abordados em nossa discussão acerca do tema da variação linguística, estamos diante de uma não menos importante: a língua materna ou primeira língua.

Desde o nosso nascimento, estamos expostos à língua dos nossos pais/ou responsáveis, nos estudos linguísticos, denominamos por língua materna, ou seja, é a nossa primeira língua, um termo ainda discutido na academia por presidir diretas discussões a respeito de sua única concepção.

Logo podemos compreender que a primeira língua ou a língua materna, encontra-se presente desde o nascimento do falante, e o seu funcionamento se dá assim que começado por ouvir e replicar o que seus pais, ou pessoas com as quais possui os primeiros contatos utilizam.

A Sociolinguística visa explicar como as variações linguísticas acontecem: decorre do interesse dos cientistas da linguagem em explicar, esmiuçadamente o básico de que ‘não existe o falar errado’, já que a língua é considerada pelos Estudos Sociolinguísticos como heterogênea, nela ocorre a incorporação de várias interferências que resultam na diversidade linguística.

Essa é uma das premissas da Sociolinguística de que a língua é de natureza constitutiva heterogênea e mutável. Vemos em Mollica (2003), algumas considerações plausíveis a respeito da Teoria da Mudança Linguística: Sobre a heterogeneidade, no caso que a língua é dotada de heterogeneidade sistemática. “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas.” (MOLLICA, 2003, p. 9).

O senso comum espera de grandes profissões - aqui, apontados por maior índice de concorrência nas vagas: medicina, direito, engenharia -, que o falar seja culto com um vocabulário formal, intelectual e amplo. Infelizmente, a sociedade – não como um todo, acaba por desvalorizar quem fala diferente do ‘intelectualmente esperado’, por exemplo, um juiz de direito, fora de seu local de trabalho, ao utilizar gírias, gera um desconforto em quem espera que pela profissão, esse profissional não possua liberdade de fala.

No livro *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino* (2015), Faraco e Zilles, descrevem:

O **senso comum** tem escassa percepção da língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em contínua mudança. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; **demoniza a variação social** e tende a interpretar as mudanças como sinais de deteriorização da língua. O **senso comum** não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosão de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança (FARACO; ZILLES, 2015, p. 07 – grifos nossos).

Percebemos que é nesse momento que a tentativa de inferiorizar tal profissional, nesse caso em específico, o juiz, ocorre. Evidentemente que esse exemplo foi explanado de forma fictícia, a fim de situar o leitor a imaginar suposta ação. Apesar do preconceito linguístico não ser fictício, não é difícil ver casos como esse na internet ou outros meios tecnológicos de comunicação.

Ocorre que casos como esse quando chegam no campo do preconceito linguístico, fazem com que a sociedade discrimine o profissional que possui variação linguística em sua fala. Depreendemos que o ser humano não se distancia da sua área de trabalho por falar com variedades linguísticas.

Lidar com o senso comum não é tão fácil como pensamos. Explicar para a sociedade que um profissional não deixa de ser profissional, somente por assumir a sua identidade linguística. Dessa forma, os estudos linguísticos não medem esforços para quebrar estas

rupturas, visando sempre buscar um caminho teórico que possa explicar como acontecem essas diversidades linguísticas.

Nessa perspectiva de desmistificar que a variação linguística vai contra o profissional que a usa em distintas situações comunicacionais e interativas, nos deparamos com o docente de língua portuguesa cacerense. Sendo o professor quem ensina as demais profissões existentes no mundo, por que não estudar a variação linguística de um profissional que, provavelmente, usará em algum momento da sua atuação profissional, sua primeira língua para ensinar a gramática normativa.

A nossa inquietação permeia sobre o fato sobre quem se preocupa com o professor? Como o falante que está em sala de aula pode agir diante da sua própria variação linguística? De uns tempos para cá, com a inserção de grandes teóricos discutindo sobre a variação e diversidade em sala de aula, torna-se mais fácil tratar desse assunto.

Os avanços da sociolinguística são visualizados quando nos deparamos com estudiosos que se preocupam com o futuro da educação. Fazer com que o aluno sofra um apagamento de todo o acervo linguístico que ele possui, porque em sala de aula ele está aprendendo a norma padrão, é um erro que aos poucos vem sendo vencido.

Buscaremos identificar o lugar do professor de língua portuguesa natural da cidade de Cáceres, diante dos impasses provocados pela gramática normativa, que detém do politicamente correto. Ignorando o fato de que a variação linguística não distingue o certo e o errado, pois a identidade cultural desse profissional de letras o permite a ser livre no seu jeito de falar.

Nesse sentido, entendemos que o nosso estudo procurou avançar, ao reiterar que não existe o ‘certo’ ou o ‘errado’, conforme os pressupostos teóricos dos Estudos Sociolinguísticos.

Para tanto, as questões centrais que norteiam esta pesquisa são as seguintes:

- (i) O professor de língua portuguesa cacerense é obrigado a falar como prescreve a gramática normativa?
- (ii) O professor de língua portuguesa cacerense é forçado a ocultar sua identidade linguística para ensinar o português padrão em sala de aula?
- (iii) Como se dá essa situação entre a variação linguística e a norma culta?

Buscaremos discorrer acerca dessas questões, procurando, de certa forma, sanar essas dúvidas que permeiam uma gama da sociedade. Ao mesmo tempo, buscaremos não somente explicações teóricas, mas também, como este estudo poderá ajudar pessoas que sofrem com esse tipo de preconceito, em seu âmbito profissional, diretamente, se tratando do professor de língua portuguesa cacerense.

É possível perceber uma ampla produção acadêmica sobre variação linguística do aluno, considerando que o Brasil faz fronteira com países como a Bolívia, Paraguai e Argentina. Esses alunos estrangeiros, acabam sofrendo um ‘apagamento’ quando começam a estudar no Brasil, devido às questões normativas (gramática normativa) e pronúncia que diferem entre o português e o espanhol.

Existem também, diversos casos em que os próprios alunos brasileiros, sofrem com a tentativa de exclusão de sua língua materna. Por exemplo, o ‘ɾ’ retroflexo de pessoas que moram no interior, aquele tão conhecido ‘r’ prolongado, em que o aluno diz ‘poRta’ – transcrito foneticamente [pɔɾta], e o professor o corrige dizendo que não se fala dessa forma.

A questão norteadora procura justamente exemplificar que quando falamos sobre a Sociolinguística, a pesquisa em si, compete em todas as situações, seja tanto para analisar a variação de um aluno, quanto à fala de um médico.

Neste momento, delimitamos a nossa busca por respostas ao colocarmos o professor de língua portuguesa como participante/colaborador e os usos linguísticos como contexto de estudo principal, a fim de compreender em que medida (ou se) a formação desse profissional de Letras não reflete em seu modo de falar, quando em alguns momentos, a sua língua materna, em sala de aula, oscila juntamente com a norma culta.

Ao limitar esta pesquisa, busca-se analisar como o profissional de Letras atua em sala de aula, de acordo com o seu falar nativo cacerense, ou seja, o fenômeno linguístico da língua materna versus a norma culta. De que maneira ocorre esse fenômeno? Como isso implica nos ensinamentos da gramática normativa em sala de aula? De que forma a concordância verbal ocorre quando/se houver essa junção entre sotaque e norma culta? São outras perguntas para as quais buscaremos respostas no decorrer da pesquisa.

Esses questionamentos justificam o estudo desenvolvido, considerando as percepções no contexto do trabalho pedagógico, que a comunidade escolar detém de diversidade cultural, já que muitos profissionais acabam vindos para Cáceres trabalhar das mais diferentes regiões do país.

Com isso, ao presenciar alguns comentários de chacota destinados ao falar nativo na cidade, surgiu o interesse de pesquisar como esse efeito linguístico ocorre em sala de aula e com qual dificuldade o professor de língua portuguesa, precisa lidar diariamente se tratando da linguagem regional *versus* a gramática normativa.

Com base nessas delimitações iniciais, seguem os objetivos do estudo a ser desenvolvido:

### **Objetivo Geral:**

O objetivo geral desta pesquisa centra-se em analisar os usos sociolinguísticos de professores de Língua Portuguesa nascidos em Cáceres-MT e atuantes em cinco instituições de ensino básico do fundamental II.

### **Objetivos Específicos:**

- Analisar a recorrência do uso do falar cacerense por parte do professor de língua portuguesa em sala de aula;
- Compreender como a concordância verbal e nominal se ajusta ao falar cacerense, de acordo com a norma culta proferida em sala de aula pelo docente;
- Identificar as variações linguísticas por parte de professores em momentos de interação com os alunos.

Finalmente, este estudo foca no fenômeno linguístico ocasionado entre o professor de língua portuguesa para com o aluno, pelo viés da teoria da Sociolinguística Variacionista, considerado que o falar nativo cacerense é marcado pelo contato linguístico.

Com base no exposto, o nosso trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No capítulo introdutório constam os objetivos do estudo, a temática e questionamentos que nos levaram a percorrer este caminho de estudo.

Já, nos capítulos seguintes, especificamente, nos Capítulos I, II e III, encontra-se uma discussão entre a Teoria Variacionista e estruturação da ideia geral que envolve o preconceito linguístico e a norma linguística, o falar cacerense de língua portuguesa: a gramática normativa em contramão à variação linguística.

No Capítulo IV, os roteiros metodológicos necessários que nortearam a pesquisa ética em sala de aula.

Finalizamos com a discussão dos dados preliminares encontrados no Capítulo V, e as considerações finais que resultaram na elucidação de perguntas que nos trouxeram até aqui.

## CAPÍTULO I

### A PESQUISA VARIACIONISTA

Neste capítulo abordaremos a teoria e os métodos da Pesquisa Sociolinguista, considerando principalmente um dos precursores dessa perspectiva, William Labov.

#### 1.1 Fundamentos da Teoria Variacionista

Neste capítulo, elencaremos os pontos principais de investigação linguística na qual estão inseridos métodos e meios para uma pesquisa Variacionista.

O termo Sociolinguística surgiu em meados dos anos de 1960, em um Congresso promovido na Universidade da Califórnia (Los Angeles, EUA). O foco da discussão centrou-se na relação entre linguagem e sociedade, tendo entre os precursores, os linguistas John Gumperz, Uriel Weinreich, Dell Hymes, John Fisher, Marvin Herzog e William Labov (2006 [1968]).

Entretanto, coube a William Labov (1969, 1972) ser conhecido como o maior divulgador da ‘Sociolinguística Variacionista’ ou da ‘Teoria da Variação’, pelo fato de ter investigado a motivação social da mudança sonora na ilha de *Martha's Vineyard*, Massachusetts na década de 1960. Labov (2008) percebeu que o sotaque dos habitantes dessa Ilha era marcado pela centralização das vogais, o que justificou seu interesse pelos estudos variacionistas e a tema de sua pesquisa em dialeto da ilha de Martha's Vineyard no estado de Massachusetts na costa leste dos Estados Unidos.

Para ele, caso se correlacionasse o complexo padrão linguístico com diferenças na estrutura social, seria possível “isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008, p. 19).

Quando falamos da teoria laboviana, nos deparamos com termos que possuem relevância nessa pesquisa, mas antes, é necessário explanarmos sobre a origem dos estudos linguísticos. Para Tarallo (1986), a sociolinguística quantitativa nos é apresentada por Labov, advindade um autor sociolinguista, como percebemos na citação a seguir:

O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov. Não que ele tenha sido o primeiro sociolinguista a surgir no cenário da investigação linguística. Modelos do passado mais distante, e também do mais recente,

certamente o inspiraram na a concepção de uma nova teoria. Nesse sentido podem ser chamados todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. Assim sendo, tem-se em Ferdinand de Saussure um sociolinguista! (TARALLO, 1986, p. 07).

Quando Tarallo (1986) reconhece a existência de antecessores de Labov nos estudos sociolinguísticos e aponta o linguista Ferdinand de Saussure como uma referência histórica já anunciava para uma concepção de uma nova teoria. Convém lembrar que Saussure deixou em cadernos de notas, escritos importantes sobre aspectos linguísticos em 1916, três anos após sua morte, na qual teve a sua obra o “*Cours de Linguistique Générale*” (Curso de Linguística Geral - 1916) publicada, como forma de aulas (anotações nos cadernos de seus alunos) que ele lecionava antes do seu falecimento.

A partir disso a Linguística passou a ser vista como ciência, o que favoreceu o surgimento da linguística moderna, que abrangeu as mais diversas áreas da linguagem. Saussure possuía um modo estruturalista de pensar sobre a língua. “O estruturalismo, conforme exposto na obra de Saussure, baseia-se na convicção de que a linguística é um sistema abstrato de relações diferenciais entre todas as suas partes” (FRAZÃO, 2019, p. 01).

Conforme inferido anteriormente, a gênese da Sociolinguística Variacionista encontra-se nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), ao descreverem o uso variável da linguagem e os determinantes sociais e linguísticos dessa variação. Neste momento, vamos ressaltar o método utilizado para que a pesquisa possa ser colocada em funcionamento, de acordo com a teoria laboviana.

A Sociolinguística se caracteriza pelo reconhecimento da variação linguística como constitutiva das línguas humanas, e por assumir essa heterogeneidade natural como objeto de estudo” (CALVET, 2002, p. 156).

No livro *Para compreender Labov* (2000) é a língua em curso que denominamos por objeto de estudo, e, com o passar dos anos, fora possível aperfeiçoar os estudos linguísticos voltados para a sociolinguística. Possuímos um roteiro teórico para que a pesquisa produza efeitos positivos quanto à realização da coleta de campo. Vemos que:

A opção pela pesquisa empírica se liga ao fato de que, sendo uma ciência social, a sociolinguística depende da *observação do comportamento do homem*. Em decorrência disso, compartilha com as ciências humanas alguns problemas práticos que podem resultar de erros tanto do informante quanto do pesquisador, além das falhas técnicas na aplicação dos testes (MONTEIRO, 2000, p. 83 – grifos nossos).

A teoria laboviana advém dos esforços em compreender o funcionamento de uma comunidade linguística, com base no princípio da fala. É conseguir refletir sobre a natureza da



linguagem humana, na qual percebemos a essência da heterogeneidade da língua em suas mais variadas formas.

Não é certo pensarmos no falante distante de sua comunidade linguística, esta é a chave do distanciamento entre Saussure e Labov. Os traços da linguagem implicam o trabalho com os fatores intralinguísticos e os elementos extralinguísticos, sejam no âmbito social, econômico ou pessoal. Aprendemos com este autor que tudo faz parte da sociologia da linguagem. O autor José Lemos Monteiro (2000) nos faz entender que:

Na realidade, não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Compreendemos que na concepção de língua para Labov, a pessoa – falante- pertence ao meio em que vive – lugar – e isso reflete em sua linguagem, justamente pelo contexto social ser um fator determinante para a existência de fenômenos linguísticos.

Deste modo, a sociolinguística estuda a sociedade como causa que resulta na diversidade, e considera que a língua é por natureza um elemento passível de variações. Podemos observar que as sociedades são formadas por diversos falantes, e que cada uma apresenta certa particularidade em sua fala que é decorrente de questões históricas e geográficas, por exemplo. Observando este ponto mencionando, percebemos que dificilmente teremos ou encontraremos uma língua totalmente pura, sem resquícios e/ou interferências internas ou externas.

Sobre este fenômeno das variações de uma língua, Faraco (2005) descreve que:

Cada estado de língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Dessa maneira, se o português do século XIII era diferente do português de hoje, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um ininterrupto processo de mudança (FARACO, 2005, p. 27).

O objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, em suas situações reais de uso. Tendo como base a comunidade linguística, configurada por um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas linguísticas. Assim a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico.

Colocando de forma mais objetiva, a sociolinguística estuda a forma em que a língua está ligada à sociedade em que se encontra, pois o sujeito enquanto falante pertence a uma comunidade que possui a sua própria maneira de se comunicar com os demais. Relaciona-se então, língua e sociedade na tentativa de entender a evolução que a língua sofre e que muitas vezes não percebemos.

A respeito dessa variedade dos sistemas linguísticos que podem estar presentes dentro de uma comunidade, Labov (1972) observa que:

A existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades da fala investigadas está de fato provada. E da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional (LABOV, 1972, p. 55).

Podemos observar por meio da sociolinguística que os fatores socioculturais e os naturais influenciam e determinam as transformações da sociedade e do homem enquanto sujeito falante. Tarallo (1986) nos afirma que:

A sociolinguística enfrenta o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente “caótico” da língua na sua modalidade oral. E que podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana (TARALLO, 1986, p. 64).

Esta relação que sociedade e língua possuem, não é uma simples casualidade. Desde nosso nascimento a linguagem nos rodeia, seja pela imitação ou associação que começamos a formular nossas próprias mensagens. Os sons, gestos e imagens que cercam a vida do homem moderno, transmitidas pelos mais diferentes canais. Desempenhando em todos um papel fundamental, seja ela de forma visual, oral ou escrita.

Se pararmos para recordar a origem da nossa língua-mãe, que é o latim, podemos perceber que de lá para cá tivemos diversas mudanças, que até podem ser consideradas renovadoras. Sabemos que devido às misturas e influências advindas de outros povos/culturas nossa língua recebeu variadas palavras e que fazem parte do nosso dia a dia até a atualidade.

Para Bagno (2007), algumas dessas palavras, muitas vezes sofreram modificações, alterações onde se diferenciam da grafia original. Assim, temos vários modos diferentes de falas sem que altere o seu sentido, ou seja, cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa.

Não há como negar as variações que ocorrem dentro de uma comunidade, e há fatores variados que podem causar essa mudança, como por exemplo, o espaço geográfico em que se encontra inserido, o nível de formação da pessoa, a sua profissão e até mesmo o contato/convívio com outros grupos no meio social. Esses fatores ajudam a modelar a fala deste indivíduo.

Felizmente, essa realidade linguística marcada pela diversidade já é reconhecida pelas instituições oficiais encarregadas de planejar a educação no Brasil. Assim, nos Parâmetros curriculares nacionais, publicado pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, podemos ler que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 29).

Percebemos que nossas fronteiras são marcadas por uma heterogeneidade linguística, pois há o contato entre diferentes nações indígenas, o contato entre o português e o espanhol, apresentando uma clara situação de plurilinguístico, onde as fronteiras brasileiras são também marcadas pelo convívio das línguas portuguesa e espanhola com as línguas indígenas da Bolívia e do Paraguai.

A cidade de Cáceres por se fazer divisa com a Bolívia, recebe diariamente alunos bolivianos que possuem como primeira língua o espanhol. Este programa de pós-graduação desenvolve trabalhos a respeito do tema sobre o apagamento da primeira língua (espanhol), até os desvios linguísticos pelas quais esses alunos bolivianos enfrentam.

Para Labov, falar de variação linguística é discorrer sobre três princípios básicos, mas complexos, que envolvem a investigação linguística. São eles:

A origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos (LABOV, 2008, p. 19).

Assim sendo, a partir do momento que a linguística identifica a diferenciação entre o comum e a variação, são essas perguntas que deverão ser respondidas em sua análise. Um dos

fatores primordiais de uma pesquisa sociolinguística é não ignorar o fator social da comunidade em que se identifica a variação.

A sociolinguística engloba diversos quesitos para se fazer uma análise Variacionista, mas não existe uma obrigatoriedade que induz o sociolinguista a utilizar somente um meio para que a pesquisa seja realizada, já que os fatores extralinguísticos são distintos. Cada comunidade de fala ou falante possui a sua singularidade, é o mesmo que dizer que não se mede um lugar grande como uma régua pequena.

Cada comunidade de fala possuirá sua competência linguística, na qual o sociolinguista analisará qual o melhor caminho para seguir adiante com a sua pesquisa. De acordo com o livro Sociolinguística, enfoques pragmáticos e Variacionistas (2012), temos que:

Em esta perspectiva, el uso de una lengua implica además de un dominio de las estructuras gramaticales de la lengua (competencia lingüística), un dominio de las reglas sociales, culturales y psicológicas dentro de un determinado contexto em el cual se desempeña comunicativamente el hablante (competencia comunicativa) (TABARES; CISNEROS; AREIZA, 2012, p. 07)<sup>1</sup>.

Os autores acima utilizam termos como ‘competência linguística e competência comunicativa’ para distinguir que cada falante se apropria de um uso linguístico diferente dependendo das condições em que ele for exposto.

Por exemplo, uma comunidade pode ter sido alfabetizada com a língua formal para aquela região. Acontece que, no dia a dia, esse falante detém da opção de se comunicar seguindo as regras aprendidas da escola, ou não.

Esses autores ainda complementam ao falar da variação Variacionista, onde temos que:

La sociolingüística desde suposición Variacionista, se centra fenómenos concretos. Labov, para ubicar a um individuo em la clase social tiene em cuenta indicadores como la profesión, los ingresos, em lugar de residencia, el nivel educativo, el prestigio, etc. (TABARES; CISNEROS; AREIZA, 2012, p. 07)<sup>2</sup>

A organização de fatores sociais e econômicos possibilita ao linguista uma percepção aprofundada sobre a origem da variação encontrada. Fatores sociais implicam da fragilidade

---

<sup>1</sup> Nessa perspectiva, o uso de uma língua implica, além do domínio das estruturas gramaticais da língua (competência linguística), domínio das regras sociais, culturais e psicológicas dentro de um determinado contexto em que o falante atua comunicativamente (competência comunicativa).

<sup>2</sup> A sociolinguística do pressuposto Variacionista foca em fenômenos específicos. Labov, para localizar um indivíduo na classe social, leva em conta indicadores como profissão, renda, local de residência, escolaridade, prestígio, etc.

do falante, que sociologicamente e/ou antropologicamente, detém da falta de acesso a uma educação de qualidade por motivos políticos e econômicos.

Ao utilizar a teoria Variacionista em sua pesquisa, o pesquisador precisa ter em mãos algumas prerrogativas apontadas por Labov, que nos é ensinado por Fernando Tarallo, no livro *'A pesquisa Sociolinguística'* (2007), que detém um manual didático para a realização de uma pesquisa.

Por exemplo, quando pensamos em coletas de narrativas de experiência pessoal:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. (TARALLO, 2007, p. 21)

O autor aponta os percalços que podem acontecer durante a entrevista, por isso a preparação do linguista é primordial quando este é posto frente a frente ao entrevistado. Em nossa pesquisa, por exemplo, contaremos com mais expectadores, pois as gravações serão realizadas em sala de aula, ou seja, estaremos diante do observado – professor de língua portuguesa, e dos expectadores – alunos.

Tarallo (2007, p. 22) aponta que para se alcançar a neutralização do entrevistado/observado, é necessário que o pesquisador se coloque no papel de aprendiz, diante da comunidade de falantes e de seus problemas e peculiaridades.

Bem como orienta o pesquisador: a palavra 'língua' não deve ser usada de maneira alguma durante as entrevistas/observações. Pois a intenção da pesquisa é que o observado não se sinta com medo de utilizar o seu modo de falar naturalmente. (TARALLO, 2007, p. 22)

Dentre os métodos que Labov impõe aos seus seguidores para a utilização da teoria Variacionista, é importante frisar que nenhuma pesquisa irá determinar uma nova variante. Os acontecimentos giram em torno de analisar o existente, às vezes até negando o que já existe.

Pelo fato de a língua variar com o tempo, a mudança faz parte dos resultados encontrados nas mais variadas formas. Podemos encontrar uma variante nova, descartar uma variante já existente, assim como encontrar apenas marcadores que levarão posteriormente, talvez, a um novo surgimento dialetal.

Lidar com a língua como fator social, dentro dos estudos sociolinguísticos nos acometerá, às vezes, de resultados não esperados, mas de uso importante para historicidade daquela comunidade esperada.

Para Paiva e Duarte *apud* Mollica e Braga (2020, p. 182) o estudo da mudança, em tempo real, [...] constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante. Ou seja, toda pesquisa realizada dentro dos parâmetros metodológicos éticos são de grande relevância. Pois, até para se negar algo, é necessária comprovação científica.

Por isso, a sociolinguística variacionista caminha pelos campos da sociologia, antropologia, ciências sociais e até mesmo a filosofia. Alguns autores como Bagno, por exemplo, se utilizam do termo “Ciência da Linguagem”, mas este termo ainda não possui a mesma proporção nos estudos sociolinguísticos entre alguns linguistas.

## 1.2 Sociolinguística: Língua, conceitos e pressupostos

O termo Sociolinguística foi utilizado pela primeira vez por Haver C. Currie, em 1952, em um artigo publicado pelo *Jornal Southern Speech*, em Bogotá, que dizia o seguinte: “En él se define la sociolinguística como la disciplina que estudia las *relaciones entre lengua e sociedad*” (TABARES; CISNEROS; AREIZA, 2012, p. 02)<sup>3</sup>.

Desde então, outros estudiosos da área começaram a pensar em outras relações para o estudo a sociolinguística. Em 1972, Willian Labov, Richard A. Hudson, Joshua A. Fishman e Dell Hymes, nos Estados Unidos da América, “otros estudios sobre las complejas relaciones que se establecen entre la lengua y el conglomerado social” (TABARES; CISNEROS; AREIZA, 2012, p. 02)<sup>4</sup>.

No livro *Sociolinguística: uma introdução crítica* (2021), o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), até então discípulo de Saussure, contesta o fato de a Linguística tratar a variação linguística separadamente das condições externas da língua (extralinguístico), vemos que:

Meillet se distanciou dele e, na resenha que faz do livro, ressalta que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável”. Portanto, as posições de Meillet estavam em contradição com, ao

<sup>3</sup> Ele define a sociolinguística como a disciplina que estuda a relação entre linguagem e sociedade.

<sup>4</sup> Outros estudos sobre as complexas relações estabelecidas entre a linguagem e o conglomerado social.

menos, uma das dicotomias saussurianas, a que distinguia a sincronia da diacronia [...] (CALVET, 2021, p. 14)

Os estudos de Meillet mostram a importância de se considerar a variação linguística juntamente a fatores extralinguísticos. Já que a língua é heterogênea e, por se tratar de um sistema vivo e dinâmico, o tempo é um fator importante para a sua análise.

A diacronia e a sincronia são ferramentas que contribuem para a pesquisa sociolinguística, contemplando a língua de diferentes formas: fala e escrita. Sabendo disso, no livro *Tempos Linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa* (1990), Fernando Tarallo nos explica diretamente o funcionamento da sincronia e diacronia, vemos que:

O aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade. [...] na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam. [...] A linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanha o curso do tempo, e outra, *retrospectiva*, que faça o mesmo sentido contrário; daí um desdobramento do método (TARALLO, 1990, p. 23-24).

Nas exemplificações é notório que existem dois pesos e duas medidas, mas, fundamentalmente um não funciona sem o outro. A língua varia com o tempo que passou: o presente e o futuro (que será estudado quando passado), conseqüentemente Meillet se preocupou com esse distanciamento e, de prontidão, seus questionamentos foram percorridos ao passar do tempo, até chegarmos então, de fato, à sociolinguística.

Notamos que a influência dos estudos de Meillet continuou se desenvolvendo desde a sua contestação, aos modos de análise dicotômicas, expostas por Ferdinand de Saussure. E os avanços na pesquisa sociolinguística deslançaram após esse novo viés, explanado nos estudos linguísticos.

Cezario e Votre (2011) contribuem com o diálogo acerca da sociolinguística discorrendo em defesa de um estudo moderado no uso real da língua, o que propõe dizer da necessidade de olhar para a teoria da homogeneidade, estudos já explicitados pelos estudiosos Saussure e Chomsky. Segundo Cezario e Votre (2011, p.141) a sociolinguística trata de uma área que estuda a “língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Nesse viés, compreende-se língua como uma instituição social e por isso não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, sem considerar a cultura, o contexto e os costumes dos falantes.

Por exemplo, a forma inovadora ‘presidenta’ coexiste com a forma usual ‘presidente’ - o uso vai definir se será incorporada ou se haverá uma mudança. A sociolinguística parte do

princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem ser levadas em conta na análise linguística (CEZARIO; VOTRE, 2009, p. 141).

Utilizando-se das categorias de análise para tal observação: idade, gênero, profissão, etc. Elementos citados no subcapítulo acima. Além da heterogeneidade da língua, existem as variáveis linguísticas e variáveis sociais, sendo a primeira, quando mais formas de dizer se remetem a mesma coisa, e na segunda, como a classe social se comporta, no seu modo de verbalizar no dia a dia. O autor Calvet nos ensina o seguinte:

Uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais, efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos (CALVET, 2002, p. 92).

Para se chegar a origem da variação, a sociolinguística oferece ao linguista, meios de possibilitam organizar sistematicamente todos os dados coletados durante a investigação. A pesquisa não gira somente em torno das palavras proferidas pelo falante, como também de onde o falante está inserido, de como aquela fala reflete na origem daquele falante.

O autor complementa “Partimos de uma análise da língua que nos diz algo da sociedade, partimos de uma análise da sociedade que nos permite compreender a língua”. (CALVET, 2002, p. 94).

A autora Maria Cecília Mollica profere um ponto importante para essa discussão: um grande problema enfrentado pela sociolinguística. Lemos que:

A variação linguística pode ocorrer em eixos diatópico e diastrático. No primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta as fronteiras sociais (MOLLICA; BRAGA, 2020, p. 12).

A autora remete ao fato de que as fronteiras sociais levam uma sociedade a discriminar o falante que detém traços regionais em sua fala. O preconceito linguístico vem sendo estudado com assiduidade, a fim de ser extinto.

Em seu livro *Português Brasileiro: um convite à pesquisa* (2001), Marcos Bagno explica sobre a língua fala e a língua escrita, ambas, ponto de estudo da sociolinguística. Vemos que:

A língua falada é que é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe; seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais etc. Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação. A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo do século (BAGNO, 2001, p. 24).



Para o autor, a língua falada se refere à língua materna do falante. É por meio dela que o falante aprende a se comunicar com a sua família e ao começar a frequentar a escola, passa a moldá-la conforme as regras gramaticais que nem sempre a manterá pura. Um problema que a sociolinguística ainda enfrenta no século XXI.

Enquanto sobre a língua escrita, segundo Bagno, aprendemos que:

A língua escrita, evidentemente, tem um papel tremendo na história da humanidade e não vai ser desprezada pela linguística, como algumas pessoas costumam temer. Mas ela sempre será secundária, pois é assim desde o início da aventura do ser humano sobre este planeta: a escrita tem somente 10.000 anos, enquanto a espécie humana vem falando a pelo menos um milhão de anos! (BAGNO, 2001, p. 24).

O autor não classifica a língua escrita como ‘menos importante’, o seu viés se remete ao fato de que, por exemplo, em uma sala de aula, é possível você notar a variação linguística mais pela fala do que pela escrita. Ambas são válidas, no entanto, a propagação em que a fala se encontra se sobressai a quantidade de material escrito que a linguística detém atualmente. Um exemplo simples é o fato de que uma pessoa não alfabetizada, não deixa de falar somente porque não sabe escrever.

Bagno não desconsidera os avanços alcançados pela linguística, por isso defende que não é certo continuar os ensinamentos da escola, com base na gramática tradicional. Essa questão é tratada por ele como retrocesso, já que muito se tem avançado nos estudos sociolinguísticos.

No livro *Ensino de português e sociolinguística* (2021), autores como Juliene Lopes Pedrosa, elencam alguns empecilhos encontrados por meio dos estudos sociolinguísticos que abominam o ensino do português pela gramática tradicional.

Aprendemos que:

O processo de escrita apresenta um grau considerável de dificuldade para a criança no início de sua aquisição. Isso porque o nosso sistema de escrita apresenta dois tipos de organização. O primeiro deles é baseado na proposta alfabética, em que há uma correlação entre a fala e a escrita e o segundo, que diz respeito a uma sistematização ortográfica, que busca anular a variação linguística e propõe uma normatização sem tomar por base a oralidade (PEDROSA, 2021, p. 57).

Com o passar dos anos, a sociolinguística conseguiu provar que distanciar a oralidade da escrita não contribui para o desenvolvimento didático do aluno. Esse cenário, ao ser imposto para a criança, traz resultados que vão contra os preceitos dos estudos linguísticos que priorizam o não apagamento da língua materna do falante.

O professor de português nascido em Cáceres, por exemplo, desde criança lida com esse problema, pois esse adulto já foi uma criança. E, atualmente, formado e inserido no mercado de trabalho, pode ser que possua menos traços extralinguísticos do que possamos imaginar (dados que só poderão ser confirmados com a conclusão desta pesquisa). Pois, ao longo de sua vida, essa pessoa vem enfrentando a dualidade entre a língua falada e a língua escrita.

São os questionamentos que movem qualquer pesquisa em qualquer área, e as respostas trazem as essas pesquisas resultados que também podem ser questionados. Para isso existe a ciência. Quando falamos de estudos sociolinguísticos, até crianças passam pelo estranhamento quando estão em frente ao novo.

Por exemplo, se estivermos no Rio Grande do Sul e coincidentemente viermos a dialogar com um turista maranhense, o seu modo de falar será percebido por todos que estiverem lhe ouvindo, que não sejam do Nordeste. Pois no Nordeste, o falar maranhense é mais próximo de sua língua natural do que de fato, o falar gaúcho.

No livro *Português brasileiro: a língua que falamos* (2021), a autora Bortoni-Ricardo nos apresenta uma vertente ainda não discutida nesse trabalho até o momento, que é o fato do falante utilizar a sua língua natural quando achar que o momento é apropriado. Observamos que:

O falante faz uso da variação para ampliar a eficácia de suas contribuições em uma conversa ou em um discurso individual e, principalmente para marcar sua identidade. [...] A variação também é usada para mostrar deferência ou rigor em uma determinada situação (BORTONI-RICARDO, 2021, p. 58).

A autora nos mostra que o falante possui autonomia em seu modo de expressar diante da comunicação. Com os avanços dos estudos sociolinguistas percebeu-se que os falantes passam por influências sociais e culturais, demarcando assim a sua identidade cultural.

Podemos observar essa experiência de demarcação de regionalidade quando fazemos passeios de barco pelo Rio Paraguai, na cidade de Cáceres, no estado de Mato Grosso. Pescadores ribeirinhos vivem aos redores do rio, e até mesmo na cidade, é possível identificá-los pelo seu modo de falar com os pescadores profissionais ou turistas quem vêm até a nossa região.

A autora Bortoni-Ricardo aponta uma teoria que pode explicar esse fenômeno dialetal: a Teoria da Acomodação, desenvolvida no campo da psicologia social por Giles e Powesland, em 1975. Onde lemos que “as pessoas são motivadas a ajustarem sua fala ou a ‘acomodarem-

se’, a fim de expressarem valores e/ou intenções em relação a outras”. (BORTONIRICARDO, 2021, p. 75).

É fato que essa teoria contribuiu para a compreensão das causas da variação nos estudos sociolinguísticos, e desde então os estudos linguísticos conversam com outras áreas de pesquisa para então chegarem a um respaldo científico. Willian Labov é um teórico que através da Teoria Variacionista, nos permite investigar fatores linguísticos através do contexto social do falante, que inclui a sociologia, psicologia e até mesmo a filosofia.

Um dos preceitos da sociolinguística é o de defender que não existe o falar certo e o falar errado. Para isso, Bagno nos ensina o seguinte “Ninguém erra porque *quer* ou porque *é burro*: a pessoa simplesmente obedece a regras gramaticais próprias da variedade de língua que é dela”. (BAGNO, 2001, p. 27- grifos do autor).

Quando colocamos a palavra ‘erro’ em discussão, o autor continua nos dizendo que:

Quando se fala em **erro**, a impressão que fica é a de que a pessoa **erra** por preguiça ou falta de inteligência, como se ela escolhesse errar, como se ela soubesse o **certo**, mas por teimosia ou ignorância, insistisse em falar errado. Não é nada disso! Essa é uma visão extremamente preconceituosa e desinformada dos fenômenos da linguagem (BAGNO, 2001, p. 27 – grifos do autor).

Corrigir uma pessoa em quem foi identificada uma diversidade linguística em sua fala é um erro grotesco que jamais deverá ser feito. E através dos estudos sociolinguísticos, a sociedade vai tomando conhecimento desse novo tipo de preconceito.

Quando Bagno nos indica que as pessoas possuem o seu próprio sistema linguístico e o usa da melhor maneira que lhe convém, distanciando-se do que o senso comum intitula por erro, possuímos um termo para classificar esse fenômeno. É o da diversidade linguística. Faraco e Zilles (2017) nos apontam que:

Essa heterogeneidade constitutiva da língua está diretamente relacionada com a diversidade seja nas experiências históricas, seja das atividades sociais e culturais dos grupos humanos que se reconhecem como seus falantes. Por isso a diversidade linguística, [...] deve ser para nós, [...] motivo de maravilhamento contínuo (FARACO; ZILLES, 2017, p. 31)

A variação linguística merece o valor da aceitação. O preconceito linguístico não pode se sobressair diante de fenômenos linguísticos, pois o falante sofre além do preconceito, violência moral ao ser taxado de ‘ignorante’, por pessoas que não conhecem a variação linguística, ou não aceitam que a diversidade linguística faz parte da diversidade cultural de um povo.

Com o passar dos anos, a ciência nos mostrou que é um homem falando que encontramos nos primórdios da humanidade. Isso já demonstra que a língua falada vem de muito antes, sofrendo variações e mudanças ao longo do tempo.

Cada falante carrega consigo uma particularidade: seu modo de falar, que é organizado devido as suas vivências e socializações, a partir disso, passa a ajustar a sua primeira língua com a gramática tradicional. Faraco e Zilles (2017) reiteram que:

Cada dialeto é, no fundo, uma norma sociorregional. Suas características refletem a história e a localização da respectiva comunidade de fala no espaço geográfico e na estrutura social. É, no fundo, o cruzamento dessas duas coordenadas que delimita cada comunidade de fala. (FARACO; ZILLES, 2017, p. 33)

A sociolinguística ao estudar a singularidade da fala de um indivíduo ou de uma comunidade em geral, trata com respeito suas particularidades. O entendimento dessas variações serve para ciência entender o funcionamento da língua e devolver para a sociedade, em forma de estudo, que a variação linguística faz parte da identidade de um povo.

Tanto que, em 2008, chegou ao Brasil o livro *Padrões Sociolinguísticos*, de William Labov, traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, no qual temos um aglomerado de estudos que afirmam que “uma comunidade de fala se caracteriza não só por traços linguísticos comuns, mas também pelo compartilhamento de um conjunto de juízos avaliativos” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 39).

Ou seja, o falante detém um compartilhamento da língua com a comunidade em que está inserido, e essa mesma comunidade, interfere socialmente na fala desse falante. Ambos se doam para que a interação linguística seja completa.

Os estudos sociolinguísticos sofrem problemas sérios quanto a sua posição na ciência. Obviamente vemos alguns avanços tanto nas pesquisas quanto na aceitação das mesmas, mas isso não é sinônimo de tranquilidade.

Labov (2008) já havia percebido a relutância da sociedade em reconhecer a ciência da linguagem como uma ciência fundamental para o desenvolvimento da sociedade, onde vemos que “A maioria dos linguistas que trabalham com grupos pequenos e diversificados têm de reconhecer em si mesmos um preconceito natural em favor da sobrevivência de seus temas”. (LABOV, 2008, p. 371).

Não podemos permitir que pequenas comunidades sofram com o desinteresse da academia. Esse contexto nos mostra a importância de continuar pesquisando a favor da ciência: toda ciência importa. Toda pesquisa mostra um resultado e cada resultado nos ensina

alguma coisa. Por isso, os professores de língua portuguesa da cidade de Cáceres-MT<sup>5</sup>, serão estudados para então devolver para a sociedade os resultados da existência ou não, da variação linguística diante da gramática tradicional.

### 1.3 Contribuições de William Labov

Willian Labov concentra-se no estudo da relação entre língua e sociedade, visando demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem, considerando fatores extralinguísticos como classe social, idade, gênero, escolaridade, etc.

O conceito foi estabelecido a partir de sua primeira pesquisa em Martha's Vineyard, Massachusetts (EUA) em 1963, onde começou a investigar o inglês falado na ilha e testou-o através da teoria da variação. Ele utiliza uma abordagem até então inédita para destacar o papel crítico dos fatores sociais na explicação da variação linguística: uma abordagem teórico-metodológica que propõe análise estatística e explicação de fenômenos linguísticos, em um contexto social.

A pesquisa, que inclui trabalhos desmistificadores relacionando a privação da linguagem às dificuldades de aprendizagem na escola, minorias desfavorecidas e socialmente estigmatizadas, visa demonstrar a possibilidade de uma relação entre a estrutura da linguagem e os fatores empíricos, por meio da sociolinguística e da teoria da variação, que constitui e atua sobre o domínio da linguagem.

No livro *Sociolinguística* (1974), organizado por Maria Stella Vieira da Fonseca e Moema Facure Neves, observamos um capítulo com alguns estudos de Willian Labov em que suas contribuições são explanadas de forma didática e compreensiva.

No estudo sobre ‘A importância dos problemas da língua urbana para os linguistas’ (1964), Labov aponta os problemas de língua encontrados na língua inglesa, que trazendo para a nossa realidade, não diferem do que vivenciamos atualmente na língua portuguesa. Temos que:

É evidente que a criança de seis anos de idade já domina a maior parte dos mecanismos do inglês falado. Contudo, há muitos **estágios na aprendizagem** do inglês falado que não podem ser alcançados senão muito mais tarde na vida, e há **certas habilidades no modo de falar** inglês que a criança em idade escolar **desconhece por completo** (LABOV, 1974, p. 49 – grifos nossos).

---

<sup>5</sup> Mato Grosso.

Os problemas identificados por Labov em 1974 no estudo divulgado, além de tratar pontos discutíveis acerca dos problemas identificados, com o passar do tempo, pode ser avistado também na língua portuguesa, no falar cacerense que é o objeto de estudo dessa pesquisa. Pois, a língua do cacerense passa a ser desvalorizada, quando o adulto que faz uso de sua língua materna sofre represálias e ou/ preconceito linguístico, justamente por não englobar em sua fala, palavras difíceis que não foram ensinadas/ofertadas na escola.

A questão social econômica continua sendo um dos motivos principais do preconceito linguístico. Pois, se nem a escola utiliza-se de termos complexos, como esses alunos aprenderão a língua ‘cultura’, se ambos cruzam caminhos diferentes?

Labov, ao trazer o contexto social do indivíduo para análise, trata de forma justa os acontecimentos extralinguísticos que esse falante carrega consigo. Os apontamentos de Labov para os estudos linguísticos continuam, quando o teórico delimita alguns métodos para o estudo de dialetos urbanos. São estes: a) Classificando a amostra da população; b) O isolamento de estilos contextuais e c) As variáveis fonológicas (LABOV, 1974, p. 62).

No quesito (a), o teórico sugere que após a identificação da quantidade de habitantes da comunidade, seja feito um mapeamento da população com a ajuda de informantes na pesquisa, a fim de selecionar pessoas conforme as características buscadas para, posteriormente, responderem um questionário elaborado pelos pesquisadores responsáveis da pesquisa.

No quesito (b) temos que “o entrevistador geralmente possui suficiente habilidade de deixar o entrevistado à vontade, e usa seu próprio julgamento para refugar as respostas que parecem ser excessivamente cuidadosas” (LABOV, 1974, p. 53).

Quando Labov indaga que *o entrevistador possui habilidades de deixar o entrevistado à vontade*, nos é revelado que o linguista ao fazer realizar a entrevista, precisa não somente de uma boa articulação de fala, como também, naturalidade em suas ações para não contaminar a pesquisa com respostas propositalmente geradas pelo entrevistado. Este, precisa se sentir seguro e respeitado, para que não haja pressão para responder com a utilização de uma hipercorreção.

Monteiro (2000) reitera: “O investigador deve estar atento aos problemas decorrentes da situação de entrevista que possam interferir no grau de espontaneidade de fala” (p. 84).

Na terceira e última classificação desses apontamentos, a (letra c), refere-se às variáveis recorrentes da comunidade estudada, no caso dos nova-iorquinos. Os homens mostraram um alto índice do som de (th) mais do que as mulheres. Dado esse que foi levantado antes de irem a campo, e que com pesquisa, alcançaram um dado real.

Os estudos de Labov são, sem dúvida, o progresso da pesquisa sociolinguística. Estudar a importância da linguagem como objeto de construção social, levando em consideração a singularidade dos humanos e das linguagens. Respeitar as diferenças sociais, regionais e geográficas, sem o estigma de “certo” e “errado”, e sim, a linguagem como estudo do discurso, da linguagem e da expressão social no ato da comunicação. Tudo o que sabemos, de acordo com Labov, é que aprendemos sobre os vestígios a que fomos expostos e não havia nada de errado com eles.

## CAPÍTULO II

### PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A NORMA LINGUÍSTICA

Neste capítulo discutiremos sobre os percalços enfrentados pelo falante que faz uso da sua primeira língua - regionalizada, não sendo a mesma que esse indivíduo aprende na escola.

#### 2.1 Preconceito Linguístico e a Norma Linguística

Aprendemos que língua não é una e pura, temos que ela é heterogênea e Marcos Bagno nos explica como isso ocorre, no livro *Preconceito Linguístico* (2020):

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “uma”, uniforme e homogênea. O monolíngüístico é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2020, p. 27 – grifos do autor).

Compreendemos que, ao longo dos anos, a língua foi (e continua) passando por diversas evoluções e transformações. Ela acaba recebendo influências e interferências de diversas outras línguas e dialetos (fala). O autor avança ao falar sobre a variedade linguística no livro *Nada na língua é por acaso* (2007), em que temos:

Partindo da noção de heterogeneidade, a Sociolinguística afirma que toda a língua é um feixe de variedades. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-las das outras variedades (BAGNO, 2007. p.47).

Desse modo, discorreremos que como ocorre a heterogeneidade da língua com a sociedade em que se encontra em um mundo todo diverso, essa mesma heterogeneidade ocorre com a língua. Ela também se relaciona a aspectos socioeconômicos, geográfico, cultural, entre outros. Por meio desta perspectiva, compreende-se que o ser humano possui diversas línguas (plurilíngue), que podem ser utilizadas, pois existem diversos modos de se fazer o uso da linguagem, como por exemplo: para cada tipo de situação e contexto o ser humano se apropria de um modo de falar, seja o formal ou informal, a linguagem com a família, a que é usada na escola, a que utiliza com os amigos, dentre outras. Linguagens se diferenciam entre si, porém remetem a mesma língua, podendo assim ocorrer da mesma forma, em outras línguas.



Acerca desse desenvolvimento da língua e as reflexões perante a escrita, Faraco (2005) no livro *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas* descreve que:

Cada estado de língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Dessa maneira, se o português do século XIII era diferente do português de hoje, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um ininterrupto processo de mudança (FARACO, 2005, p. 27).

A gramatização da língua permitiu aos usuários a efetivação de sua relação por meio da escrita. Assim, temos uma língua, composta por uma gramática e os sujeitos no caso os brasileiros, que fazem a escrita de fato funcionar. Faraco nos ensina que a língua, por mais que esteja atualmente ‘gramatizada’, possui vida e que com o passar dos anos, ela sofrerá variações, por justamente, estar em constante mudança.

Ao falarmos de variação linguística, precisamos discutir sobre o que significa o termo ‘norma’ dentro dos estudos de linguagem, no livro *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós* (2021). Faraco nos ensina:

O termo norma tem, nos estudos de linguagem verbal, dois sentidos: a) um geral: norma equivale à variedade linguística; e b) um específico: norma equivale a um conjunto de preceitos que definem o chamado “bom uso”, o uso socialmente prestigiado (FARACO, 2021, p. 12).

Quando o autor escreve que “*norma equivale a variedade linguística*”, notamos que a referência é a organização das variedades existentes em um determinado local/região, o que é ocasionado naturalmente pelos falantes. Por exemplo, se estamos falando da variação linguística dos professores de língua portuguesa na cidade de Cáceres, automaticamente essa língua materna regional, nos é dada devido a essa classificação.

Enquanto na norma (b), consideramos o modo de falar que a sociedade espera que o professor utilize. Levando em consideração a liberdade de fala do profissional que ali existe, no caso o professor, mas que ao utilizar o seu livre arbítrio de fala, corre o risco de sofrer o que chamamos de preconceito linguístico que muito vem sendo alimentado pela mídia, internet e afins, como nos diz Bagno, no livro *Preconceito Linguístico* (2020), vemos que:

Podemos apreciar cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte militância contra as mais variadas formas de preconceito [...]. Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo de preconceito: o preconceito linguístico (BAGNO, 2020, p. 21).

A mídia e o senso comum, cada vez mais tem tratado esse assunto como um *meme*, ou, desvalorização pessoal. Um exemplo disso foi um fato que aconteceu no dia 30 de julho de 2016, em Serra Negra, interior de São Paulo, onde um médico postou uma imagem dizendo que “*não existe peleurmonia*” após consultar um paciente<sup>6</sup>, desfazendo-se de um senhor de idade que havia se consultado com ele. Na entrevista concedida ao G1 portal de notícias, o enteado do paciente disse o seguinte:

Meu padrasto não sabe falar direito porque não teve estudo. Ele vai ficar muito triste quando souber o que aconteceu, estamos evitando contar, mas ele vai acabar descobrindo. Ele trabalhava como cozinheiro aqui em Serra Negra e depois se tornou mecânico (G1 Portal de Notícias)

Casos como esse não são tão difíceis de encontrar nas redes sociais, assim como vivemos essa realidade diariamente. Ainda mais, na era das ‘*Fake News*’, em que nos foi imputado o poder da colocação das palavras, sem antes verificar a veracidade delas.

É importante relacionarmos alguns conceitos sobre as normas que percorrem o nosso estudo, sendo a primeira a “*norma culta*, que designa tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo dos falantes que se consideram *cultos* (ou seja, a norma ‘normal’ desse grupo)” (FARACO; ZILES, 2017, p. 19, grifos do autor). Os autores discorrem que esses falantes geralmente são da área urbana, possuem um nível de escolaridade elevado e fazem bom uso da cultura escrita.

Os autores ainda reiteram um fato relevante “A chamada normal culta é uma *norma normal*, porque é uma das tantas outras normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua” (FARACO; ZILES, 2017, p. 19, grifos dos autores). O objeto de estudo da Linguística é a língua, o linguista trabalha de forma natural, buscando compreender o funcionamento dela enquanto o senso comum se encarrega no quesito da diferenciação entre o que é certo e errado.

É uma luta árdua da universidade em devolver para a sociedade com pesquisas/resultados, que a língua, mesmo sendo heterogênea, corresponde a uma singularidade que predispõe a adjetivos de quem a utiliza.

Para ser mais específica, dizemos de forma simplificada que o sotaque de um falante, advém da linguagem posta em funcionamento na sociedade. Os estranhamentos que infelizmente acontecem, servem para nos ensinar que este assunto é relevante e a causa disso

---

<sup>6</sup> Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleurmonia.html>. Acesso em: 18 jan. 2022.

predispõe a uma série de problemas enfrentados pelas pessoas que sofrem/sofreram com o preconceito linguístico.

De modo geral, é comum o ser humano sentir certo estranhamento, diante de situações que se distanciam do seu modo de viver empírico, é o que o autor Tarallo nos diz no livro *A pesquisa sociolinguística* (1986): “Tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (1986, p. 05), e com a fala dos falantes, não se é diferente.

O preconceito linguístico muito estudado por Bagno nos revela que de todos os preconceitos que existe no mundo, o linguístico, é o menos falado e defendido em todos os lugares: desde meios de comunicação – redes sociais, jornais, revistas – até no próprio dia a dia do ser humano. Tarallo ainda complementa com algumas classificações, como podemos ver:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas e variação. (...) a essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 1986, p. 08).

Não é difícil de perceber que para toda ação, existe uma reação. Nesse caso, a sociolinguística trata com maestria quando o assunto é variação linguística: pois, para cada ‘estranhamento’, possivelmente haverá uma explicação. A nossa função como sociolinguista é justamente essa: explicar ao senso comum que o preconceito linguístico precisa ser exterminado, e com a ajuda da universidade, conseguimos trazer respostas para a comunidade em geral.

Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica (TARALLO, 1986, p.11).

Compreende-se que as línguas possuem vários níveis de expressão, mostrando assim que nenhuma comunidade é totalmente homogênea. Deste modo, os estudos sociolinguísticos contribuem para uma melhor compreensão dos fatores que contribuem na transformação e evolução da língua.

Labov (1976) ainda ressalta que é apenas aparente a desorganização que resulta da variação linguística, pois as variações e mudanças na língua são sistemáticas, previsíveis e regulares. O tipo de convivência entre as diferentes variantes pode indicar em que sentido

caminha a mudança, a partir da avaliação da probabilidade correspondente a diferentes grupos sociais.

Sabemos que uma língua é fruto de alterações e empréstimos, que são recorrentes do processo de colonização e da mistura de outros povos e que pelo processo da evolução, muitas palavras vão sofrendo alterações que acabam fazendo com que o sentido se distancie do original. O autor Ferdinand de Saussure (2012) afirma que “A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (p. 271).

Conforme pontua Camacho (1984), percebemos que existem múltiplos fatores que são responsáveis por originar as variações as quais recebem diferentes denominações. Destas denominações, nos cabem apenas duas que são necessárias para a nossa análise que são o *dialeto* e o *idioleto*.

Assim como podemos destacar em Bagno (2007) que traz as seguintes definições:

Dialeto é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc. Muitos linguistas empregam o termo dialeto para designar o que a sociolinguística prefere chamar de variedade. Idioleto designa o modo de falar característico de um indivíduo suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc. (BAGNO, 2007, p. 48)

Percebemos que de certo modo, nenhuma comunidade é igualmente pura, e todas possuem suas diferenças no que diz respeito à fala. Diante disso, tudo pode interferir e operar como modelador à fala de alguém.

A variação linguística ocorre através da sociedade, que coletivamente a usa. Diante da variação encontramos vários conjuntos de recursos que estão à disposição do falante. Na variação estilístico-pragmática, por exemplo, vemos que existem diferentes formas de interação social em que é marcada pela formalidade ou não do local em que se encontra dependendo das situações de interação. Através dessa variação encontramos fatores sociais extralinguísticos que podem auxiliar a identificação. É o que nos ensina Bagno:

Assim, (...) a linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso (BAGNO, 2007, p. 11).

É quando a organização gramatical de uma língua passa a ser vista como piada, que o preconceito linguístico passa a existir, fazendo com que a sociedade comece a discriminar falantes que por algum motivo, fazem o uso das variantes existentes diferentes da organização gramatical da língua.

Gírias, sotaques, trocas da letra L pelo R, (etc.), são algumas das diversas variações existentes na sociedade, pela qual algum falante já se deparou com o uso em seu dia a dia. Ao falar especificamente sobre o sotaque, aprendemos com Bagno (2020) que:

O sotaque exerce um forte papel nas **avaliações socioculturais** que os falantes da língua recebem em suas interações sociocomunicativas. Devido às condições socioeconômicas de determinadas regiões, as falas características desses lugares receberão avaliação positiva ou negativa de acordo com o prestígio político e/ou a importância econômica da região. (BAGNO, 2020, p. 280-281 – grifos nossos)

O maravilhamento de uma língua se dá através do fator econômico em que ela está empregada. Um breve exemplo é o caso de um turista americano andando pela região do Mato Grosso. As pessoas que não possuem contato direto com turistas estrangeiros, ficaram maravilhadas ao se deparar com o inglês nativo.

O mesmo acontece quando algum emigrante se depara com um falante cacerense, o maravilhamento corre sérios riscos de ser substituído pelo estranhamento. Por se tratar de um sotaque mais interiorizado, tendo em vista que em Cáceres existem muitas famílias que dependem do rio para se alimentar e sobreviver: é o caso dos ribeirinhos.

Pode acontecer do próprio falante, independente da região, não gostar do seu modo de falar ou de como as pessoas da sua região utilizam a língua. Quando isso acontece, nos deparamos com o termo da autodepreciação, onde lemos que:

A **autodepreciação** é um fenômeno corrente, provocado pela depreciação que determinados sotaques sofrem quando confrontados com outros, mais prestigiados. Assim, muitos nordestinos nos confessam não gostar de seu modo típico de falar a língua e procuram adquirir novos traços segmentais e suprasegmentais das variedades de maior prestígio. (BAGNO, 2020, p. 281- grifos nossos)

Como linguistas, procuramos entender os acontecimentos que ocorrem na língua, e entender como os falantes lidam com a sua primeira língua, faz parte do processo da pesquisa. O preconceito linguístico não ocorre somente com quem vê a variação de fora da comunidade em que ela está inserida, como também, do próprio falante.

Consideramos a língua o componente mais utilizado da face da terra. É através dela que toda uma nação se comunica. Desde pequeno, os falantes são expostos à conversação e não existe um manual que instrua como e o que a criança deve aprender a falar primeiro.

A autora Bortoni-Ricardo (2021), nos mostra que “A criança aprende uma língua quando é exposta a ela, mas o teor de sua comunicação é ilimitado, não consiste apenas na repetição de sentenças ouvidas”. (BORTONI-RICARDO, 2021, p. 81).

A espontaneidade é como uma semente na vida de uma criança, é por ela que as criações serão realizadas a partir daquilo que ela ouviu, ou seja, o pequeno falante não aprende por repetição. Ele é livre para idealizar, reproduzir e criar a sua comunicação, transpor aquilo que pensou. A autora ainda reitera “A inovação talvez seja a principal característica da linguagem humana” (BORTONI-RICARDO, 2021, p. 81).

Um problema ainda recorrente, infelizmente, é o fato do sistema querer polir essa criança que se encontra no processo de adaptação da sua língua para com o meio em que está inserida. Por exemplo, quando o pequeno falante vai à escola, a gramática tradicional não se empara no ensino daquilo que ela carrega consigo, muito pelo contrário. A gramática tradicional vai aos poucos, apagando toda a historicidade linguística desse falante.

Com o passar dos anos, os estudos sociolinguísticos passaram por muitas descobertas. Uma delas foi a seguinte: “A expressão ‘norma culta’ pulou os muros da universidade e se tornou de uso comum” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 21 – grifos dos autores). A estigmatização da palavra se deu, pelo fato de que o termo passou a ser utilizado de forma comum: em documentos oficiais, em discursos nas escolas e universidades e nos discursos envoltos da tecnologia.

Os autores deixam claro que não há problema do termo ter se popularizado, a preocupação gira em torno de como a expressão ‘cultura’, tem ressignificado após a popularização. Essa normatividade da língua surge, então, em meados do século XIX, através dos escritores românticos, Zilles, Faraco (2015), nos mostra que:

Defendiam eles um projeto que desse forma literárias a nossas paisagens e às nossas realidades socioculturais. Em outros termos, eles batalhavam por uma independência literária e cultural como desdobramento da independência política. [...] esse projeto deveria se materializar transpondo para a escrita a língua portuguesa como efetivamente falada pelo segmento letrado brasileiro, ou seja, nas palavras de José de Alencar, um **abrasileiramento da nossa expressão escrita**. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 22 – grifos nossos)

Na semana de arte moderna que perdurou do fim do século XIX até meados do século XX, esse viés foi que criticado pelos portugueses. Os autores brasileiros foram acusados de não saberem escrever com prestígio que as outras vertentes românticas possuíam e deste modo, o impasse foi instaurado: os romancistas brasileiros precisavam fazer algo a respeito desse desrespeito com as suas obras.

O cenário de desgosto dos escritores brasileiros, passou a ver melhoras. Em meados da segunda metade do século XX, algumas gramáticas passaram a ser publicadas, valorizando então algumas características do português culto brasileiro.

A crítica social em torno do termo ‘norma culta’, predomina na atualidade. Segundos os autores Zilles e Faraco (2015), notamos que:

A sociedade brasileira se constitui – em decorrência dos traços inerentes às práticas colonialistas, como uma sociedade radicalmente dividida em termos econômicos e, por consequência, em termos culturais e linguísticos (ZILLES; FARACO, 2015, p. 25)

Percebemos que a sociedade atual, dividiu-se em nichos: de um lado, as pessoas de grande poder econômico, de outro lado, os menos favorecidos. Ter um acesso à educação é diferente de ter o acesso a uma educação de qualidade. Ambas são realidades diferentes, que politicamente falando, deveriam viver em perfeita harmonia de modo que a educação não fosse elitizada.

O preconceito linguístico advém desde a época do português prestigiado, na onda em que os romancistas buscavam a sua independência linguística. Todavia, o problema foi se alastrando até chegar nos dias atuais, no qual temos pessoas que são ignoradas por uma parte da sociedade, que as julgam não capazes de opinar justamente por um linguajar regionalizado.

Bagno nos diz o seguinte “Assim o problema não está *naquilo que se fala*, mas *em quem fala o quê*”. (BAGNO, 2020, p. 67 – grifos do autor). O preconceito acontece descaradamente devido às classes sociais existentes no país. É ‘chique’ um rico falar engraçado, enquanto é abominável uma pessoa de classe média baixa, demonstrar características regionais em sua fala. A universidade luta para que esse tipo de preconceito possa ter fim.

## **2.2 O falar cacerense *versus* a norma culta**

O ser humano sendo o único ser racional com capacidade de linguagem necessita de interação para manter sua sobrevivência no meio em que habita. Desse modo, ele utiliza desse “dom” que lhe é inato: a capacidade de expressão através da linguagem, pois é através dela que ele organiza seus pensamentos e sua vivência, podendo então ser exteriorizados através da fala ou da escrita.

Sabemos que a fala e a escrita possuem características diferentes e não podem ser vistas de forma dicotômicas, pois de um lado está a escrita formal e de outro lado a fala informal. Contudo, fundamentamos este estudo sobre fala e escrita, mas não amparado a conceitos abstratos e sim aplicados a sua modalidade de uso.

Marcuschi (2005, p.17) afirma que, sob o ponto de vista central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não um ser que escreve. Percebemos então que a oralidade e a escrita são práticas de usos da língua que utilizam de um mesmo sistema linguístico. Essa abordagem da Teoria da Variação nos fornece instrumentos para a análise sociolinguística, pois assume a heterogeneidade sincrônica das línguas como sistemática, mantendo a necessidade de correlacionar língua e contexto social.

A aquisição da uma Língua é a parte que garante a formação do conhecimento de mundo do sujeito enquanto falante, e junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza a sua origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia.

Será preciso também compreender sua realidade sociocultural e histórica, na língua como um conjunto múltiplo e entrecruzado de variedades geográficas, sociais, estilísticas, de registros e de gêneros textuais e discursivos. Isso implica entender a língua como diretamente correlacionada com a vida e a história dos diferentes grupos sociais que a utilizam. Implica também desenvolver crítica aos preconceitos linguísticos (que estão ainda tão arraigados entre nós no Brasil), estimulando práticas positivas diante das diferenças e contribuindo assim para a reconstrução do nosso imaginário nacional sobre a língua.

E justamente diante dos fenômenos da variação (por estes envolverem complexas questões indenitárias e de valores socioculturais) que os falantes parecem se mostrar mais sensíveis, externando, muitas vezes, atitudes (comportamento) e juízos de alta virulência.

A respeito dessa variedade dos sistemas linguísticos, Labov observa:

A existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades da fala investigadas está de fato provada. E da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional (LABOV, 2008, p. 55).

Tendo constatado que a linguagem varia e tendo discutido de que natureza é a variação, resta ainda avaliarmos as consequências dessas propriedades da linguagem para o ensino da língua materna.



O aspecto mais significativo do desenvolvimento da escrita, contudo, foi a expansão da possibilidade de memória registrada e de formas de organização intelectual mais sistemática e monitorada. A principal diferença entre o texto escrito e a oralidade não está na reorganização do fluxo sintático, mais controlado e descontextualizado, mas na possibilidade de novas performances cognitivas, entre as quais se destacam certos processos de formalização do pensamento.

Na sociedade constituída por normas, principalmente quando se trata da língua, regras são ditadas e impostas. Quando alguém diz algo diferente da forma da língua que é imposta como a “correta” critica-se a pessoa, acusando-a de que “não sabe falar, que parece que nunca frequentou a escola”. Em outras palavras, o “saber falar” está associado à escolarização. De acordo com Gnerre, temos que:

Se as pessoas podem ser discriminadas de forma explícita (e não encoberta) com base nas capacidades linguísticas medidas no metro da gramática normativa e da língua padrão, poderia parecer que a difusão da educação em geral e do conhecimento da variedade linguística de maior prestígio em particular é um projeto altamente democrático que visa a reduzir a distância entre grupos sociais para uma sociedade de ‘oportunidades iguais’ para todos (GNERRE, 2009, p. 28).

Quando falamos sobre primeira língua e gramática normativa, podemos estar diante de uma dualidade diretamente contraposta: o ‘falar certo e o falar errado’, termos utilizados concomitantes pelo senso comum, tanto comentado nessa pesquisa. O linguista Marcos Bagno faz uma provocação quando sugere o seguinte:

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua em querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se fosse essa a única maneira “certa” de falar o português (BAGNO, 2020, p. 79 – grifos do autor).

A linguagem é tão necessária quanto o preconceito linguístico precisa ser exterminado. Não existe uma sociedade sem comunicação e a mesma não pode sofrer insultos quando por diferentes modos de pensar, existe a possibilidade de chacotas, justamente pelo estranhamento do desconhecido.

A autora Cyranka (2015) nos mostra o seguinte: “Palavra é material privilegiado da comunicação da vida cotidiana, que é vinculada a uma esfera ideológica particular. É no seu domínio que a comunicação se situa” (CYRANKA, 2015, p. 32). Temos que o falante não se distancia da língua, e sim, assim como ele precisa da linguagem para se comunicar. O uso da palavra dá ao usuário da língua o poder de significar dentro de uma sociedade, já que, para haver uma fala é preciso que exista um pensamento.

A escola possui o papel de alfabetizar e ensinar os conhecimentos específicos para os alunos, diante dessa perspectiva, pouco se encontra sobre o papel do professor de língua portuguesa pelo viés da sociolinguística. Em uma fala da autora Cyranka (2015), podemos perceber essa preocupação com o aluno:

Cabe ao professor reconhecer, na linguagem, esse instrumento de libertação e ampliar as competências linguísticas dos alunos, a partir daquelas com que eles chegam à escola, sem negá-las, mas reconhecendo nelas importante aquisição já consolidada. Isso constitui uma decisão fundamental (CYRANKA, 2015, p. 34).

As competências linguísticas trabalhadas na escola servirão para evitar que inconvenientes futuros venham acontecer com esses alunos. Eles aprenderão que a aquisição de linguagem que possuem não é inferior à linguagem de uma sociedade mais desenvolvida que a sua comunidade regional. Inclusive, esses alunos entrarão na universidade, um espaço plural para conhecer e interagir com uma grande gama de pessoas, que ingressam à procura de um melhor desempenho intelectual para as suas vidas.

A linguagem é uma importante ferramenta de interação humana com as comunidades, por meio da qual os seres humanos expressam suas ideias e transmitem seus costumes e tradições de geração em geração. A linguagem é dinâmica na medida em que se atualiza a cada vez que é utilizada e, ao longo de sua história, sofre constantes mudanças.

Em algumas partes do país, as variantes linguísticas inexploradas representam desafios para os pesquisadores da sociolinguística, embora existam variantes consideradas ‘superiores’ em todas as comunidades. Há sempre uma ordenação que valoriza as variedades utilizadas em uma determinada comunidade, refletindo a hierarquia dos grupos sociais; ou seja, dentro de uma comunidade, existem vários tipos de prestígio e não prestígio. Portanto, em sociedades como a nossa, que associam a língua ao poder socioeconômico e cultural, a questão da língua padrão é considerada muito importante.

Vale destacar que este trabalho é fruto de uma reflexão sobre a retórica da comunidade de Cáceres que começou a me inspirar nos momentos de interação - quando pude observar o que as pessoas diziam. Percebi uma clara tendência para uma nominal falta de ‘acordo’ na expressão. É nesses momentos, no engajamento direto com a comunidade, que reconheço a importância de estudar os fatos da linguagem, sobre se há congruência nominal de gênero em determinada situação comunicativa.

Portanto, o sujeito deve encontrar subsídios persuasivos disponíveis no contexto do discurso. Descartes já havia descrito o caráter do signo, que ele considerava como palavras,

como expressões de ideias. Para ele, os símbolos são arbitrários, portanto, não há relação entre um símbolo e o que ele representa, ou seja, as palavras são nomeadas arbitrariamente, não por convenção. (CAMPELO; MACEDO-KARIM, 2019).

Temos também a Port Royal Grammar (1960), que defende que a linguagem é um produto da razão para que as pessoas se comuniquem com clareza e precisão. Busque a linguagem ideal na qual não haja erros e ambiguidades. Assim, ao longo dos anos, muitas teorias surgiram na busca de explicar questões relacionadas à linguagem, incluindo a sociolinguística (CAMPELO; MACEDO-KARIM, 2019).

Nessa perspectiva, em relação aos pressupostos teóricos da sociolinguística, buscou-se determinar a regionalidade linguística dos cacerenses que residem na cidade de Cáceres, ao falar sobre a mídia local, mostrando se expressavam respostas positivas ou negativas ao aparecimento de variantes linguísticas regionais na mídia falada local. Recomendamos também determinar as variedades linguísticas em relação à linguagem falada, à mídia falada do cacerense e ao uso da linguagem transmitida nos programas de rádio da cidade.

A pesquisa em campo nos permite compreender os julgamentos e avaliações dos sujeitos sobre o uso da linguagem, e nós, sociolinguistas, temos a responsabilidade de explicar e esclarecer que as diferentes formas de falar não devem ser objeto de difamação e preconceito. No primeiro tópico, do Cacerense, apresentamos neste espaço a quarta, quinta, nona, décima e décima primeira questão que compõem o questionário aplicado na comunidade cacerense. Nestas questões, procuramos determinar as variáveis linguísticas dos respondentes ao falar cacerense (CAMPELO; CUMPRI, 2021).

Em relação ao consenso de gênero no discurso da comunidade de Cáceres-MT, notamos que os falantes utilizam múltiplas formas de se expressar, por meio de uma linguagem padrão regida por normas gramaticais e linguagens regionais. Neste último, os moradores locais tendem a discordar do gênero do núcleo da frase com o substantivo e do sintagma verbal ou do predicado com o apêndice do sujeito. Com isso em mente, limitamos nosso estudo a mudanças consistentes – no nível morfossintático – que ocorrem nas relações predicativas no nível da frase nominal e da frase, quando o núcleo da frase consiste em uma palavra feminina (DE PINHO; MACEDO-KARIM, 2014).

A sociolinguística é um subcampo da linguística, uma tendência nos estudos da linguagem que se concentra na sociedade, entendendo a linguagem como um reflexo da

estrutura social. Diferentemente da linguística, no presente, a linguagem não é uma estrutura pronta, muito menos desvinculada das relações sociais nas quais está inserida.

Dessa forma, as pessoas como seres constitutivos da língua atuam de acordo com diferentes situações de uso, ou seja, as mudanças causadas, pelo falante e pelo meio social, terão impacto na língua. Nesse sentido, a linguagem é uma estrutura, mas sujeita a mudanças. É essa mudança de linguagem que interessa a esse campo, cujo objetivo é sistematizá-lo, estudar a aparente confusão que o envolve.

Pesquisas sobre variações sociolinguísticas na região de Cáceres-MT e seu papel no reordenamento social e linguístico da região mostram como os autores constataram, entre outras coisas, que os enunciados de Cáceres eram influenciados por seus próprios falantes pelos imigrantes e gera grandes rumores entre os imigrantes. Em relação às suas próprias falas, os moradores de Cáceres entrevistados não tinham informações sobre seu histórico de fala e acreditavam que foram influenciados pelo espanhol boliviano (DA SILVA *et al.*, 2021).

Nesse caso, a interação entre cacerense e boliviano às vezes ameaça a identidade linguística dos falantes, que podem esquecer sua língua nativa, especialmente os bolivianos que vêm morar aqui. Embora existam os chamados: pluralismo, diversidade, multiculturalismo, intercultural, idade e sua relevância linguística nesse contexto, esses conceitos simplesmente nomeiam a existência de grupos multiculturais e não levam em conta a sociedade, a língua e a cultura. Permanente estado de mudança, razão pela qual utilizam um conceito mais global: a intercultural idade. (CAMPELO; MACEDO-KARIM, 2019).

No cenário mato-grossense, a referência para o estudo das atitudes sociolinguísticas é *Atitudes Sociolinguísticas: Implicações do Processo Migratório*, em que pesquisadores investigaram as organizações linguísticas de moradores de Cáceres, falantes nativos ou imigrantes que se mudaram para a cidade há pouco tempo, observando o estigma da língua cacerense. Essa posição foi tomada tanto por Cáceres como por imigrantes como um fator para o possível desaparecimento da língua nativa (MENDES; MACEDO-KARIM, 2015).

Sua análise aponta que esse estigma é causado por um viés bilateral, de imigrantes, que têm domínio sobre os nativos, por um lado, e referências negativas dos nativos em relação a si mesmos, por outro. Discursos como estratégia para afastar pressões sociais e econômicas. Tal cenário ajuda a “redesenhar uma sociedade, mudando seus valores, crenças, ambientes sociais e físicos.” (p.54).

Após a entrevista, foi feito um discurso. Posteriormente, descrevemos as línguas locais e bolivianas na tentativa de compreender e analisar a formação da diversidade linguística encontrada. Nesta análise, os resultados esperados emergiram de forma sistemática, porém, por se tratar de uma análise sociolinguística, os dados podem ser considerados variáveis, principalmente ao longo do tempo.

Nesse sentido, a fim de fornecer uma sequência pedagógica para nossa análise das atitudes linguísticas, expressas por nossos informantes, primeiro apresentamos as atitudes de cacerenses e depois apontamos as atitudes dos bolivianos em relação a seu próprio olhar e ao olhar do cacerense.

Para ressaltar o posicionamento dos informantes de Caseiro, nosso primeiro foco é a análise das questões centrais que apresentam nosso objetivo principal, a atitude linguística, mas, mesmo assim, não ignoramos questões periféricas à entrevista, pois muitas das notas feitas neste tipo de perguntas acabam por reforçar a atitude verbal apresentada.

Em geral, as condutas ou julgamentos apresentados pelos informantes atestam diferenças de fala entre ricos e pobres, ora independentemente da classe social, ora acentuando as marcas da fala de cacerense. Dois entrevistados chamaram a atenção para o apagamento da língua cacerense pelas gerações mais jovens, demonstrando que isso ocorreu por meio do contato linguístico com pessoas de outras regiões, onde fatores externos contribuíram para esse “apagamento” (MACEDO-KARIM; KARIM, 2014).

Em expressões complementares, somos levados a entender que a fala cacerense mudou, levando em conta as relações sociais entre diferentes sujeitos, como a fala carioca, marcador que influencia o comportamento da linguagem cacerense. No entanto, a maquiagem cria uma sensação de disfarce, disfarce, talvez evidenciado pelas pressões sociais e econômicas que o sujeito sofre diariamente. As pessoas não acreditam em seu desaparecimento, se inscrevem onde outras gerações resistiram e perpetuaram esse dialeto, e inserem sua fala no reduto da cidade de Cáceres, uma fala que não atravessa fronteiras.

Se alguns informantes acreditavam que a fala do cacerense não havia desaparecido, outros certamente desapareceram, principalmente pela comunicação linguística com estrangeiros, ou mesmo porque a população passou a ter contato com novos moradores na cidade advindos de outras regiões do Brasil e até mesmo de bolivianos, levando em consideração que Cáceres faz fronteira com a Bolívia.

Em geral, os dados apresentados pelos informantes atestam diferenças de fala entre ricos e pobres, ora independentemente da classe social, ora acentuando as marcas da fala de cacerense. Dois entrevistados chamaram a atenção para o apagamento da língua cacerense pelas gerações mais jovens, demonstrando que isso ocorreu por meio do contato linguístico com pessoas de outras regiões, onde fatores externos contribuíram para esse “apagamento” (CAMPELO; MACEDO-KARIM, 2019).

Em geral, os bolivianos avaliam cacerense de forma positiva, variando de 'diferente', 'estranho', 'sotaque pesado', mas não necessariamente feio. Outros informantes disseram que gostavam da língua local e se acostumaram com ela. De fato, negociação e mudança, se manifestam aqui como resultado da linguagem, cultura e interação social.

Vale destacar também que a linguagem de Cáceres não foi apagada, como imaginavam os informantes de Cáceres, mas mudança e negociação, sociedade estabelecida no solo do município de Cáceres, linguagem e interações culturais. Cáceres, portanto, embora este termo seja uma variante do português, ainda está associado à “unidade” da nação, ou seja, ao português de onde se originou.

## CAPÍTULO III

### A GRAMÁTICA NORMATIVA EM CONTRAMÃO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo discorreremos sobre como a gramática normativa implica na variação linguística do falante. Este, que desde a sua existência, é exposto a sua primeira língua e ao adentrar na escola, passa a perceber que existe uma diferença mútua entre os dois segmentos.

#### **3.1 Diversidade linguística em sala de aula: um contexto geral sobre esse fenômeno**

Para Alkmin (2001, p. 03) a relação entre linguagem e sociedade, reconhecida, mas nem sempre assumida como determinante, encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo. A concepção de língua e linguagem da autora, difere do que Saussure propaga em seus ensinamentos, no qual notamos que “É Saussure quem define a língua, por oposição a fala” (ALKMIN, 2001, p. 03). Ou seja, o extralinguístico que acompanha a fala, padece de maneira que todos os fatores que compõem a fala, acabam sendo ignorados.

De modo geral, todos os seres humanos necessitam de uma linguagem, seja ela verbal ou não verbal, a linguagem permanece necessária. É sobre como essa linguagem influencia/determina o ser humano que vamos discorrer nesse capítulo. Se tratando de um falar regionalizado, a cidade de Cáceres oferece além de uma cultura historicizada, uma modernidade que faz questão de manter viva o seu valor cultural histórico.

A autora Bortoni-Ricardo (2004), discorre sobre o funcionamento dos papéis sociais que englobam a linguagem:

Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. [...] Quando observamos um diálogo entre mãe e filho, por exemplo, verificamos características linguísticas que marcam ambos os papéis. As diferenças mais marcantes são as intergeracionais (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23).

Ela nos ensina que cada domínio social, possui a sua liberdade de fala. Que cada membro da família, citado acima, possui o seu lugar de fala sempre regado da intimidade no seio do seu lar.

O termo *intergeracionais* remete-se ao fato das constantes mudanças linguísticas pela quais os falantes passam. A contemporaneidade é um fator responsável para que as crianças de hoje, adquiram marcas linguísticas diferentes das que os mais antigos de suas famílias adquiriram com o passar do tempo. Com o acesso a tecnologias, pode acontecer de menores adquirirem sotaques ou modos de falar de outras regiões, influenciados por games, séries ou desenhos.

E uma conversa entre avós e netos, como a própria autora aponta, a diferenciação entre os falares são representados e percebidos por pessoas de outras faixas etárias.

A questão das pessoas de mais idade possuírem mais fatores extralinguísticos também se encontra associada ao fator social. Os estudos sociolinguísticos também nos mostram que o gênero, idade e escolaridade podem influenciar na fala de uma comunidade.

É notável que em sala de aula, a língua possua níveis de apropriação. Por exemplo, o professor detém uma autonomia linguística diferente das dos alunos, assim como os coordenadores e diretores possuem mais autoridade ao se referir com os próprios professores e os alunos. Bortoni-Ricardo (2004, p. 25) complementa: “Em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas”.

Vale ressaltar que isso não se aplica somente para o ambiente escolar, podemos generalizar todas as categorias profissionais e até mesmo religiosas. De fato, Alkmim (2001, p. 08) contribui quando define que: “Língua e variação são inseparáveis: A Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”. Ou seja, toda língua varia. O que vai determinar como isso acontece, são os estudos sociolinguísticos.

Quando colocamos em discussão o âmbito escolar, algumas questões nos vêm à cabeça, como por exemplo: o professor de língua portuguesa, possui liberdade de mesclar a sua língua materna juntamente com a gramática normativa?

A autora Bortoni-Ricardo (2004), nos mostra que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25)



Percebemos que a variação do professor não é algo inédito nos estudos linguísticos, deste modo, ao observarmos o professor de língua portuguesa, nascido em Cáceres-MT, poderemos entender como esse processo ocorre e de que forma ele acontece.

A reflexão no entorno dessa pesquisa, nos ajudará a entender os anseios que permeiam o falar cacerense, tão deslumbrado pelos turistas e pouco discutido pela sociedade onde se encontra inserido.

Por meio dos estudos linguísticos fora constatado que “os alunos de escolas públicas brasileiras, em geral, são falantes de uma variedade intermediária entre a fala rural e a fala urbana” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 35).

Acontece que nesse variação da fala rural, também situa-se a variação regional, ainda um pouco confundida pelo senso comum. Mas, que ambas sofrem com o preconceito linguístico como nos mostra Bagno (2020):

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em *Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta* é tremendamente estigmatizada e, às vezes, é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. (BAGNO, 2020, p. 64 – grifos do autor)

As pessoas que vivem no interior dos estados, além do preconceito linguístico, sofrem com a humilhação e o menosprezo de pessoas que se sentem superiores a elas. Falamos de uma realidade ainda pouco defendida nas outras áreas de pesquisa.

Todavia, o falante ao se deparar com a maioria, carrega consigo traços desse modo de falar interiorizado que o acompanhará no decorrer de sua vida. Os professores de LP de Cáceres, por exemplo, realizaram suas graduações juntamente com a internalização de seus falares cacerense. Não existe um modo de silenciar ou distanciar o modo de falar de uma pessoa, quando ela precisa adentrar a um meio em que o seu sotaque não é bem vindo.

Um não se separa do outro. Pode acontecer do falante começar a se ‘policiar’, falar com mais atenção a sua língua, mas separá-la do seu presente, é impossível.

Em uma pesquisa utilizando o mesmo método que o nosso, a teoria Variacionista, as pesquisadoras Simone Carvalho Mendes e Jocineide Macedo-Karim (UNEMAT), pesquisaram sobre *A variação regional no falar dos jovens cacerenses* (2015), os dados da pesquisa nos mostraram o seguinte:

Os resultados obtidos neste estudo mostram que a relação dos fatores socioeconômicos e culturais apontam condições para a conservação de traços linguísticos da região, dessa forma, podemos dizer que a variação regional no **falar**

**dos jovens cacerenses** é produtiva, **mantendo viva a variante de seus antepassados**. (MENDES; MACEDO-KARIM, 2015, p. 11 – grifos nossos)

A chegada da tecnologia e da modernização não alteraram os fenômenos linguísticos que envolvem o falar cacerense. Tanto que, a pesquisa foi realizada com jovens de 15 a 30 anos, todos escolarizados. A cultura existente na cidade de Cáceres é viva e segue em perfeita sintonia com a comunidade.

Os entrevistados nesta pesquisa, poderão se tornar os futuros professores de amanhã, e pode ser que os atuais professores, não tiveram essa oportunidade de socializar o seu modo de falar tão abertamente com a comunidade universitária. É mais uma inquietação que poderemos descobrir nessa pesquisa.

Quando falamos sobre gramática normativa, um termo bastante discutido nessa pesquisa, nos deparamos com duas concepções. É o que Martins; Vieira e Tavares (2021) nos ensinam:

Da polissemia do termo **norma**, convém estabelecer duas concepções gerais: uma do nível da idealização do que configuraria um modelo para determinado grupo de usuários da língua [...]; e outra do nível da **concretização**, dos usos mais produtivamente preferidos em determinada comunidade de fala. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2021, p. 11 – grifos nossos).

Entendemos que a primeira concepção detém de um conceito muitas vezes de regular como o falante vai escrever e falar, por se tratar de normas gramaticais baseada nos dicionários e regras da língua portuguesa. Enquanto a segunda concepção segue o modelo da sociolinguística, em que permite o falante a tranquilidade na sua fala e modo de socializar com a comunidade linguística.

É como se existissem dois mundos: um onde a permissão da pluralidade linguística faz morada, enquanto no outro, o certo e o errado predominam a fim de aterrorizar as pessoas que vivem ali.

É na tranquilidade de fala que a variação se solidifica, pois se não há julgamentos e preconceito linguístico, o falante não se sente ameaçado ao falar em seu meio linguístico. Pedrosa (2021) afirma que:

Weinreich, Labov e Herzog (1968) comprovaram que as línguas variam motivadas por fatores internos e externos ao sistema. Se, por um lado, esse condicionamento motiva a variação, por outro, esse mesmo condicionamento garante o entendimento entre os falantes em uma situação de variação. (PEDROSA, 2021, p. 58).

Nos estudos sociolinguísticos quando nos referimos a variação linguística de uma comunidade, não significa que esses falantes não possuam contato com pessoas de diferentes meios sociais. Eles não vivem isolados em sua comunidade, a grande maioria.

Uma pessoa ou outra acaba tendo contato com pessoas de diferentes meios sociais (perímetro urbano e rural) e nem por isso, a sua variação linguística é prejudicada. Pode acontecer de a sua variação sofrer interferências favoráveis após esses encontros, já que o próprio falante é responsável por sua sistematização organizacional da sua língua.

Faraco (2008, p. 38) nos mostra que “é parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades a que pertence”. Exatamente por isso que os estudos linguísticos afirmam que a língua é um ser vivo. E possuímos mais pessoas falando do que materiais escritos.

Justamente por não possuímos controle das variações que acontecem diariamente, minuto por minuto.

O autor ainda complementa:

Numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como por exemplo, normas características de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos, normas características de populações das periferias urbanas, e assim por diante (FARACO, 2008, p. 41).

O falar cacerense possui contato com diversas etnias: internacionais e de cidadãos de outros estados. Por se tratar de uma região que faz divisa com a Bolívia, é comum encontrarmos bolivianos na cidade, assim como pessoas do sul, nordeste, e as demais regiões do Brasil.

E mesmo com toda essa variedade intercultural, o falar cacerense mantém a sua existência e vivacidade, tornando a herança cultural da cidade ainda mais bela.

A autora Bortoni-Ricardo (2004) discorre sobre a interação com pessoas de diversas localidades, vemos que:

Quando interagimos com brasileiros nascidos e criados na região rural ou rurbana do contínuo de urbanização, observamos muitos usos linguísticos diferentes dos nossos. [...] Alguns itens ali são típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida nos aproximamos do polo urbano (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53).

O termo ‘rurbano’ refere-se a pessoas que de áreas rurais que migram para o espaço semirurais, e encontram-se submetidos a interferências do perímetro urbano devido ao uso de tecnologias e mídias.

Notamos que o distanciamento faz parte da vida de pessoas que estão de fora da comunidade na qual se encontra a variação, a não ser que as pessoas de outras organizações sociais se mudem definitivamente para comunidades em que a variação cultural seja a primeira língua em funcionamento coletivo.

Pode acontecer de pessoas de outras localidades não entender com clareza o que uma pessoa com o falar regional está dizendo. Nesse momento, o mecanismo da comunicação só poderá ser restabelecido quando o falante regional explicar, de modo diferente da linguagem da sua comunidade, para o interlocutor.

Mas desde que ambos os falantes entendam o que está sendo dito, já é suficiente para manter a boa comunicação ali presente. Excluindo os termos ‘certo e errado’, que nos estudos sociolinguísticos, são descartados. Pois para nós, linguistas, não existe o modo de falar certo e o modo de falar errado.

O autor Marcos Bagno (2020) nos mostra um exemplo preconceituoso do senso comum, que a sociolinguística compreende e responde à altura:

Quando, porém, um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita OITO como *oitchu*, ele acha isso “muito engraçado”, “ridículo” ou “errado”. Ora, do ponto de vista meramente linguístico, o fenômeno é o mesmo – palatização (BAGNO, 2021, p. 69 – grifos do autor).

O autor ao utilizar a frase “o fenômeno é o mesmo”, refere-se ao fato de a variação ocasionada pela palatização, também ocorre no Sudeste do país, mas, o fenômeno só se torna “engraçado”, quando alguém de outra região a utiliza. Notamos mais um efeito do preconceito linguístico.

Na cidade da Cáceres, o preconceito linguístico acontece geralmente por pessoas de outras localidades, não precisamente tão distantes da cidade. Os moradores de Cáceres que detêm do falar cacerense utilizam os alofones africados [tʃ] e [dʒ] em suas falas. O estranhamento para quem não conhece esse sotaque é gigante. Nesse momento, risos, piadas e hipercorreções podem ocorrer quando o interlocutor conseguir entender o que o locutor está dizendo.

Existem casos que realmente fica complicado o entendimento. Mas nada que o bom senso de perguntar para o locutor o que ele está dizendo, não possa resolver. No estudo feito por Silva *et al.* (2021), percebemos que:

É notório a conservação dos alofones no falar cacerense, o qual vai além do poder aquisitivo e posição social, é uma característica que difere não só os indivíduos cacerenses, mas a população mato-grossense o uso dos alofones africados [tʃ] e [dʒ] no seu cotidiano. Em Cáceres-MT e região, a frequência desses alofones já faz parte da cultura social, pois no cotidiano esses alofones são enraizados nos nativos, pois crescem ouvindo e aprendendo a manter essa identidade pertencente no falar cacerense (SILVA, *et al.*, 2021, p.13).

A posição social do falante na comunidade também favorece o aparecimento do preconceito linguístico. Infelizmente, essa realidade existe no mundo inteiro. Muitas perguntas são feitas diante deste assunto do preconceito linguístico, e aos poucos, as respostas vão surgindo.

Mas afinal, existe solução definitiva para que a gramática normativa pare de contribuir para a existência do preconceito linguístico? Autores como Zilles e Faraco (2015), discorrem sobre essa problemática:

A defesa de uma visão não normativista da língua, o combate ao preconceito linguístico, a afirmação de que não existe o “português errado” (o que temos são variantes de maior ou menor prestígio social), embora necessárias, porque constitutivas do que fomos construindo como professores e como cidadãos engajados em uma visão de mundo emancipatória e não conservadora são atitudes que geram conflitos nas escolas. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 57)

De fato, a demora que o tema levou para ser discutido, acomete problemas ainda difíceis de lidar. Mas, com as tantas pesquisas já realizadas e em andamentos, fizeram com que a sociedade começasse a se preocupar com mais está bandeira a ser levantada. Tanto que, nos Planos Curriculares Nacionais da educação, já é visto que este assunto do preconceito linguístico e da variação linguística tomaram espaços para discussão a fim de contribuir para a erradicação do problema.

Ainda haverá pessoas que zombarão de outras pessoas, a fim de menosprezar a fala diante do contexto social do falante que sofrerá o preconceito, mas a boa nova é que os estudos linguísticos têm avançado na propagação da divulgação dos seus estudos em outros meios, além da universidade.

Na internet encontramos páginas sociais que defendem a causa, e levam conteúdos a respeito de forma didática e empírica para os seus leitores, facilitando a compreensão e contribuindo para o entendimento de que não existe o falar certo e o falar errado. Assim como

o professor, em sala de aula, deve deter dos mecanismos linguísticos para que a gramática normativa não distancie o aluno da sua primeira língua. Para que ele cresça consciente de que a herança cultural que esta criança carrega, é importante para o seu desenvolvimento intelectual.

### **3.2 Quem defende a variação linguística do professor?**

A sala de aula é um ambiente complexo onde estão representadas diferentes culturas, histórias, crenças e pessoas das mais diversas áreas da atividade humana. É por isso que ao ensinar português em sala de aula, os professores estão cientes de todas essas complexidades e devem buscar métodos e recursos que permitam um ensino dinâmico para atender às necessidades de forma personalizada sem perder a prática docente (SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011).

A fala é a materialização do pensamento, que é moldado pelas condições históricas, sociais e culturais. Dessa forma, a língua tornou-se um importante campo de estudo no ensino de português. No entanto, a variante portuguesa tem uma tendência, muitas vezes referida como “padrão”, a estar mais próxima da expressão da classe dominante.

Tendo em conta esta realidade, e sabendo que a aplicação do condicionamento linguístico é fundamental para a mobilidade social, esta investigação irá refletir sobre a abordagem da variação linguística no currículo português, importante para a construção do conhecimento linguístico autônomo e crítico. Em outras palavras, o tema apresentado limita-se à análise do desempenho social da fala em sala de aula como fenômeno potencializador da aprendizagem crítica do português.

A variação linguística é um campo da sociolinguística que busca vincular estruturas linguísticas e sociais, com base nos aspectos da história, cultura, sociedade, distância geográfica, etc. A distância que existe entre a língua materna, aprendida em casa e nos primeiros anos de vida, e o português ensinado na escola, é um desafio a vencer porque estão tão distantes, e as duas formas de língua nem sempre se complementam (MOREIRA, 2015).

Sob certas condições, quando os alunos são apresentados a uma determinada forma de linguagem de planejamento, os efeitos que os alunos experimentam podem levar à frustração na apropriação das muitas possibilidades dessa linguagem. A superação desse problema, porém, exige esforço e, além de inteligência e moralidade.

Todos esses desafios, dificuldades e problemas, para começar a enfrentar, precisam ser motivos de reflexão e questionamento por parte dos professores de português, como já mencionado anteriormente, eles precisam saber quais conceitos de língua assumem, como praticam o ensino. Que tipo de ensino se pretende desenvolver em sala de aula e principalmente quais são os objetivos a serem alcançados por meio da sala de aula.

Pesquisadores da sociolinguística fazem uma proposta para superar esse desafio em diálogo com este estudo, e em contraste com o mero ativismo linguístico, que se concentra quase que exclusivamente em propostas de abordagens politicamente e socialmente corretas da linguagem.

Nessa perspectiva, a sociolinguística torna-se mais abrangente, abrangendo não apenas a linguagem em si, mas também a vinculando ao trabalho, à cultura, à ciência e à tecnologia. Em outras palavras, significa que os alunos expressam uma condição social quando falam, e é responsabilidade do professor captar essa condição social para construir uma instrução significativa para os alunos (CAMPOS, 2018).

Lidar com o fenômeno da variação linguística em sala de aula nas diferentes formas de falar dos alunos requer muita reflexão por parte de todos os profissionais da escola, especialmente os professores nativos, pois apesar da pesquisa e desenvolvimento, nenhuma atenção foi dada à resposta do impacto da diversidade linguística no processo.

Diante desse impacto, a linguagem precisa ser entendida como um conjunto heterogêneo, aberto e flexível de sistemas ao mesmo tempo, ou seja, como um conjunto de falas utilizadas por um conjunto de falantes que criam e recriam recursos linguísticos para se comunicarem entre si.

Qualquer língua, em qualquer momento desde seu uso, mudou em vários níveis, o que significa que qualquer língua se manifesta naturalmente como um conjunto de diferentes enunciados que atendem às exigências de diferentes contextos.

Portanto, não podemos pensar em uma língua homogênea que possa ser falada da mesma maneira em todos os lugares. A variação linguística é uma das questões relevantes que merece destaque no campo da linguagem, e sempre existe nas relações sociais. No entanto, foi somente a partir da década de 1960, com o avanço da sociolinguística americana, que começou a interessar pesquisadores preocupados principalmente com questões sociais (DEUS, 2018).

Diante das diferenças sociolinguísticas, o papel da escola é fundamental, não podemos simplesmente ignorar as características linguísticas e culturais dos alunos e tentar substituí-las somente pela gramática normativa. Ao contrário, a diversidade linguística desses alunos precisa ser respeitada e valorizada sem que seja negada a oportunidade de aprender variantes prestigiadas, pois a língua é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social.

As escolas não podem ignorar as diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos devem estar bem cientes de que existem duas ou mais maneiras de expressar a mesma coisa. “Além disso, essas formas alternativas servem a diferentes propósitos comunicativos e são aceitas pela sociedade de diferentes maneiras”.

O português no Brasil tem muitas variantes de dialetos. As pessoas são identificadas geograficamente e socialmente pela forma como falam. No entanto, há um viés devido aos valores sociais relativos trazidos pelas diferentes formas de falar: é comum ver variantes linguísticas menos prestigiadas como inferiores ou erradas. Como parte do objetivo educacional mais amplo de respeitar a educação da diferença, o preconceito generalizado contra o discurso dialeto na sociedade deve ser confrontado nas escolas (MURAD; SILVA, 2012).

Para isso, para poder ensinar português, as escolas precisam se livrar de alguns mitos: só existe uma forma ‘correta’ de falar - uma semelhante à escrita, que é o espelho da fala e, portanto, é preciso ‘corrigir’ os alunos. Sua fala, vendo sua comunidade como composta de pessoas incompetentes, mostra um desconhecimento de que uma língua não se escreve exatamente de acordo com qualquer dialeto dela, por mais prestigioso que seja. Um deles em um momento histórico específico.

Essas novas ideias difundidas entre os professores têm tido um impacto muito positivo, no entanto, ainda há muita resistência devido à persistência de ideias antigas e práticas tradicionais de ensino. Outro obstáculo à configuração da mudança postural dos professores ao lidar com a variação linguística em sala de aula é a falta de formação adequada para lidar com o relativamente novo corpo de teoria e prática que é objeto e objetivo do ensino de português (SOARES, 2019).

Podemos ver em muitas obras o esforço do autor de combater o preconceito linguístico e valorizar a diversidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica coerente, especialmente a confusão no uso de terminologia e conceitos, prejudica muito o trabalho que esses escritos fazem em torno do fenômeno da variação e mudança.



Esse comportamento dos professores em relação às diferenças linguísticas não ajuda, na verdade, a eliminar o preconceito, nem ajuda os alunos a falar com segurança e expressar suas opiniões em sala de aula, independentemente de sua classe social e modo de falar. Entendemos que a forma como o professor concebe a língua e a língua é uma das questões fundamentais do ensino da língua materna, pois sua postura, suas expectativas em relação aos seus alunos, a estrutura de seu trabalho linguístico no ensino depende da forma como ele vê a língua.

Nas interações em sala de aula, no entanto, pudemos observar que, embora ambos os professores buscassem continuamente o envolvimento dos alunos, na prática ainda mostravam que era difícil renunciar a privilégios mais formais da linguagem e considera a frase o seu maior elemento.

Mesmo assim, uma das professoras conseguiu desenvolver seu currículo para ganhar mais engajamento dos alunos, pois proporcionou mais oportunidades de expressão espontânea, elogios e reconhecimento das respostas dos alunos. Use e valorize seu conhecimento anterior para discutir abertamente a variedade de idiomas. Por fim, encontramos preocupações sobre o uso da linguagem como forma de interação social em suas salas de aula (GÖRSKI; COELHO, 2019).

Situações semelhantes de observações em sala de aula do ensino fundamental e entrevistas semiestruturadas com professores, foram subsidiados para confirmar a necessidade de as escolas fazerem um trabalho mais sistemático sobre a variação linguística, pois esse fenômeno existe na linguagem e como resultado de vários fatores: geografia, sociedade e cultura.

Parte do cotidiano dos professores também deve conscientizar os alunos de que não deve haver discriminação ou preconceito contra as variedades utilizadas por outros. É uma tarefa um pouco difícil quando as pessoas não conseguem eliminar a existência de equívocos: como disse um professor entrevistado: Quando eles usam suas variantes, eu tento fazer com que eles leiam, falem e se sintam certos (DO CARMO; SILVA; MOREIRA, 2019).

Entendemos que enquanto os professores acreditam que a linguagem não é homogênea e se preocupam em não estigmatizar a fala dos alunos, é difícil escapar do discurso autoritário que ainda prevalece nas escolas, definindo o que é 'correto' em relação à linguagem e ao estigma. Contudo, padrões diferentes devem ser discutidos com os alunos, mesmo que não sejam abordados nos livros didáticos, mesmo que não sejam sistematicamente discutidos nos

cursos de português, principalmente quando os alunos apresentam introversão com uma diversidade linguística de ‘Errado’, ‘Inferior’, ‘Feio’ e ‘Inadequado’ (DO CARMO; SILVA; MOREIRA, 2019).

Percebemos o quanto, ingenuamente, a cultura do erro se propaga nos espaços escolares, nas vozes e imagens da mídia. Isso exacerba as distorções dos fenômenos linguísticos e fomenta o preconceito, mesmo entre falantes da mesma raça. Reiterar que os alunos aprenderam que o que eles veem nas diferenças, são apenas erros.

O que se percebe, porém, é que mesmo com os avanços nos estudos da linguagem, ainda prevalecem discursos autoritários de tons “certos” e “errados” e estigmatizadas variantes que fogem da norma. Uma das consequências mais graves desse discurso é que os alunos têm medo de falar em sala de aula, não saber se expressar e ser ridicularizados. Eles certamente não falam ou escrevem quando saem da escola.

Acreditamos que a prática docente precisa ser repensada de forma a respeitar os cidadãos, independentemente de sua classe social e modo de falar, e assim contribuir para a plena realização da cidadania (LIMA; VOGLEY, 2012).

O viés linguístico é bem conhecido, mesmo em sala de aula, e não há uma explicação coerente para o problema. Indiscutivelmente, o viés linguístico vem do viés social, ou seja, um complementa o outro.

A escola é um espaço amplo e diversificado onde professores e alunos são falantes heterogêneos, por exemplo, é composta por pessoas de diferentes regiões que trazem sotaques e vocabulários relacionados ao seu local de origem. Sua pronúncia representa seu lugar, indicando que a língua brasileira é rica e diversificada, mas há professores nas instituições de ensino que não sabem enfrentar o desafio de combater o preconceito contra a língua, corrigindo exageradamente a fala dos alunos, esperando convencê-los de que sua língua está incorreta.

Existe um viés linguístico nas escolas e em algumas salas de aula, ele esclareceu que isso acontece diante da atitude de alguns professores que geralmente não respeitam as diferenças linguísticas causadas pelas falas dos alunos por acharem que essa diversidade é um equívoco no português, esse movimento cria uma grande sensação de insegurança quando os alunos se expressam (ALVES; DE SOUZA, 2013).

Quando um aluno inicia sua vida escolar, ele trará sua própria forma de expressão de acordo com sua vida familiar, mas o professor deve respeitar a fala do aluno, mas não pode

deixar de mostrar a importância da comunicação, utilizando diversas formas de diálogo, para que se adapte ao seu ambiente. Para tanto, o professor deve dominar o conhecimento da matéria, a fim de tratá-la de forma clara e objetiva, de modo a evitar constrangimentos para os alunos. Feita essa elaboração, cria-se uma barreira no aluno, que dificultará seu desempenho, não só dentro da escola, mas também na forma de suas relações sociais.

Os alunos ingressam na escola com o objetivo de se prepararem para a vida, não só profissionalmente, mas também na vida privada, o que muitas vezes se torna contraditório, e algumas instituições de ensino ainda estão intimamente associadas ao ensino tradicional, ignorando todas as experiências do aluno, inclusive sua fala, que será alterada para encontrar outro discurso longe de sua realidade.

No entanto, reconhecer a variação linguística e respeitá-la nas escolas não significa desvalorizar a linguagem padrão, pois ambas requerem a mesma atenção pedagógica, pois a linguagem informal também faz parte da realidade dos alunos, assim como a linguagem formal, ou seja, por meio de estratégias e ensino escolar (PEREIRA *et al.*, 2013).

Seria ótimo reconhecer que não há unidade linguística em nosso país, porque assim os alunos podem enfrentar a diversidade linguística sem dificuldade. As escolas, portanto, têm a responsabilidade de usar mecanismos que influenciem a reflexão positiva dos alunos sobre a variação linguística, e tanto professores quanto alunos precisam estar cientes de que os falantes de todas as línguas não padronizadas precisam ser ouvidos e reconhecidos como cidadãos empoderados, e estes precisam ser valorizados pela sociedade.

Portanto, ao utilizar a linguagem, os indivíduos devem estar cientes de que o ato de falar não está relacionado a uma regra padronizada, mas aos efeitos interativos causados por esse comportamento comunicativo. Como mencionado anteriormente, a variação linguística é uma forma de expressar a linguagem através de diferentes formas de falar, mas essa rica diversidade é discriminada simplesmente porque é inconsistente com a linguagem padrão.

Os preconceitos existentes relacionados à diversidade linguística são evidentes em toda a sociedade, mesmo reconhecendo que o povo brasileiro é heterogêneo e não aceitar a variação linguística como forma de se expressar não é certo nem errado, mas diferente.

As escolas são, portanto, uma das ferramentas importantes para reconhecer e apreciar esta mudança, através das quais os professores e o setor da educação podem estar mais expostos a esta realidade, mas este espaço educativo muitas vezes não é propício à diversidade linguística porque impõe regras a seguir. Assim, as escolas devem dar aos

professores, principalmente aos alunos, a liberdade de demonstrar sua riqueza linguística, sugerindo que essa mudança importa porque documenta a identidade de um indivíduo (GUEDES; SOUZA, 2011).

O viés linguístico no Brasil é exposto pela enorme diversidade de linguagem que é rejeitada por raramente ser aceita pelas escolas. Esse preconceito está se tornando mais evidente no país à medida que cresce com o cultivo diário de uma ferramenta de comunicação que dissemina o que é certo ou errado.

Um forte exemplo de viés linguístico é encontrado na linguagem utilizada pelos nordestinos, pois essas pessoas são discriminadas por causa do sotaque mesmo quando utilizam normas padronizadas em seu comportamento comunicativo, ou seja, sua própria forma de pronunciar.

Portanto, pode-se dizer que falar em geral é muito exigente e na maioria das vezes algumas pessoas procuram uma língua pura sem diferenças linguísticas para marcar a língua como certa ou errada. No entanto, os valores linguísticos das pessoas não são os mesmos, pois cada grupo social vive em uma determinada área geográfica, e todos possuem uma classe social, por isso pessoas diferentes, com costumes diferentes, se expressam de maneiras próprias e diferenciadas. Infelizmente, no entanto, essa diferença tem sido mal interpretada como prestígio social, sendo caracterizado pelas palavras dos indivíduos (SILVA; DE FRANÇA, 2018).

Isso é uma verdadeira afronta aos direitos humanos, por exemplo, nas novelas da TV, principalmente na "Globo", as falas dos nordestinos são retratadas como tal. Todo personagem de descendência nordestina, sem exceção, é do tipo grotesco, rústico, retrógrado, criado para provocar risos, vaias e vaias de outros personagens e do público. Em nível linguístico, atores não nordestinos expressam seu sarcasmo em uma linguagem que não se encontra em nenhum lugar do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que deve ser a linguagem de Marte! Mas sabemos bem que esta atitude representa uma forma de marginalização e exclusão (VIEIRA, 2009).

O viés linguístico não é fruto apenas das diferenças sociais, mas também das regiões geográficas, divididas entre os que têm mais acesso e conseguem dominar uma língua padrão, e os que sofrem preconceito por serem pobres ou nordestinos por serem excluídos.

A diversidade linguística é um reflexo da diversidade social, assim como em todas as sociedades existem algumas diferenças de status ou papéis, e essas diferenças se refletem na

linguagem. Portanto, a linguagem é um espelho da sociedade, e as mudanças que ocorrem na sociedade também ocorrem na linguagem de acordo com as necessidades comunicativas. Como justificativa para esta afirmação, todas as variantes linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários.

No entanto, infelizmente no nosso país ainda existe a ideia de uma língua única, ignorando a enorme diversidade do português. Isso é notável em um ambiente escolar, onde se perpetua o ensino tradicionalista, o ensino baseado na gramática normativa/normas padrão e suas regras chatas, impondo seu ensino às escolas como se fosse a única coisa certa a fazer, independentemente de outras variantes (SOARES, 2019).

Mas como pode uma crença na unidade da linguagem ser prejudicial ao ensino? Além dos motivos citados acima para ensinar aos alunos que a realidade é diferente, essa ideia de linguagem homogênea pode abrir brechas para que alguns fatos ocorram, aumentando ainda mais a distância entre a linguagem e a realidade pessoal, por exemplo, a prática da linguagem preconceito, exceto pela frustração e estagnação que isso leva.

O ideal da escola é ensinar português de acordo com o tipo de língua, começar a olhar para eles de forma positiva, vendo-os como "uma mais valia" porque permite que os alunos tenham uma estrutura linguística maior em termos de poder falar de forma diferente de uma única maneira.

Dessa forma, é realizado um estudo extenso e prático da linguagem, dando sentido a esse ensino, atentando para todas as conexões linguísticas que compõem o sistema linguístico brasileiro. Além disso, a redução da incidência de práticas de discriminação e preconceito contra outras raças que se desviam da norma normativa retrata a realidade linguística brasileira e reduz a frequência de práticas de viés linguístico, que serão abordadas com mais detalhes em capítulos posteriores (GÖRSKI; COELHO, 2019).

É sabido que o dialeto de uma determinada comunidade caracteriza a identidade de pertencimento de um indivíduo, pois a pessoa se expressa inicialmente por meio de sua primeira língua, sua língua materna, de modo que utilizará recursos com os quais está familiarizado, somente posteriormente se vai expor a outras formas de falar, como a linguagem padrão exigida pela sociedade.

Observou-se que as práticas pedagógicas dos professores entrevistados refletiam um foco em proporcionar uma aprendizagem significativa. Notou-se que nenhuma intervenção

tendenciosa foi registrada, e os educadores fizeram esforços para não se desviar das normas padrão durante a instrução.

No entanto, as respostas às questões sugeridas evidenciaram uma desvalorização da linguagem informal, pois a maioria deu respostas negativas, ressaltando que as crianças que responderam incorretamente provavelmente escreveriam, pois o maior percentual de respostas especificou verdadeiro e falso, indicando correto. Repetidores da norma padrão, assim, embora não proponham diretamente intervenções linguísticas tendenciosas, elas amplificam os preconceitos linguísticos ao desvalorizar a diversidade informal da língua.

É importante ressaltar que na prática observada, faz sentido refletir que o papel da escola não é ensinar as crianças a falar, pois isso é algo que elas aprendem muito antes de entrar nesse ambiente. Talvez seja por isso que os professores não se preocupam em ensinar a diversidade oral e, quando o fazem, tentam inadequadamente corrigir a fala de uma criança, pois é diferente da diversidade de prestígio social para evitar erros de ortografia (DO CARMO; SILVA; MOREIRA, 2019).

Assim, ao analisar este trabalho, infelizmente, a maioria dos educadores desvalorizam as línguas locais e denigrem os dialetos, línguas específicas de determinadas comunidades, constatando assim que se confirmou a hipótese original de que a maioria dos professores pesquisados acredita que existe uma forma correta de falar, semelhante à norma. Os resultados obtidos proporcionam, assim, reflexões importantes para a prática docente. Portanto, espera-se que este trabalho contribua de alguma forma para um ensino de português mais eficaz, principalmente um ensino que respeite a diversidade linguística que existe em sala de aula.

## CAPÍTULO IV

### METODOLOGIA

Neste momento do estudo, abordaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa, bem como apresentamos o contexto do estudo, no caso, o mapeamento das escolas e das professoras participantes selecionadas na cidade de Cáceres, além dos meios necessários para a execução da pesquisa de campo.

#### 4.1 Mapeamento das escolas colaboradoras

Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, sendo coleta e análise de dados conforme a Teoria Variacionista, de William Labov, estando, portanto, fundamentada na área da Sociolinguística.

Enquanto na pesquisa qualitativa, segundo Teixeira “o pesquisador procurará reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica” (TEIXEIRA, 2005, p. 137). Ou seja, uma complementa a outra, assim como ambas também podem ser trabalhadas separadamente.

Com base nisso, este estudo buscou sanar dúvidas como a recorrência de variantes, utilizando-se quantidade e a qualidade dos dados reais coletados, já que se tratando de uma pesquisa de coleta da língua falada, as informações colhidas serviram para nos explicar como os acontecimentos em sala de aula, refletem no modo de falar do docente diante da comunidade pedagógica.

A cidade de Cáceres está localizada a 220 km de Cuiabá, capital do Mato Grosso. O município faz fronteira com a Bolívia, sendo a principal cidade abrangida pelo pantanal mato-grossense<sup>7</sup>.

Podemos destacar que não é estranho ao andarmos pelas suas ruas, avistarmos pessoas estrangeiras, justamente pelo fato de ser uma região fronteira. Isso podemos ver na ilustração no mapa que segue (Mapa 1):

---

<sup>7</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de Cáceres, 2021. Disponível em: <<https://www.caceres.mt.gov.br/A-Cidade/Conheca-Caceres/>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

**Mapa 1** - Localização de Cáceres



**Fonte:** (Olhar agro & negócios, 2013)<sup>8</sup>

Cáceres por si só, é uma cidade riquíssima quando falamos sobre variação e diversidade linguística. Isso verifica-se em uma busca rápida pela internet, ao encontrarmos vários estudos acerca do tema, sobretudo no próprio programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade do Estado (UNEMAT).

Vale ressaltar que nesta mesma cidade, encontra-se a sede oficial da Unemat, ofertando 13 cursos de graduação e 3 cursos de pós-graduação sendo que cada ano letivo, formam-se cerca de 40 profissionais licenciados em Letras com habilitação em língua inglesa.

Nesse sentido, constam as pesquisas desenvolvidas pela Professora Dra. Jocineide Macedo Karim (UNEMAT-PPGL) com foco no falar cacerense que servirão de grande utilidade para iniciarmos essa discussão.

Como por exemplo, a sua dissertação defendida em 2004, com o título *A variação na concordância nominal de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT*; assim como também a sua tese, em que estuda “*A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*”<sup>9</sup>, defendida em 2014. Seus estudos serviram para mostrar que o falar cacerense possui relevância cultural de um povo ribeirinho que aprendeu a viver na cidade.

Quem transita por Cáceres, consegue perceber os traços desse falar que mesmo com o uso da tecnologia advindo da modernidade, nunca perdeu a pureza e a elegância de possuir

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.agroolhar.com.br/noticias/exibir.asp?id=5935&noticia=fronteira-entre-mato-grosso-e-bolivia-tera-tratamento-especial>. Acesso em: 06 abr. 2022.

<sup>9</sup> Fonte: Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2146448441116365>>. Acesso em: 19 jan. 2022.



uma linguagem antiga e muito admirada por toda região, se estendendo a eventos internacionais realizados pela própria Universidade do Estado do Mato Grosso.

Os próprios jornais da região, fazem questão de publicar matérias a respeito do falar cacerense. Não é difícil darmos um *google* na internet e encontrarmos diversos títulos a respeito, como por exemplo: *O falar cacerense é um patrimônio cultural que precisa ser preservado* - Por Lygia Lima em especial Cáceres notícias<sup>10</sup>.

A entrevista se deu com a professora Dra. Jocineide Macedo Karin, que vem fazendo um grande trabalho sobre a cultura do falar cacerense. Na entrevista, a professora discorre sobre a origem desse modo de falar, assim como a existência do preconceito social e econômico derivados pelo fenômeno linguístico.

A partir dos estudos já realizados pelo programa de pós de graduação, este trabalho tomou corpo com base nas vivências pedagógicas desta pesquisadora: em analisar o falar cacerense, inserido nos padrões da norma culta em sala de aula.

Um ponto importante da entrevista com a pesquisadora Dra. Jocineide, é quando a pesquisadora relata sobre a importância dos estudos linguísticos nessa área de atuação, como podemos ver:

Para a professora Jocineide é preciso deixar claro que o preconceito com relação ao falar cacerense é muito atrelado ao preconceito social, econômico, mas ainda assim essa realidade vem sendo modificada, porque a medida que aumentam os estudos e as pessoas tem mais conhecimento de que na fala não ocorrem erros, mas usos linguísticos, vai se tendo a consciência de que o falar cacerense é um patrimônio cultural que precisa e merece ser respeitado e preservado. (JORNAL OESTE, 2019, s/p.)

Por isso, é muito importante que a universidade continue produzindo trabalhos que possam colaborar com o amadurecimento da sociedade em relação ao falar cacerense, já que nos ensina a respeitar a cultura dos antepassados que nesta região viveram. É uma cultura viva, que vem passando de geração e geração, tanto que por ser uma cidade histórica, Cáceres recebe muitos turistas que não vêm até aqui somente conhecerem a pesca. É uma cidade onde cada monumento histórico possui uma história que pode ser contada por alguém, provavelmente usando o dialeto regional.

---

<sup>10</sup> **Falar Cacerense – Uma riqueza cultural** - Por: Lygia Lima em especial Cáceres notícias – Via Jornal Oeste (2009. Disponível em: <<https://www.caceresnoticias.com.br/cultura/falar-cacerense--uma-riqueza-cultural/651457>>.

## 4.2 Coleta de dados

Para a realização do estudo, dividimos o trabalho em distintas etapas e procedimentos metodológicos, seguindo a proposta de três fases que Marconi e Lakatos (1999) sugerem.

### 4.2.1 Primeira Etapa– Levantamento do *locus* da pesquisa

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, selecionamos cinco escolas dentro do perímetro urbano da cidade de Cáceres-MT, distribuídas em bairros diferentes. Logo após a seleção, todas as cinco escolas foram visitadas para que a apresentação da pesquisadora pudesse ser realizada e a pesquisa pudesse ser aceita pelo corpo pedagógico-diretivo de cada escola.

Por meio do Termo de Consentimento (ver Apêndice)<sup>11</sup>, todas as escolas e informantes se solidarizaram em contribuir para a realização desta pesquisa. As escolas participantes da pesquisa foram nomeadas por códigos e não seguem a ordem da visita da pesquisadora.

As informações relevantes a respeito do ano de fundação, quantidade de alunos e docentes, encontram-se no quadro abaixo (Quadro 1):

**Quadro 1** - Escolas participantes da pesquisa

<b>Código da escola</b>	<b>Cidade</b>	<b>Ano de fundação</b>	<b>Quantidade de alunos</b>	<b>Quantidade de professores</b>	<b>Turmas ofertadas</b>
<b>EA1</b>	Cáceres	1987	402	14	2º ao 9º ano EF <sup>12</sup>
<b>EA2</b>	Cáceres	1959	865	45	2º ao 9º ano EF
<b>EA3</b>	Cáceres	1985	730	54	1º ao 9º ano EF
<b>EA4</b>	Cáceres	1980	650	40	2º ano EF ao 3º ano EM <sup>13</sup>
<b>EA5</b>	Cáceres	1979	456	29	2º ao 9º ano EF

**Fonte:** (Autoria própria, 2022).

<sup>11</sup> Vale ressaltar que o presente estudo tramitou pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade sob o número do parecer: 5.472.373 (ver Anexo I) que foi **aprovado** no dia 15 de junho de 2022.

<sup>12</sup> EF: Ensino fundamental;

<sup>13</sup> EM: Ensino médio.

Entre algumas informações do Quadro 1, está o fato de que a escola mais antiga da pesquisa possui 63 anos de existência (EA2), enquanto a mais nova possui 35 anos (EA1). O quadro acima é separado por ano de fundação das escolas colaboradoras, séries oferecidas, quantidades de docentes e alunos.

Ao todo notamos que a quantidade de alunos em média ultrapassa a faixa de 400. Um número alto a se pensar diante da localização geográfica de cada escola, significando que a cidade corresponde a um grande número de alunos no contexto pedagógico escolar.

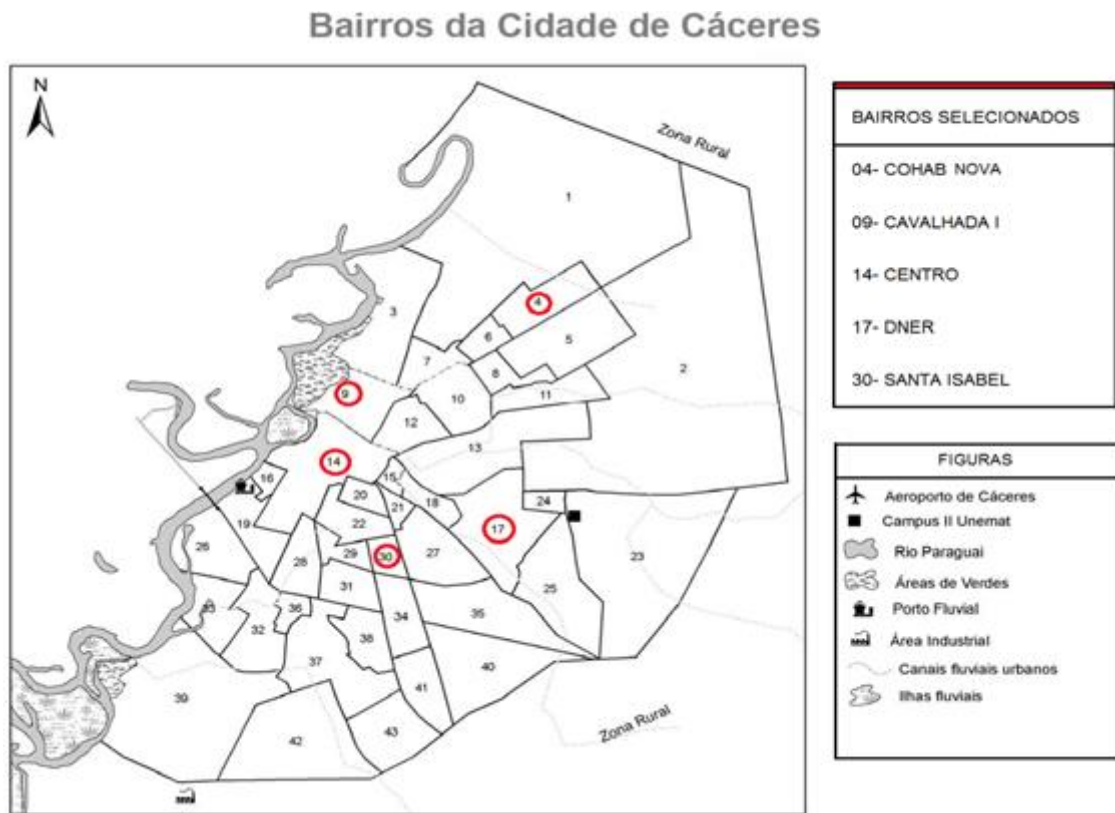
Outro aspecto que se verifica no quadro acima é o fato de que apenas uma escola oferece o nível do ensino médio (EA4), o que pode justificar a localização do bairro em questão que se distancia do centro da cidade, ficando próximo da área rural do município.

Além disso, verificamos no quadro que a escola (EA2) mais antiga de Cáceres se localiza, justamente, no bairro perto ao Rio Paraguai, em concordância com o avanço da colonização do perímetro urbano.

A historicidade de cada professora-colaboradora representa o compasse da cultura pedagógica inserida na sociedade. Além disso, todas as docentes participantes da pesquisa estudaram em escolas de ensino básico da cidade, e atualmente trocaram o seu lugar de fala, foram das que aprenderam para as que ensinam.

No mapa a seguir (Mapa 2), podemos observar a localização das escolas – sem ordem definida, por bairro:

**Mapa 2** - Localização das Escolas



**Fonte:** (Bairros da cidade de Cáceres, 2022; adaptação própria)<sup>14</sup>

Vale destacar que a cidade de Cáceres se projetou naturalmente de forma que o rio prevalecesse ao redor da área urbana. Tendo em vista a principal praça da cidade – Praça Barão, localizada no centro ao lado do rio Paraguai, é um dos pontos turísticos mais importantes da região.

Com base nisso, a escolha das escolas participantes se deu justamente por meio da localização de cada bairro na cidade. Ou seja, a intenção foi de trabalharmos com dados de diferentes áreas da cidade levando em conta que cada bairro possui uma forma de funcionamento. Isso também é representado na fala quanto aos fatores extralinguísticos, como por exemplo, idade e fator social.

No decorrer das visitas, após colher todas as assinaturas necessárias entre a Universidade do Estado do Mato Grosso e as Unidades Escolares selecionadas, realizamos um

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www2.unemat.br/atlascaceres/Conceitos\\_e%20atividades/3\\_OE\\_rosa\\_ventos.pdf](http://www2.unemat.br/atlascaceres/Conceitos_e%20atividades/3_OE_rosa_ventos.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2022.

levantamento prévio de quantos professores de língua portuguesa cada escola obtinha, para que o próximo passo da pesquisa pudesse acontecer.

#### 4.2.2 Segunda Etapa – Contato com o *locus* da pesquisa

Com o levantamento da quantidade de docentes de língua portuguesa em cada escola, aplicamos um breve questionário de dez perguntas para todos os educadores.

Dessa forma, as perguntas que constaram em nosso questionário e que visam compor o perfil dos colaboradores do estudo foram as seguintes:

- 
1. Qual o seu nome e a sua idade?
  2. Qual a sua profissão?
  3. Qual o ano de conclusão da sua graduação?
  4. Qual a sua titulação?
  5. Há quanto tempo você atua na área de ensino e nessa escola?
  6. Onde você nasceu?
  7. Há quanto tempo reside em Cáceres?
  8. Em algum momento de sua vida, você residiu em outro município que não seja Cáceres?
  9. Onde os seus pais e/ou responsáveis por você nasceram?
  10. O que você acha do falar cacerense?
- 

O objetivo desse procedimento metodológico centrou-se em melhor selecionar quais profissionais estavam aptos para colaborarem com o estudo e, dessa forma, terem sua fala como objeto de análise em nossa pesquisa. Assim, chegou-se a exatidão de um docente por escola, perfazendo cinco professores-participantes deste estudo.

Isso nos sugere Tarallo (2007, p. 22), ao destacar que: “Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista”.

Vale destacar que, como o nosso contexto se trata de um espaço escolar, no caso, a dinâmica da sala de aula, a nossa presença de pesquisador ocorreu como se fosse a de um estagiário. Nossa intenção era a de que o estranhamento acometido pelo professor de língua

portuguesa fosse minimizado, fazendo com que ele se sentisse o mais à vontade possível, para lidar com a sua turma da forma que achasse necessário.

É o que propõe Tarallo (2007):

O propósito do método de entrevista sociolinguista é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguista, como afirmamos, deve coletar: 1. Situações naturais de comunicação linguística e 2. Grande quantidade de material, de boa qualidade sonora (TARALLO, 2007, p. 21).

Notamos que para Labov, a coleta de dados com a utilização de um questionário é discutida em suas obras, Monteiro explica que:

Se o pesquisador decide, ele próprio, colher os dados para organizar amostra com que vai trabalhar, terá antes que pensar sobre a forma como gravará as entrevistas. Normalmente, a *investigação sociolinguística deverá partir de registro da fala e*, por isso, às vezes é necessário estabelecer-se um plano de *entrevistas direcionado* (MONTEIRO, 2000, p. 85 – grifos nossos).

Com os informantes já selecionados e aptos para participarem da pesquisa, as gravações foram realizadas em cinco turmas do ensino fundamental II, de acordo com o quadro a seguir (Quadro 2):

**Quadro 2** - Turmas participantes da pesquisa

Ano/Turma	Quantidade de turmas
6º Ano	1
7º Ano	1
8º Ano	1
9º Ano	2

**Fonte:** (Autoria própria, 2022).

Como relatado e registrado no Quadro 2, a pesquisa foi feita em cinco turmas do ensino fundamental, sendo que essa coleta do material (gravação das interações e falas da professora com os alunos dessas turmas) foi realizada do período compreendido entre os dias de 04 a 10 de maio de 2022, nas escolas já mencionadas acima, em horários que alternaram entre o matutino e o vespertino.

Com a utilização de um gravador de voz instalado no celular da pesquisadora, as gravações aconteceram em momentos da explicação do conteúdo do colaborador-professor para a sala, e em momentos de interação entre o colaborador e os alunos.

#### 4.2.3 Terceira Etapa – Tratamento dos dados da pesquisa

Com a coleta dos dados ‘em mãos’, as transcrições dos áudios ocorreram de acordo com o planejamento das gravações seguido no passo anterior.

Entre os critérios de análise, nos amparamos no linguista Roger T. Bell (1978, p. 252 citado por Monteiro 2020), que desenvolveu oito princípios dos quais utilizamos quatro para nortear a nossa pesquisa, sendo eles:

- 1) **O vernacular:** representa o principal foco de investigação em sociolinguística e se refere a naturalidade da fala ou mínima atenção prestada ao uso da língua pelo falante.
- (2) **O da uniformidade:** nega a rígida oposição entre linguística sincrônica e diacrônica, na tentativa de se criar um modelo dinâmico de língua em uso;
- (3) **O da mudança de estilo:** assinala que o investigador deve estar atento aos problemas decorrentes da situação da entrevista que possam interferir no grau de espontaneidade da fala;
- (4) **O da formalidade:** insiste em que o linguista deve ter o maior cuidado ao deparar-se com alguns problemas durante a coleta de dados numa entrevista, pois o informante, nessa ocasião, usa a língua com mais atenção (BELL, 1978, p. 252 *apud* Monteiro, 2020, p. 84 – grifos do autor).

Tarallo (2007) nos mostra que a diagramação dos dados poderá ser utilizada para que, após as transcrições das falas, possamos analisar e comparar de forma igualitária todo o material coletado. Vemos que:

A diagramação consistirá em recortes da entrevista em termos de: 1. Dado-resposta à pergunta do entrevistador *vs.* dado espontâneo do entrevistado; 2. Narrativas provocadas por módulos *vs.* narrativas espontâneas; 3. Números de intervenções do entrevistador; 4. Narrativas subsequentes, provocadas ou espontâneas, etc. **A diagramação é uma forma mais prática de comparar a naturalidade dos dados de duas ou mais entrevistas.** (TARALLO, 2007, p. 31 – grifos nossos)

A partir disso, a nossa pesquisa seguiu o seu curso entre discussão e teorias que buscaram sanar as dúvidas que acarretaram o desenvolvimento desse estudo. Por isso a coleta de dados é de suma importância e foi realizada com respeito, ética, decorrente da teoria Variacionista qualitativa.

É de suma importância reiterar que durante as gravações, as falas de alguns alunos apareceram, contudo, nós as descartamos quando os dados foram transcritos para a tabela da coleta de dados dessa pesquisa. A fala dos alunos, de modo geral, não nos é relevante assim como a fala do pesquisador, caso, durante a aula o professor regente faça alguma pergunta ao pesquisador no intuito de fazer com que o analisado se sinta mais confortável e esqueça que está sendo gravado. Somente analisamos, após os dados serem catalogados, como esse fenômeno linguístico reflete na sala de aula, pois, como já foi dito anteriormente, os nossos objetivos centram-se no falar cacerense do professor de língua portuguesa.

### 4.3 Contato com os professores e sondagem

Conforme inferido anteriormente, este trabalho dividiu-se em dois momentos essenciais, que contemplaram:

- (i) A viabilidade da escola em receber a pesquisa;
- (ii) A procura de colaboradores que se encaixassem nos padrões técnicos para a realização da mesma.

A viabilidade se deu por motivos do remanejamento dos alunos entre o município e o estado, fazendo com que algumas escolas que ofertavam o fundamental II, passassem a trabalhar somente com o ensino médio, e entre as escolas cívicos que se transformaram em cívico-militares.

Ao encontrar a escola, foi realizada uma sondagem com a coordenação de cada escola, sobre quantos professores de língua portuguesa havia em cada instituição de ensino e os locais onde esses professores nasceram.

Com base nessas informações, os professores-colaboradores foram convidados a preencher o formulário de entrevista e não houve mais do que um professor cacerense de língua portuguesa por escola.

Posteriormente, enviamos a carta para as professoras terem ciência da formalização, pois já haviam sido convidadas anteriormente para contribuir com a pesquisa. Devido ao aceite do convite, permanecemos em contato frequente, sendo que logo mais foram agendadas as datas para entrevista a ser realizada. Ainda, antes de tudo foram repassadas todas as informações as professoras, como seria a pesquisa e o que seria utilizado como *corpus* dentre outras informações importantes.

Reiteramos que a pesquisa tramitou pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT, e conta com situação **aprovado** a contar de junho de 2021 (Anexo I), sendo que, para tanto, foi entregue o termo de Consentimento Livre Esclarecido (ver anexo III).

### 4.4 Perfil dos colaboradores

Para fins de sistematização de dados, vale mencionar que cada informante-colaborador do estudo recebeu um código por ordem crescente da idade, o que não corresponde a ordem da coleta dos dados, como nos mostra o quadro abaixo:



**Quadro 3** - Idade dos colaboradores

<b>Código do informante</b>	<b>Idade</b>
A1	32
A2	39
A3	42
A4	43
A5	49

**Fonte:** (Autoria própria, 2022)

Conforme se pode visualizar no Quadro 3, os colaboradores que aceitaram participar da pesquisa possuem de 32 a 49 anos, sendo que todas dispõem da formação de licenciatura plena em Letras e habilitação em língua inglesa, tendo ainda uma instituição de ensino superior em comum: a Universidade do Estado, campus de Cáceres.

Os colaboradores variam entre funcionários efetivos do estado e interinos e todos os colaboradores são do sexo feminino. No caso, não encontramos professores do sexo masculino que se encaixassem no perfil da pesquisa, pois os que foram encontrados vieram de outros estados para essa região, ou seja, não eram nascidos em Cáceres.

Conforme, o quadro acima, (Quadro 3), as professoras participantes da pesquisa possuem pós-graduação na área da linguagem, sendo que três professoras colaboradoras possuem título de Mestre e uma está no Doutorado.

Em relação à quantidade de material coletado, tem-se que entre o período da coleta de dados, foram coletados, ao todo, 181,53 minutos de gravações, distribuídos da seguinte maneira:

- 
- ✓ **A1**= 51 minutos e 45 segundos de gravação, no dia 10 de maio de 2022, no período vespertino;
  - ✓ **A2**= 43 minutos e 29 segundos de gravação, no dia 10 de maio de 2022, no período matutino;
  - ✓ **A3**= 28 minutos e 32 segundos de gravação, no dia 04 de maio de 2022, no período vespertino;
  - ✓ **A4**= 40 minutos e 46 segundos, no dia 05 de maio de 2022, no período vespertino e,
  - ✓ **A5**= 18 minutos e 01 segundo, no dia 04 de maio de 2022, no período matutino.
-

É importante ressaltar que todas as gravações ocorreram com o consentimento das colaboradoras, por meio do termo de aceite e consentimento livre. A gravação foi iniciada no decorrer da aula, respeitando-se a tranquilidade da colaboradora em se desprender da formalidade de estar na presença de uma pesquisadora.

Nossa concentração esteve no vernáculo que foi o ‘nosso carro chefe da pesquisa’ ou seja, a língua falada em momentos de conversação do informante sem a preocupação de estar sendo analisado.

Segundo a autora Coelho (2010), temos uma exemplificação sobre o que significa o termo vernáculo. Aprendemos que:

Segundo Labov, o principal método para a investigação linguística e a observação direta da língua falada usada em situações naturais de interação social face a face. Essa língua e o **vernáculo** - estilo em que o mínimo de monitoração ou atenção e dispensado a fala. (COELHO, 2010, p. 116 – grifos nossos)

Ou seja, durante as buscas para encontrar as colaboradoras aptas para a entrevista, a entrevistadora conversou pessoalmente com as docentes para combinar a data das aulas e os dias que seriam favoráveis para realizar a coleta de dados.

Isso porque todas as colaboradoras possuíam de 10 a 20 horas/aulas, ou seja, havia turmas maiores e menores em relação à quantidade de alunos e o planejamento pedagógico também contou como um fator importante, pois algumas semanas de aula eram destinadas somente à correção de atividades, enquanto outras, a explicação do conteúdo.

Levando em conta essas considerações, a pesquisadora percebeu então, durante essas conversas, que todas as professoras possuíam o falar cacerense vivo em sua linguagem. Algumas docentes com mais marcas na oralidade, enquanto outras apresentavam menos a presença do falar em questão.

Nesse momento, o vernáculo se fez presente com maior aparição do que durante as coletas de dados, já que a conversa fora da sala de aula, demonstrava menos formalidade e atenção nas colocações.

A extensão de alguns áudios que chegaram a 40 minutos, se deu também a esse aspecto: com o passar do tempo de aula, a pesquisadora notou que as informantes foram ‘se acostumando com o celular gravador, e com isso, passaram a conversar com a turma com mais naturalidade’, deixando a preocupação com o ‘politicamente correto’ de lado.

## CAPÍTULO V

### ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE

Neste capítulo, elencaremos as variações encontradas e as classificações que cada variação corresponde, fazendo com que a nossa análise caminhe para os resultados finais da pesquisa.

#### 5.1 Discussão dos Dados e Resultados

Em relação aos dados, especificamente no tocante à gravação feita da fala das professoras cacerenses, vale destacar que cada gravação durou em torno de 15 a 40 minutos. Essa variação se deu pela quantidade de alunos na sala, que em alguns momentos, ocasionou o não entendimento da fala do docente, por isso, a extensão das gravações. Obtivemos de cada transcrição, algo em torno de uma lauda e meia, já que a fala na maioria das vezes era de acordo com a conversação com os alunos de modo direto.

Para nortear a nossa busca, dentre as teorias elencadas no decorrer do trabalho, determinamos como base as proposições das autoras Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro e Patrícia Fabiane Amaral Cunha (2013), no estudo sobre *Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil*, publicado pela Revista LinguiStica, em 2013.

As autoras nos ensinam o seguinte:

Os estudos sobre a variação e mudança linguística são orientados e motivados a responder a uma questão central: *como, onde e por que ocorre determinada mudança linguística?* Assim, considera-se que o estudo da mudança leva em conta sua trajetória, cujas fases envolvem variantes linguísticas em coexistência e competição dentro de uma determinada comunidade e a sobrepujança de uma sobre a outra ao longo do tempo. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 02 – grifos das autoras)

As autoras, ao apontarem a existência de uma sobrepujança, nos indicam a possibilidade de encontrarmos uma variação sobreposta a outra variante linguística já existente naquela comunidade, no caso, a sala de aula e o informante que se encontra inserido no espaço escolar exercendo o seu papel de docente.

A busca pelo resultado final da pesquisa poderá nos revelar a existência ou não de uma variante nova, assim como o funcionamento de variantes já existentes que se fluíram em um determinado tempo dentre toda a sua vivência, até os dias atuais.

As autoras ainda complementam o fato de não haver a sobrepujança de uma variante sobre a outra:

Porém, quando não há a sobrepujança de uma das variantes, não ocorre uma mudança linguística: as formas variantes convivem, cada qual com seu campo de atuação, configurando-se como variação estável; ou a variante inovadora, mesmo que recorrente, não suplanta a variante conservadora, desencadeando um processo de manutenção linguística. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 02)

Elas deixam claro o que Tarallo e Labov apresentam em suas obras: não encontrar um resultado novo, também é um dado importante se tratando da pesquisa sociolinguística. A inércia de uma variante, também carece de uma explicação já que a mudança linguística é constante enquanto uma comunidade se comunica.

Nesse sentido as variações, encontradas nas falas das professoras, seguiram as seguintes classificações:

#### I- No nível fonético:

No nível fonético: nasalização do /i/ (igual>ingual, igreja>ingreja); perda de nasalização da vogal átona final (virgem>virge); síncope (cócega>cosca); inversão do /w/ (tábua>tauba); redução dos ditongos (baixo>baxo, autoridade>otoridade); vocalização da palatal /l/ (filha>fia) ou hipercorreção (alfaiate>arfalhate); permuta de /l/>/r/ e /v/>/b/ (problema>probrema; verruga>berruga); apagamento de diferentes segmentos sonoros (*pode>pó, perto>per, como é>cumé, com a >ca, dentr da>denda, para>pa/prá, pra você>procê*, aférese (está>tá); síncope (para>pra); ditongação (vocês > voceis); alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 08-09)

#### II- No nível morfológico:

No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal (os livros>os livro); ausência ou pouco uso do subjuntivo (ame>amá); prevalência da desinência de terceira pessoa do singular no uso dos verbos, exceto na primeira pessoa do singular (eu amo, tu/você/ ocê,/ cê ama, ele/es ama, nós ama, voceis/ôceis/ceis ama, eles/eis ama), o que resulta na ausência de concordância verbal; alteração fonética das desinências do pretérito perfeito do indicativo (foram>foru; andaram>andaru, apagamento do /r/ do infinitivo (falar>falá); monotongação no pretérito perfeito (*falou>falô*); redução da desinência do gerúndio (falando>falanu); ausência de concordância entre o verbo e sujeito, principalmente quando o sujeito é posposto (baixou os preços) etc. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 08-09)

#### III- No nível sintático:

Emprego dos pronomes retos como acusativo (ele viu nós na casa; não vi tu lá), alteração na regência verbal (assistir ao filme>assistir o filme; ir ao cinema>ir no cinema); emprego do pronome reto de terceira pessoa como acusativo (ele viu ele na casa; não vi ele lá) etc. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 08-09)

Sendo assim, seguem abaixo nos recortes de A1 a A5 algumas variantes encontradas e uma breve classificação das variações elencadas por Ribeiro e Lacerda (2013), divididas por informante de acordo com a idade:

## A) Apresentação dos Recortes de Fala das Informantes

### A.1 Recortes da colaboradora A1:

- a) Contexto: *“Então pra agora nós vimos apenas tirinhas, né”*.

A1= Então “pra” agora nós. Nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros;

- b) Contexto: *“ces querem as histórias em quadrinho; são um pouco mais longas”*.

A1= “Cês querem”. Nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros.

### A.2 Recortes da colaboradora A2:

No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal, no qual temos:

- a) Contexto: *“nós vamo ler agora o pensamento do cachorro, e o cavalo que defecava dinheiro, página 60”*.

A2= nós “vamo” ler No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal;

- b) Contexto: *“vamo lá, o testamento do cachorro (leitura do cordel), o que que vocês entenderam? Hum? Morreu de que?”*

A2= “vamo” lá > No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal;

- c) Contexto: *“Ele quiria enterrar o cachorro né”*.

A2= Ele “quiria” enterrar o cachorro > No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/o>u) etc;

- d) Contexto: *“e us fatos se passaram em qui lugar? Então, pra ele enterrar o cachorro”*.

A2= “Us” fatos se passaram em “qui” lugar? > No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

- e) Contexto: *“Ele tava confundindo quem com o gigante? Os moinhos, então e como que vocês acham que esse cordel termino gente?”*

A2= Ele “tava” confundindo > No nível fonético síncope, pois houve o apagamento do ‘es’ da palavra estava;

- f) Contexto: *“e como que vocês acham que esse cordel termino gente?”*

A2= que esse cordel “termino”? Nível morfológico, com o apagamento da vogal final ‘u’;

- g) Contexto: *“página 63. ‘fulano’, já? Vamos, tô esperando!”*

A2= Vamos “tô” esperando No nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros;

- h) Contexto: *“como qui é o tipo de história, o estilo dela, característica, hum, não qual semelhança qui vocês conseguiram perceber?”*

A2= como “qui” é o tipo de história. No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

- i) Contexto: *“Dom Quixote, genti ó percebe-se o que ai na história de cordéis, qui são uma história humorada”.*

A2= Dom quixote, “genti” ó percebe-se. No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

- j) Contexto: *“Dizemos que o verbo está na voz passiva, ou seja, quando temos uma oração nela ao sujeito e ela recebe essa ação”.*

- k) A2= Na “voz” passiva. No nível fonético, ditongação “Voz/voiz”.

### A.3 Recortes da colaboradora A3:

- a) Contexto: *“Perfeito, muito bom, então tão com o conteúdo afiados na ponta da língua”.*

A3= Então “tão” com o conteúdo. No nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros;

- b) Contexto: *“Na semana passada vocês fizeram atividade quatro, cinco terminaram? Teve dúvidas?”*

**A3=** Vocês fizeram “atividade”. No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal;

- c) Contexto: *“enquanto isso eu vou pedir pros os demais que já fizeram desenvolver a leitura do texto”*.

**A3=** Vou pedir “pros” os demais. No nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros;

- d) Contexto: *“O qui qui perdeu, o qui qui ganhou, ó nós tínhamos aqui não é isso, agora nós temos isso aqui, o N, isso aqui é um processo de formação de palavras”*.

**A3=** O “qui qui” perdeu. No nível fonético, alteamento de vogais;

- e) Contexto: *“Teve dúvidas? Conseguiu Lucas? Todas? Menos essas né?”*

**A3=** Teve dúvidas? No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal;

#### **A.4 Recortes da colaboradora A4:**

- a) Contexto: *“Fulano, que qui ce entende por oração? Oração é quando tem um verbo”*.

**A4=** Que ‘qui’ ‘ce’ entende. Qui: No nível fonético, alteamento de vogais, e ‘Ce’: No nível morfológico, prevalência da desinência de terceira pessoa do singular no uso dos verbos;

- b) Contexto: *“ota frase tem que ter um sentido, porque sem sentido não há comunicação”*.

**A4=** “Ota” frase tem. No nível fonético, redução dos ditongos;

- c) Contexto: *“Vocês vão ficar queto, vocês tem que ficar queto”*.

**A4=** vocês “vão ficar”. No nível morfológico: flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal;

d) Contexto: *“Vocês vão ficar quieto, vocês tem que ficar quieto”*.

A4= *vocês vão ficar “quieto”*. No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

e) Contexto: *“Vamo escreve aqui, está turma é composta por vinte e seis alunos, ai, tem verbo aqui nessa frase?”*

A4= *“vamo” escreve aqui*. No nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros.

### A.5 Recortes da colaboradora A5:

a) Contexto: *“Vamos lá pessoal, todos eu to gostando de ver a curiosidade de vocês receberam a apostila ontem alguns nem sequer abriu”*.

A5= *Eu “to” gostando de ver*. No nível fonético, apagamento de diferentes segmentos sonoros;

b) Contexto: *“A gente vai ter aqui, uma imagem. Eu gostaria que vocês fizessem a leitura dessa imagem”*.

A5= *“A gente vai ter aqui”*. No nível morfológico, ausência de concordância entre o verbo e sujeito;

c) Contexto: *“Tem como a gente diXtinguir ai esse repórter, porque não aparece o rosto é uma mulher? Um homem? O que que faz vocês deduzirem que é uma mulher?”*

A5= *Tá “cum” que*. No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

d) Contexto: *“Todos ja pensaram qual é a reXponsabilidade do profissional desse? Porque que a responsabilidade dele é grandí?”*

A5= *A responsabilidade dele é grandí?* No nível fonético, alteamento de vogais (e>i/ o>u) etc;

e) Contexto: *“Muita vezes as pessoas, eu acredito que as fake News elas se propagam com tanta rapidez porque as vezes as pessoas não tem o habito de ler”*

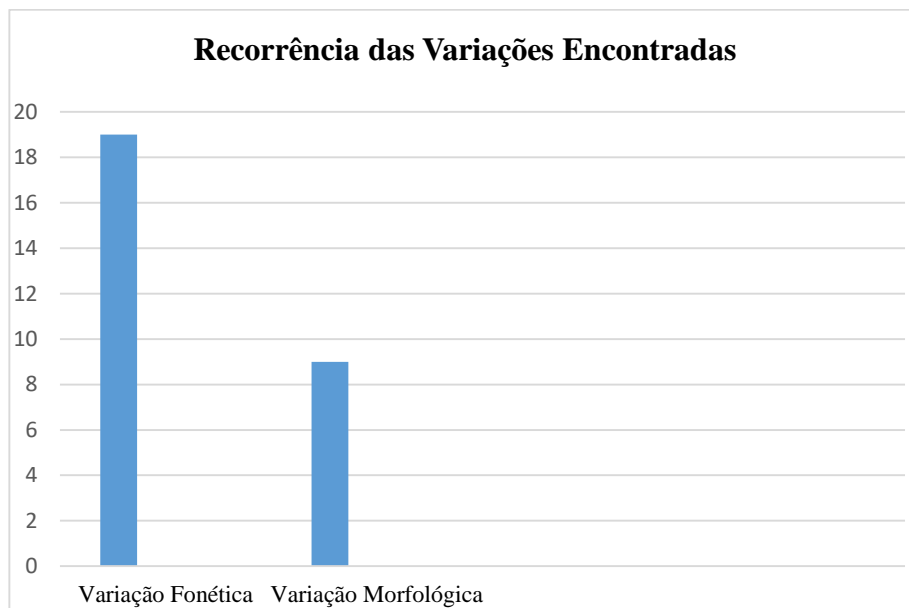
A5= *“Muita” vezes as pessoas*. No nível morfológico, flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal.



Vejam no gráfico a seguir (Gráfico 1), a recorrência das variações encontradas de forma livre, observando a organização do falar de cada informante em momentos de conversação e explicação do conteúdo pedagógico.

Nesse primeiro momento da transcrição, a proposta foi observar a organização frasal concomitante à norma padrão, apontando as variações com a naturalidade que estas merecem.

**Gráfico 1** - Sistematização das variações das professoras



**Fonte:** (Autoria própria, 2022)

Na tabela seguinte (Tabela 1), podemos observar detalhadamente as variações que correspondem aos valores acima, de acordo com as informantes.

**Tabela 1** - Tipos de variações

Tipo de Variação	Palavra	Informante
Fonético	<i>Pra</i>	A1
Fonético	<i>Cês</i>	A1
Morfológico	<i>Vamo</i>	A2
Morfológico	<i>Vamo lá</i>	A2
Fonético	<i>Quiria</i>	A2
Fonético	<i>Us</i>	A2
Fonético	<i>Tava</i>	A2
Morfológico	<i>Termino</i>	A2
Fonético	<i>Tô</i>	A2
Fonético	<i>Qui</i>	A2

Fonético	<i>genti</i>	A2
Fonético	<i>Voiz</i>	A2
Fonético	<i>Tão</i>	A3
Morfológico	<i>Atividade</i>	A3
Fonético	<i>Pros</i>	A3
Fonético	<i>Perdeu</i>	A3
Morfológico	<i>Teve</i>	A3
Fonético	<i>Qui</i>	A4
Morfológico	<i>Ce</i>	A4
Fonético	<i>Ota</i>	A4
Morfológico	<i>Vão ficar</i>	A4
Fonético	<i>Vamo</i>	A4
Fonético	<i>Qui</i>	A4
Fonético	<i>Tô</i>	A5
Morfológico	<i>A gente vai ter aqui</i>	A5
Fonético	<i>Cum</i>	A5
Fonético	<i>Grandi</i>	A5
Morfológico	<i>Muita vezes</i>	A5

**Fonte:** (Autoria própria, 2022)

Diante desta tabela (Tabela 1), Braga e Mollica (2020, p. 29) nos ensinam que “a escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes, quanto à apropriação da norma de prestígio”.

Ou seja, a informante A2 detém mais encontros variáveis do que as outras professoras-colaboradoras deste estudo. Ela é mestre em outra área de ensino na licenciatura, enquanto a informante mais nova, A1, é doutoranda na mesma área de pesquisa que a nossa. A informante A1 foi a professora que menos apresentou o uso de variações fonéticas e morfológicas, sendo que o seu repertório linguístico corresponde à norma padrão é maior do que o das outras participantes.

Percebemos que a informante A2 possui um maior distanciamento da fala acadêmica, em relação a informante A1. O que em sala de aula, não difere em nenhum momento da sua capacidade de ensinar língua portuguesa, assim como todas as participantes da pesquisa.

É justamente o ponto crucial desta pesquisa, no sentido que procurar mostrar que o professor de português também demonstra em suas falas, variação linguística. Ao mesmo tempo vamos, além disso, explicando os motivos que o fazem pertencer ao campo de estudos

da sociolinguística. Esse acontecimento não faz com que os seus ensinamentos sejam deficitários, nem que o aprendizado dos alunos não seja alcançado.

Durante as coletas de dados e transcrições, notamos as aparições de algumas palavras ditas com o falar cacerense. Na tabela a seguir (Tabela 2), podemos verificar isso:

**Tabela 2** - Detecção de traços fonéticos do falar cacerense

Informante	Falar cacerense	Norma padrão
A2	e[ 'fɨf]tudamos	estudamos
A2	dai[ 'fɨf]	das
A2	vo[ 'fɨf]	voz
A3	ju[ 'fɨf]taposição	justaposição
A5	e[ 'fɨf]trema	extrema
A5	quest[ 'õ]	questão
A5	a[ 'fɨf]	as
A5	di[ 'fɨf]tinguir	distinguir
A5	re[ 'fɨf]ponsabilidade	responsabilidade

**Fonte:** (Autoria própria, 2022)



Aponte a câmera do seu smartphone nesse código para ouvir em áudios, as palavras recortadas da Tabela 2.

Na tabela anterior (Tabela 2), notamos a presença da troca de ditongos por vogais nasais (questão>queston) e a sonoridade marcante do som de X. Na fonética e fonologia é importante frisarmos que os sons transitam da forma que são, porque simplesmente funcionam assim, o que é percebível em uma região do país, por exemplo, nem sempre é percebível em outra localidade.

O que nos chama a atenção do porquê dessa predominância da troca de ditongos por vogais nasais e observância do som de X são tão característicos em nossa cidade. Em sala de

aula, as palavras demarcadas no quadro, possuíram a finalidade de transmitir conhecimento e assim foi feito.

Segue abaixo a contextualização das palavras do falar cacerense, citadas na tabela anterior (Tabela 2):

Informante A2

- 1) “Lembra que nós ‘e[ˈʃi]tudamos’ a menina avoadá?”;
- 2) “É diferente ‘dai [ˈʃi]’ outras, a gente não vê assim um humor dentro da história?”;
- 3) “A gente vai ter o verbo na ‘vo[ˈʃi]’ passiva, na reflexiva”.

Informante A3

- 1) “Ó meu coração, por composição, por ‘ju[ˈʃi]taposição’, e composição por aglutinação”.

Informante A5

- 1) “Tem como a gente ‘di[ˈʃi] tinguir ai esse repórter, porque não aparece o rosto é uma mulher?”;
- 2) “Já pensaram qual é a ‘re[ˈʃi]ponsabilidade’ do profissional desse?”;
- 3) “Esse profissional ele tem um ‘e[ˈʃi]trema’ importância por que?”;
- 4 e 5) “Então, o que que ‘a[ˈʃi]’ fake News tem haver com a ‘quest[ˈõ]’ da notícia?”

Nos dados das informantes A1 e A4 não foram encontrados indícios ou marcas do falar cacerense.

A informante A1 não demonstrou quaisquer indícios da presença do falar cacerense. A colaboradora manifestou total espontaneidade durante a coleta de dados, houve entrosamento dela com os alunos, inclusive sua aula aconteceu de modo descontraído. No caso, ocorreram momentos em que os alunos se sentaram ao lado de sua mesa e até conversaram sobre assuntos pessoais que se distanciavam do conteúdo pedagógico da aula.

Enquanto a informante A4 seguiu o roteiro da aula, com o livro didático sempre em mãos, fez a leitura dos conteúdos propostos e mesmo em momentos de descontração com os alunos, não fez uso do falar cacerense em sala de aula. Um fator importante é que durante a

combinação entre a professora e esta pesquisadora, foi possível notar que a colaboradora faz uso do falar cacerense, inclusive com bastante sotaque.

São dados que não podem ser constatados por terem sido percebidos fora da sala de aula. Labov nos ensina que:

Em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo o comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões. (LABOV, 2008, p. 251)

O caso da colaboradora A4 nos mostra um paradoxo em que a norma padrão e o falar regional enfrentam. É a forma real de como o livro didático atual, ainda contribui para o apagamento das variantes linguísticas que os falantes carregam consigo. A professora demonstrou estar condicionada ao que o livro didático impõe.

Enquanto as colaboradoras A2, A3 e A5, demonstram momentos em que tentam lidar com um sistema que não abrange a diversidade linguística. É importante discorrermos sobre variação e ensino de línguas, em que lemos:

Uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprenderam em casa das variedades cultas, e possam trabalhar sistematicamente [...]. (CYRANKA, 2015, p. 27).

Assim sendo, as colaboradoras que utilizaram palavras/traços do falar cacerense em sala, demonstraram um enriquecimento cultural que fez com que muitos alunos se sentissem em casa, e com isso, fora quebrado a linha tênue entre professor e alunos. Nessas três salas de aulas, foi percebida uma maior socialização entre docente/discentes e a familiarização dessas práticas linguísticas.

É válido afirmarmos que o falar cacerense possui suas particularidades, e em nosso quadro frisamos o aparecimento das trocas entre do som de S ['esi], pelo som de X ['fi], como também a troca de ditongos por vogal nasal, como é o caso de /questão/ por /queston/.

Bisinoto ressalta algumas particularidades do falar cacerense. Em nosso estudo, observamos a presença de duas dessas marcas apresentadas, em que temos:

1- A troca de ditongos por vogais nasais e reciprocamente: “amanhão”; “mação”; “coraçõh”; “caminhõh”, 2- Na sintaxe é possível observar alterações na ordem dos constituintes da frase em relação ao uso comum: “Está demais de nervoso”, “Teimoso que tá esse guri”. Ou a supressão de preposições, artigos e verbos: “Cuidado a dengue!” (= Cuidado com a dengue!); “Cara de Pelé!” (= Ele é a cara de Pelé!). (BISINOTO, 2007, p. 20).

Na tabela 2, logo acima, é perceptível a quantidade de palavras encontradas de variações fonéticas e fonológicas, entre a ordem dos constituintes e a supressão de preposições, artigos e verbos. Por exemplo, na fala da colaborada A3= “teve dúvidas?”, A5: “A gente vai ter aqui”.

O roteiro de entrevistas entregue para as informantes durante o processo de coleta de dados contribui para uma análise fiel ao vernáculo, pois as colaboradoras responderam à mão, tendo total privacidade do gravador de voz que as acompanhava em sala de aula, durante o seu trabalho de modo direto.

Com as respostas em mão, a pesquisadora, juntamente com sua orientadora, optou por fazer a análise da resposta de nº 10 que perguntava sobre o que as colaboradoras achavam do falar cacerense.

Perguntas desse tipo, de valor pessoal que fazem com que os entrevistados procurem na memória por lembranças, momentos ou que olhem para o seu interior, faz com que a entrevista como um todo se torne agradável e menos incômoda.

É o que a autora Coelho (2010) nos diz:

Porque ao envolver o falante em tópicos que recriem emoções fortes vividas no passado (por exemplo, fazendo perguntas como ‘Você já passou por uma situação em que correu perigo de morte? Como foi? ’), o entrevistador faz com que o informante desvie a atenção de sua própria fala, deixando o vernáculo emergir. (COELHO, 2010, p. 116 – grifos da autora)

Métodos de conversação foram utilizados para que as informantes se sentissem confortáveis durante as coletas de dados, assuntos que tratavam sobre o ano de formação, área de atuação e perguntas sobre o desenvolvimento dos conteúdos que elas estavam trabalhando naquele momento, as deixaram tranquilas e dispersas quanto à presença do gravador de voz.

## **B) Transcrições das respostas de nº 10, das participantes do estudo:**

Neste momento da pesquisa, seguem as transcrições das respostas no tocante à questão de nº 10 (O que você acha do falar cacerense? conforme Apêndice, p. 119) de cada informante e as análises realizadas sobre as respostas.

### A1: Resposta da colaboradora A1

“Assim, como todos os falares **apresenta** características peculiares, as diversidades linguísticas cacerenses também as apresentam, sendo tais variedades constituintes da identidade cacerense, por este motivo é um falar bonito”. (Informante A1, grifos nossos).

Observamos no recorte da informante A1, na 1ª linha a presença do nível linguístico interno, em que a professora utilizou o verbo ‘apresentar’, na terceira pessoa do singular – *apresenta*, no presente do indicativo, quando poderia ter usado o plural ‘apresentam’ na mesma categoria que fora utilizado por ela.

Essa informante não demonstrou preocupação em sala de aula quanto à coleta de dados. Mas o que nos chama a atenção, é ela sentir orgulho do falar cacerense, pois afirma que toda sua família mantém traços linguísticos vivos, o que a faz ter a consciência da importância de se manter essa língua.

Porém, os anos que essa informante vem passando na pós-graduação, e em sala de aula atuando como docente, a fizeram perder muito sobre a vivacidade de falar. É notório o efeito do apagamento linguístico nesta participante da pesquisa.

### A2: Resposta da colaboradora A2

“Um falar cultural que nos dias atuais percebe-se que já perdeu muito a sua variação, pois em Cáceres já **reside** muitas pessoas de culturas diferentes fazendo com que nossa identidade fuja um pouco da nossa cultura”. (Informante A2, grifos nossos).

Notamos no recorte da informante A2, na 3ª linha ao afirmar que na cidade de Cáceres já “reside muitas pessoas...”, utilizou a verbo ‘residir’ na mesma condição da informante A1.

Característica da flexão de plural apenas em um elemento do sintagma verbal, a troca seria simples, para a 3ª pessoa do plural, na mesma categoria de conjugação.

### A3: Resposta da colaboradora A3

“É um falar característico dos nativos **cacerese** que marca toda uma cultura de uma comunidade simples, hospitaleira e de tradição. É uma cultura maravilhosa. Amo o falar cacerense”. (Informante A3, grifos nossos).

Verificamos no recorte da informante A3, na 1º linha um pequeno descaminho na ortografia da palavra ‘cacerese’, quando na verdade a intenção da professora era escrever “Cacerense”. Justificado pela correria de sala de aula, pois o questionário fora respondido durante a gravação, enquanto os alunos realizavam atividades propostas por ela.

#### **A4: Resposta da colaboradora A4**

O falar cacerense é fantástico porque nós falantes da língua materna e que nascemos, crescemos e constituímos família aqui – comunicamos com muita expressividade, pronunciamos todas as sílabas das palavras e somos perfeitamente compreendidos por pessoas que amam a língua brasileira”. (Informante A4, grifos nossos).

Não foi encontrado nenhum tipo de variação interna na escrita da informante A4.

#### **A5: Resposta da colaboradora A5**

“**Muito interessante, porém sofre muito preconceito**, quando uma pessoa ainda tem marcas desse falar é vítima de brincadeiras inconvenientes, então as pessoas tendem a querer se “livrar” dessas marcas. Outra coisa que podemos observar é que normalmente esse falar é utilizado por personagens de humoristas, o que muitas vezes não é bem recebido pelas pessoas que são falantes do cacerense, ninguém gosta de ser representado somente em situações de humor”. (Informante A5, grifos nossos).

Na resposta da informante A5, observamos flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal - **sofre**, no entanto, a professora levanta a bandeira do preconceito linguístico, quando começa a resposta generalizando a pergunta e logo em seguida, se transporta para o seu lugar de fala.

O tema do preconceito linguístico foi levantado por alguém com representatividade, pois, uma coisa é conhecermos o preconceito linguístico por teorias, de autores que generalizam o termo. Já que, por exemplo, o preconceito é preconceito em qualquer regionalidade do país.

O que a informante nos relata é que o humor é um fator utilizado para caracterizar o ‘cacerense’ em diversas situações, enquanto existem outros meios de se referenciar quem nasce em Cáceres.



Podemos perceber que essa docente em momentos alternados em sala, detém do falar cacerense e não sente vergonha de utilizá-lo, muito pelo contrário. O seu desabafo só nos mostra que Cáceres detém de uma regionalidade presente e ativa tanto nas redes sociais, quanto nas ruas das cidades, e que a universidade está no caminho certo ao desenvolver estudos que devolvam para a comunidade que não é só o humor que consegue propagar um falar.

Conseguimos manter a língua cultural viva, analisando-a e divulgando os trabalhos realizados a respeito disso, com ética e pluralidade.

As demais perguntas respondidas pelas informantes do questionário da pesquisa (ver página 79) serviram para nos apontar as seguintes inferências e considerações analíticas:

- 
- ✓ Em relação ao fator extralinguístico idade 17 anos separa a informante mais nova da informante de maior idade;
  - ✓ Em relação ao fator extralinguístico escolaridade, a idade média de formação de cada uma ultrapassa a faixa de 9 anos; sendo que informante A5 possuindo 21 anos de experiência em sala de aula incluindo o antigo magistério;
  - ✓ A informante mais nova não se distanciou do sotaque ao comparar a sua fala com a informante de maior de idade, levando em conta que a mudança ocorre com o tempo.
  - ✓ Dessa forma, podemos inferir que a inserção do falar cacerense predomina de forma concomitante as fases da vida dos moradores da cidade, tendo em vista que 17 anos é um tempo considerável para se respaldar. Assim sendo, o modo de falar que a informante mais velha aprendeu no decorrer de sua vida no quesito modo de falar, atingiu indiretamente a informante mais nova da pesquisa.
  - ✓ Em relação ao fator extralinguístico diatópico, os pais das colaboradoras A1, A2, A3 e A4 são cacerenses, enquanto o pai da informante A5 nasceu em Poconé – MT; mas todas as colaboradoras da pesquisa são nascidas em Cáceres;
  - ✓ Todas as participantes da pesquisa nasceram, estudaram/estudam em Cáceres;
  - ✓ O princípio da formalidade, discorrido por Monteiro (2020, p. 84), foi notado através da colaboradora (EA1), pois durante as conversas entre a pesquisadora e a informante, o falar cacerense se fez com maior presença do que em sala de aula na hora da gravação. Todavia, justificado posteriormente pelo fato desta colaboradora estar no doutoramento,

ou seja, o tempo de estudos a distanciou da naturalidade da profissão. Em sala de aula, ela atua conforme o pedagogicamente proposto;

- ✓ Essa pesquisa ocorreu em busca de coletar o estado vernacular da língua e assim foi feito, de maneira ética e descontraída, dessa maneira obtivemos por meio da coleta de dados, resultados concretos do que foi idealizado;
  - ✓ O princípio da mudança de estilo foi observado durante a coleta de dados das informantes (EA4) e (EA5), quando assuntos entre os alunos e as docentes seguiram por caminhos pessoais, voltados para pontos de vista sem acréscimo para a pesquisa e,
  - ✓ Por último, o princípio da uniformidade, foi observado em todas as colaboradoras, pois o falar cacerense não é uma linguagem atual, todavia seus traços linguísticos vêm se modernizando com o passar do tempo devido às novas gerações que passam a utilizar deste falar. Com a influência das redes sociais, percebemos que novas junções entre a gramática normativa e o falar cacerense, fazem parte do dia a dia da sociedade.
- 

O grau de escolarização das informantes é um fator que influenciou na pesquisa, advindo da quantidade de tempo que as colaboradoras passaram/passam inseridas no ambiente pedagógico regido pela gramática normativa.

Sabendo que o modo de falar infelizmente não acompanha a escrita em suas diferentes formas de utilização, já que as formas variam entre a escrita de um bilhete para a criação de um artigo científico.

A escrita se ajusta conforme o cenário de inserção, no caso, o uso linguístico se adequa à situação de interação social, sendo que infelizmente essa modalidade de separação não é algo inédito na pesquisa, pois a sociedade como um todo aprendeu a se encaixar nas mais variadas formas entre formalidade e informalidade.

É o que nos ensina Mollica *apud* Labov (1994) “as estruturas que sobrevivem nos textos escritos constituem o resultado de um esforço em direção à norma culta escrita, o que significa certa filtragem das formas linguísticas” (2020, p. 184).

Em outras palavras, a língua em uso se distancia da língua escrita, e isso reflete no dia a dia do falante de qualquer outra língua. Sabendo disso percebemos o distanciamento das respostas do questionário escritas das transcrições realizadas da língua em uso pelas professoras participantes deste estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos na língua a passagem do tempo... Sobre uma língua que supostamente segue a linha tênue da formalidade, podemos dizer que esta não possui uma historicidade fidedigna dos seus antepassados. A renovação linguística é constante, não tão rapidamente, no entanto, existe sempre uma mudança ou revolução em curso. Não significa que toda variação leva a mudança, mas, toda mudança decorre de uma variação.

Estudar o falar cacerense é poder trabalhar com um produto cultural que vem sendo moldado pela contemporaneidade, que depende de um falar centenário repassado por gerações. Desde os ribeirinhos até os centros urbanos da cidade, encontramos características e marcas desse modo de falar. Dos mais velhos aos mais novos, e até mesmo de pessoas que se sentem familiarizadas e/ou admiradas, se apropriam das características dessa variedade linguística.

Neste trabalho propusermos analisar os usos sociolinguísticos de professores de língua portuguesa, nascidos em Cáceres-MT, atuantes em cinco instituições de ensino básico, contemplando as séries do ensino fundamental II.

Por meio das transcrições, notamos as recorrências das variações fonéticas e morfológicas que estão inseridas no falar desses docentes, participantes do estudo. Ao todo, a maioria das recorrências encontradas está no nível da variação fonológica, totalizando dezenove ocorrências, enquanto atestamos nove ocorrências no nível morfológico.

Na variação fonológica, encontramos apagamentos de diferentes segmentos sonoros, exemplos: não é>né; cês>vocês; como também no nível síncope, exemplo: tava>estava; no nível de alteamento de vogais, exemplos: qui>que; queto>quieto; grandí>grande; cum>com, no nível de redução de ditongos, exemplo: ota>outra.

Enquanto na variação morfológica, verificamos o uso de flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal, exemplo: teve dúvidas?>tiveram dúvidas? nós vamo ler>nós vamos ler, no nível de apagamento da vogal final ‘u’, exemplo: cordel termino?> cordel terminou? E a ausência da concordância entre o verbo e o sujeito, exemplo: a gente vai ver aqui> Nós veremos aqui.

Ao classificarmos nossas informantes por idade, percebemos que a as variações fonéticas e fonológicas ocorreram em sua maioria, com a informante A2, ou seja, a segunda colaboradora mais nova da pesquisa.

Enquanto a colabora A1, mais nova, demonstrou duas aparições nessas classificações. Porém, a professora A1 nos ensina um fator incontestável: por ser a única doutoranda e passar muito tempo na qualificação juntamente em sala de aula, atuando como docente, notamos um apagamento no modo de falar regional dessa entrevistada. Não encontramos o falar cacerense no seu vernáculo, tão pouco variações fonéticas e morfológicas em recorrência. Podemos inferir que um dos motivos seja pelo condicionamento da língua regional, pela norma padrão.

O falar cacerense foi encontrado com menor frequência do que foi esperado por essa pesquisadora. A percepção do som S pelo X representada pelo fonema [ˈʃiʃ] do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), foi constatado em 88,8% das palavras encontradas. Sendo a maior parte dessa constatação, proferidas pela informante A5, que detém da maior idade.

As autoras Braga e Mollica nos mostram que:

Existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. Isso pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição, no sentido que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. (BRAGA; MOLLICA, 2020, p. 15)

Por meio do que as autoras nos ensinam, constatamos que a variação fonética e morfológica das professoras de língua portuguesa nessa pesquisa, aparece em maior quantidade na segunda professora de menor idade (A2), enquanto a colaboradora de maior idade (A5), demonstrou com maior recorrência a utilização de traços do falar cacerense em sala de aula.

Temos em Braga e Mollica (2020, p. 43) que as pessoas de maior idade, tendem a preservar o jeito de falar mais antigo, no caso, se mostram mais resistentes as inovações linguísticas, sendo que isso pode ocorrer com pessoas das mais variadas classes sociais, profissões e sexo.

Nos estudos dessas mesmas autoras, também nos é relatado que “as mulheres orientam sua conversação de uma forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor” (BRAGA; MOLLICA, 2020, p. 35), ou seja, outro fator que se concretiza através desta pesquisa.

Por se tratar de informantes somente do sexo feminino, esse fator extralinguístico permeia sobre a forma como as colaboradoras conduziram suas aulas, contribuindo para o ensino da língua portuguesa, pautadas no diálogo com os alunos e o conteúdo pedagógico programado.

Ao buscarmos respostas para a inquietação correspondente em, como a concordância verbal opera diante da junção entre sotaque e norma culta, constatamos que a linguagem se organiza conforme a comunidade se adéqua às suas próprias regras. Ou seja, os alunos das respectivas professoras analisadas na pesquisa, possuem o falar cacerense como língua principal - o que torna o modo de falar, dessas professoras, familiar.

O reconhecimento do falar cacerense pelos alunos traz conforto ao professor em poder utilizar em seu lugar de fala como educador, uma linguagem com resquícios fraternos, tornando a sala de aula um lugar de extensão da cultura de Cáceres que promove o ensino do português de forma aberta e questionadora quanto à gramática normativa.

Ensinando os alunos de que “não é errado falar assim”, e que este “assim”, simplesmente condiz com a realidade de uma língua viva em pleno funcionamento, que advém de muitos anos de existência e que hoje, no presente, contribui para o aprendizado na língua portuguesa.

Outra situação que surge com frequência na pesquisa diz respeito aos recursos disponíveis para uso em larga escala, como os livros didáticos. No entanto, alguns pesquisadores sugerem que, mesmo com esse material, os professores podem encontrar formas de superar o planejamento linguístico e expandir o português para abranger sua diversidade.

Os autores Faraco e Zilles (2015, p. 301), pontuam sobre a problematização entre escola e variação linguística “O professor no mundo contemporâneo precisa ajudar a desfazer/desconstruir o que foi construído durante séculos – as barreiras linguísticas dentro do próprio país”.

No descompasso entre ensino e variação imposta pelo sistema arcaico, estamos diante de ideias que aos poucos estão sendo inseridas em sala de aula. Aprendemos em Faraco e Zilles que:

Cada um fala sua língua e se propõe a entender o outro e a ajuda-lo no acesso a essa língua escrita que, por enquanto, representa um obstáculo intransponível. Há necessidade de flexibilidade e maleabilidade e isso pode ser conseguido de uma forma lúdica [...] de modo de representar um envolvimento pessoal e emocional antes de focalizar o cognitivo. (FARACO; ZILLES, et.al. 2015, p. 301)

Durante as observações e coletas de dados, notamos que a quantidade de crianças que utilizam o falar cacerense é numerosa. O professor ao trabalhar seus conteúdos de maneira empírica da sua língua demonstra empatia e domínio sob o conteúdo aplicado. Já que ele consegue adequar a sua fala, sem deixar o conteúdo perder a seriedade necessária, para o momento de ensino.

Por fim, concluímos que as concordâncias verbais e nominais se ajustam ao falar cacerense e vice-versa, de maneira que favoreça o ensino do português em sala de aula. O falar cacerense aponta que a variação linguística é mais uma ferramenta a favor do ensino, nunca contra ele.

Deste modo, encerramos deixando claro que a Universidade segue em busca da defesa da variação do professor de língua portuguesa em atuação, e que a norma padrão não deve viver em competição com o modo que a sociedade se sente confortável em falar.

Ambas podem transformar a vida dos seus falantes e são legítimas manifestações de usos linguísticos e socioculturais. É isso que buscamos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, V. R. O.; DE SOUZA, M. C. F. O tratamento da variação linguística na formação continuada de professores–gestar II. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, 2013.

ASSUNÇÃO, A. L. **Variação linguística, uma realidade de nossa língua**. <Disponível em <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/variacao-linguistica-uma-realidade-nossa-lingua.htm>>. Acesso em: 14 fev 2022.

BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**: 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007. v. 1. 79 p.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Col. Linguagem, nº. 4) 112 p. ISBN: 85-88456-17-6.

\_\_\_\_\_. **Português brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: contexto, 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 09 mar 2022.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. **Conflitos entre norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa**. Tese de doutorado. Araraquara, Unesp, 1984.

CAMPELO, F. S. P. MACEDO-KARIM, J. Mídias faladas locais: um estudo sobre atitudes linguísticas em Cáceres-MT. **A Cor das Letras**, v. 20, n. 1, p. 155-176, 2019.

CAMPELO, F. S. P. CUMPRI, M. L. A dinâmica do significado do enunciado pela lente da teoria enunciativa de Culioli. **Traços de Linguagem-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 5, n. 1, 2021.

CAMPOS, F. R. A variação linguística no livro didático de PLE e sua percepção pelo professor. **Web Revista Sociodialeto**, v. 7, n. 21 SER. 1, p. 20-51, 2018.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, M. E. Manual da linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

COELHO, I. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DA SILVA, J. C. R. *et al.* A variação linguística no/do falar cacerense: um estudo do uso dos alofones africados [dʒ] E [tʃ]. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 12, n. 34, p. 1-14, 2021.

DE PINHO, M. E. V. MACEDO-KARIM, J. O uso do rotacismo no falar dos moradores do bairro vila mariana em Cáceres-MT. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 7, n. 2, p. 119-129, 2014.

DEUS, R. A. Variação Linguística na Sala de Aula. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 8, n. 23 SER. 3, p. 232-244, 2018.

DO CARMO, B. S.; SILVA, M. G. T.; MOREIRA, R. A.. A variação linguística no contexto escolar. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75 Supl., p. 711-28, 2019.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

\_\_\_\_\_. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer a norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FRAZÃO, D. Site: E- Biografia. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/ferdinand\\_de\\_saussure/#:~:text=Seu%20reconhecimento%20veio%20com%20a,tr%C3%AAs%20anos%20ap%C3%B3s%20sua%20morte](https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/#:~:text=Seu%20reconhecimento%20veio%20com%20a,tr%C3%AAs%20anos%20ap%C3%B3s%20sua%20morte)>. Acesso em: 25 jan 2021.

FREITAS, R. A. Variações Linguísticas e estigmatização da Fala. Algumas considerações para o professor de Língua Materna. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 3, n. 6, 2012.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

GUEDES, P. C.; SOUZA, J. M. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**, v. 9, p. 19-24, 2011.

IBGE. **Mato Grosso, cidades, Cáceres**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/historico>>. Acesso em: 02 set 2021.

LABOV, W. **Sociolinguistique**. Paris, ÉD. De Minuit, 1976, p. 259 (ed. or.: *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1972).

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.



LIMA, I. L. B.; VOGLEY, A. C. E.. O professor, as variações linguísticas e os erros: O que falta para uma Pedagogia sociolinguisticamente sensível? **Revista Lugares de Educação**, v. 2, n. 3, p. 98-110, 2012.

MACEDO-KARIM, J. *et al.* **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT. aspectos linguísticos e culturais = São Lourenço community in Cáceres-MT: linguistic and cultural aspects.** [s. l.]: [s.n.], 2012. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=cat09219a&AN=rpc.oai..876582&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

MACEDO-KARIM, J. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT.** 2004. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154636>>. Acesso em 20 abr 2022.

MACEDO-KARIM, J.; KARIM, T. M. **A vocalização da lateral palatal [ʔ]>[j] no falar da comunidade de Cáceres no alto pantanal.** Revista Ecos, v. 17, n. 2, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. **4 ed. Revisada e ampliada.** São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral.** Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964.

MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. VIEIRA; S. R. (Orgs). **Ensino de português e sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2021.

MENDES, S. C.; MACEDO-KARIM, J. **A variação regional no falar dos jovens Cacerenses.** Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 186–197, 2015. DOI: 10.30681/real.v8i1.620. Disponível em: <<https://periodicos2.unemat.br/index.php/reacl/article/view/620>>. Acesso em: 04 abr 2022.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L., (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L.. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREIRA, J. C. L. **A diversidade linguística do espanhol e fenômenos de variação linguística: um desafio ao professor de espanhol língua estrangeira (E/LE).** In: V Congresso nordestino de professores de Espanhol (nov. 2014). I Congresso Internacional do Ensino de Espanhol. Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2015. p. 88-96.

MURAD, C. R. R. O.; SILVA, Â. M. **Variação linguística e ensino de língua portuguesa: o professor da educação infantil como promotor do diálogo entre ciência e sala de**

**aula.** SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. I SIELP, p. 1-12, 2012.

PEDROSA, J. L. Variação fonético-fonológica e ensino de português. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

PEREIRA, B. G. *et al.* Como trabalhar variação linguística e gramática em sala de aula: uma reflexão. **Revista Ribanceira**, v. 1, n. 1, p. 107-119, 2013.

RIBEIRO, P. R. O.; LACERDA, P. F. A. C. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 9, número 2, dezembro de 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28 ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHMIDT, C. L. Na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 5, p. 360-363, 2015.

\_\_\_\_\_. Os movimentos dos estudos culturais: percursos teóricos e territoriais. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 5, p. 312-317, 2014.

SILVA, J. C. R., *et al.* A variação linguística no/do falar cacerense: um estudo do uso dos alofones africados [dʒ] E [ʃ]. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 12, n. 34, p. 1 - 14, jul. 2021. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/376>>. Acesso em: 13 abr 2022. doi: <<https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i34.376>>.

SILVA, M. J. G.; DE FRANÇA, J. M. E. S. O tratamento da variação linguística no livro didático de português no ensino fundamental. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 7, n. 1, p. 79-97, 2018.

SOARES, V. S. **Variação linguística no ensino de língua portuguesa: um olhar do professor de séries do fundamental II**. 2019. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.

SOBRINHA, C. S. S.; MESQUITA FILHO, O. P. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? **Anagrama**, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, 2006, Vol.1, novembro 2006. 01–10.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0009-67252005000200021](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0009-67252005000200021)>. Acesso em 04 mar2022.

TABARES IDÁRRAGA, L. E.; CISNEROS ESTUPIÑÁN, M.; AREIZA LONDOÑO, R. **Sociolingüística. Enfoques pragmático y variacionista**. Bogotá, Colombia: Ecoe Ediciones, 2012.

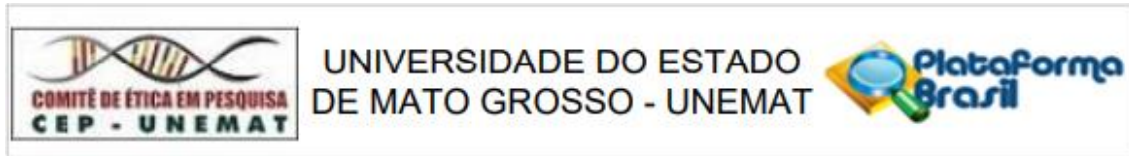
TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

VIEIRA, S. R.. Variação linguística, texto e ensino. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 3, n. 3, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

**ANEXO I**  
**COMPROVANTE A APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA, PELO COMITÊ**  
**DE ÉTICA E PESQUISA (CEP)**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA PRESENTE NA FALA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, NA CIDADE DE CÁCERES

**Pesquisador:** YARA FERNANDA DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 58273322.8.0000.5166

**Instituição Proponente:** UNEMAT

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.472.373

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:									
Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
P	58273322.8.0000.5166	2	YARA FERNANDA DE OLIVEIRA	5166 - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT		PO	PO	Aprovado	

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CACERES, 15 de Junho de 2022

Assinado por:  
**Raul Angel Carlos Olivera**  
 (Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Tancredo Neves, 1095

**Bairro:** Cavallhada II

**UF:** MT **Município:** CACERES

**Telefone:** (65)3221-0067

**CEP:** 78.200-000

**E-mail:** cep@unemat.br

**ANEXO II**  
**CARTA DE APRESENTAÇÃO DA MESTRANDA-PESQUISADORA**



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES



**CARTA DE APRESENTAÇÃO DA MESTRANDA- PESQUISADORA**

Cáceres-MT, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Prezado (a) senhor (a) diretor (a), \_\_\_\_\_.

Por meio desta Carta apresentamos a Mestranda Yara Fernanda de Oliveira, do 3º semestre do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, que está realizando a pesquisa intitulada “*A variação linguística presente na fala dos professores de língua portuguesa, na cidade de Cáceres - MT*”, sob a orientação da Profa. Dra. Cristiane Schmidt.

Vimos, através deste, solicitar sua autorização para execução e coleta de dados no tocante a essa pesquisa na escola. Para tal realização do estudo, utilizaremos processos metodológicos escolhidos levando em consideração os aspectos sociais da língua, bem como tiveram caráter quantitativo e qualitativo. A coleta a ser realizada na escola será composta por três etapas sendo essas: Levantamento da quantidade de docentes de língua portuguesa, logo após, eles serão convidados a responderem um breve questionário, e o terceiro e último passo, será a coleta dos dados por meio de um gravador de voz, durante a aula, em que a pesquisadora utilizará para a coleta de dados durante a aula, conforme o calendário escolar.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e do profissional entrevistado.

Ainda queremos dizer-lhe que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento desta pesquisadora em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa. Por outro lado, solicitamos-lhe, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização está em consonância com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e da pesquisa científica em nossa região.

Colocamo-nos à vossa disposição na UNEMAT pelo contato da minha Orientadora, a Profa. Dra. Cristiane Schmidt.

Contato telefônico: (45) 99818-1155 (Cristiane) / (65) – 999165857 (Yara)

E-mail: schmidt@ufpa.br

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

*Cristiane Schmidt*

*Yara Fernanda de Oliveira*

---

Dra. Cristiane Schmidt  
***Professora Orientadora***

---

Yara. F Oliveira  
***Mestranda Pesquisadora***

## ANEXO III

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – DOCENTES



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine as duas vias deste documento: uma delas é sua, a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvidas, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067 ou através do e-mail: cep@unemat.br.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

**Título do projeto:** A VARIACÃO LINGÜÍSTICA PRESENTE NA FALA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, NA CIDADE DE CÁCERES

**Responsável pela pesquisa:** Yara Fernanda de Oliveira

**Endereço e telefone para contato:** Rua Bom Jardim, 03. São Miguel. Cáceres – MT.  
Tel. 65-9 99165857

**Equipe de pesquisa:** Profa. Yara Fernanda de Oliveira

**Orientadora:** Prof. Dra. Cristiane Schmidt



- PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada  
CEP 78.200-000, Cáceres/MT  
Tel: (65) 3221-0067  
**E-mail: cep@unemat.br**





ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Você está sendo convidado para participar da pesquisa *“A variação linguística presente na fala dos professores de língua portuguesa, na cidade de Cáceres - MT”*, vinculado ao programa de pós-graduação em linguística PPGL/UNEMAT.

Nesta pesquisa, busco investigar como a ocorre a variação linguística do professor de língua portuguesa, diante da gramática normativa, no qual o docente ao seguir o planejamento pedagógico da escola, necessita seguir a norma padrão, deixando a sua primeira língua - o falar cacerense, de lado. Ao aceitar fazer parte desta pesquisa, o colaborador começará a ter momentos de sua aula gravados por esta pesquisadora em questão, com a ajuda de um gravador de voz. A coleta desse material acontecerá entre maio e junho de 2022. Dia e hora das gravações ocorrerá conforme o horário escolar no qual o docente estará inserido. Apesar do contexto de pós-pandemia, as gravações acontecerão de forma presencial via sala de aula, seguindo todos os protocolos de saúde sugeridos pelo Ministério da Saúde, bem como a utilização de máscara, álcool gel e distanciamento social.

Após a transcrição dos diálogos, as conversas serão descartadas. Qualquer item que identifique os sujeitos tanto nos materiais visuais, quanto nas conversas gravadas será omitido ou substituído (no caso de nomes de pessoas ou instituições que possam facilitar sua identificação, nomes fictícios serão atribuídos). Em nenhum momento os participantes da pesquisa serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim as identidades serão preservadas.

Os riscos de participação nesta pesquisa envolvem desconfortos de ordem emocional: reações emocionais negativas que poderão se manifestar quando o professor e os alunos compartilharem, por exemplo, histórias profissionais ou pessoais relatadas nas conversas com a pesquisadora. Nesse caso, a gravação será interrompida imediatamente se assim for mais confortável para as participantes. As participantes poderão procurar a pesquisadora para conversar e contar com todo o

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

- PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavahada  
CEP 78.200-000, Cáceres/MT  
Tel: (65) 3221-0067  
E-mail: [cep@unemat.br](mailto:cep@unemat.br)







ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



suporte emocional que for possível lhe oferecer pela própria pesquisadora e no âmbito da universidade.

Pode haver vazamento de informações confidenciais, uma vez que a coleta dos dados será realizada com a ajuda de um aplicativo de gravador de voz, existente no celular da pesquisadora. A quebra de sigilo por vazamento de informações involuntárias pode ser um risco aos participantes, mas todo cuidado será tomado para que isso não ocorra, para isso utilizarei a substituição constante de senhas do computador e a utilização de senha forte na conta e-mail assim como o cuidado com o celular que possui o gravador de voz, terá sua segurança redobrada. Informo que todos os dados ficarão armazenados na memória do computador particular da pesquisadora e em arquivo Drive (nuvem). Dessa maneira, mesmo que o celular ou o notebook seja furtado ou roubado, esclareço que os dados fornecidos pelos participantes estarão protegidos por códigos, pseudônimos, como informado acima e a identificação de quem forneceu torna-se, praticamente, impossível.

Outro possível risco é o desgaste pelo tempo que utilizaremos para realização das gravações, neste caso, buscarei focar nas explicações de conteúdos e interações entre o professor e os alunos, algo em torno de 15 minutos no máximo, intercalando quando necessário.

Os benefícios de participação nesta pesquisa incluem: Buscar identificar o lugar do professor de língua portuguesa natural da cidade de Cáceres, diante dos impasses provocados pela gramática normativa, que detém do politicamente correto. Ignorando o fato de que a variação linguística não distingue o certo e o errado, pois a identidade cultural desse profissional de letras o permite a ser livre no seu jeito de falar.

A nossa pesquisa procura ir além, ao procurar reiterar que não existe certo ou errado, conforme os pressupostos teóricos dos Estudos Sociolinguísticos. Os



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavahada  
CEP 78.200-000, Cáceres/MT  
Tel: (65) 3221-0067  
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



professores participantes não terão nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Reitero ainda que toda pesquisa envolvendo seres humanos apresentam riscos, mas que apesar disso e de todas as ações tomadas para evitar que ocorra qualquer desconforto.

Os dados obtidos ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por este projeto e poderão ser reutilizados para outros estudos e publicações científicas. Esclareço que o resultado da pesquisa será divulgado pela pesquisadora aos participantes e em eventos científicos, que se compromete em resguardar a identificação de todos os participantes, com a utilização de pseudônimos ou códigos nos escritos e em apresentações orais.

Os participantes não terão nenhum ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os participantes são livres para interromper suas participações nesta pesquisa e retirarem seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato a qualquer momento com a Profa. Yara Fernanda de Oliveira, pelo e-mail: [yara.oliveira@unemat.br](mailto:yara.oliveira@unemat.br).

Caso aceite participar deste estudo, preencha as informações abaixo, rubrique e assinie as duas vias deste documento.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavahada  
CEP 78.200-000, Cáceres/MT  
Tel: (65) 3221-0067  
E-mail: [cep@unemat.br](mailto:cep@unemat.br)





ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Local e data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



RG/ou \_\_\_\_\_

CPF:



Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Responsável pela Pesquisa: *Yara Fernanda de Oliveira*



**APÊNDICE I**  
**RESPOSTA Nº 10 DA INFORMANTE A1**

	<p>ESTADO DE MATO GROSSO          SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  <b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO</b>          PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO          CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA          CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES          PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</p>	
INFORMANTE A1	<p>10. O que você acha do falar cacerense?</p> <p><i>Assim, como todos os falares apresenta caracte-          rísticas peculiares, penso que as diversidades lin-          güísticas cacerenses são também as apresentam,          sendo tais variedades constituintes da identidade          cacerense, por este motivo é <sup>um falar</sup> <del>o</del> bonito.</i></p>	
	<p>Respondido e assinado por:</p> <p style="text-align: right;">Cáceres, <u>12</u> de <u>Maio</u> de 2022.</p>	



**APÊNDICE II**  
**RESPOSTA Nº 10 DA INFORMANTE A2**

	<p>ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA <b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO</b> PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</p>	 <div style="border: 1px solid red; width: 100px; height: 20px; margin: 0 auto;"></div>
<b>INFORMANTE A2</b>	<p>10. O que você acha do falar cacerense?</p> <p><i>Tem falar cultural que nos dias atuais parece-se que já perdeu muito de sua variação, pois em Cáceres já reside muitas pessoas de culturas diferentes fazendo com que nossa identidade seja um pouco da perda cultural.</i></p>	
	<p>Respondido e assinado por:</p> <p style="text-align: right;">Cáceres, <u>10</u> de <u>Maio</u> de 2022.</p>	



**APÊNDICE III**  
**RESPOSTA Nº 10 DA INFORMANTE A3**

	<p>ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA <b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO</b> PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</p>	
<b>INFORMANTE A3</b>	<p>10. O que você acha do falar cacerense?</p> <p><i>É um falar característico dos nativos cacerenses, que marca toda uma cultura de uma comunidade simples, hospitaleira e de tradição. É uma cultura maravilhosa. Como o falar cacerense.</i></p>	
	<p>Respondido e assinado por:</p>	
		<p>Cáceres, <u>04</u> de <u>maio</u> de 2022.</p>

**APÊNDICE IV**  
**RESPOSTA Nº 10 DA INFORMANTE A4**

	<p>ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA <b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO</b> PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</p>	
<b>INFORMANTE A4</b>	<p>10. O que você acha do falar cacerense?</p> <p><i>O falar cacerense é fantástico porque nós falantes da língua materna e que nascemos, crescemos e constituímos família aqui - comunicamos com muita expressividade, pronunciamos todas as sílabas das palavras e somos perfeitamente compreendidos por pessoas que amam a língua brasileira.</i></p>	
	<p>Respondido e assinado por: _____</p>	
	<p>Cáceres, <u>05</u> de <u>maio</u> de 2022.</p>	

**APÊNDICE V**  
**RESPOSTA Nº 10 DA INFORMANTE A5**

<b>INFORMANTE A5</b>		<p>ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA <b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO</b> PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</p>	
		<p>10. O que você acha do falar cacerense?</p> <p>Muito interessante, porém sofre muito preconceito, quando uma pessoa ainda tem marcas desse falar é vítima de brincadeiras inconvenientes, então as pessoas tendem a querer se "livrar" dessas marcas. Outra coisa que podemos observar é que normalmente esse falar é utilizado por personagens de humor.</p>	
		<p>Respondido e assinado por:</p> <p style="text-align: right;">Cáceres, 04 de maio de 2022.</p>	
		<p>ristas, o que muitas vezes não é bem recebido pelas pessoas que são falantes do cacerense, ninguém gosta de ser representado somente em situações de humor.</p>	